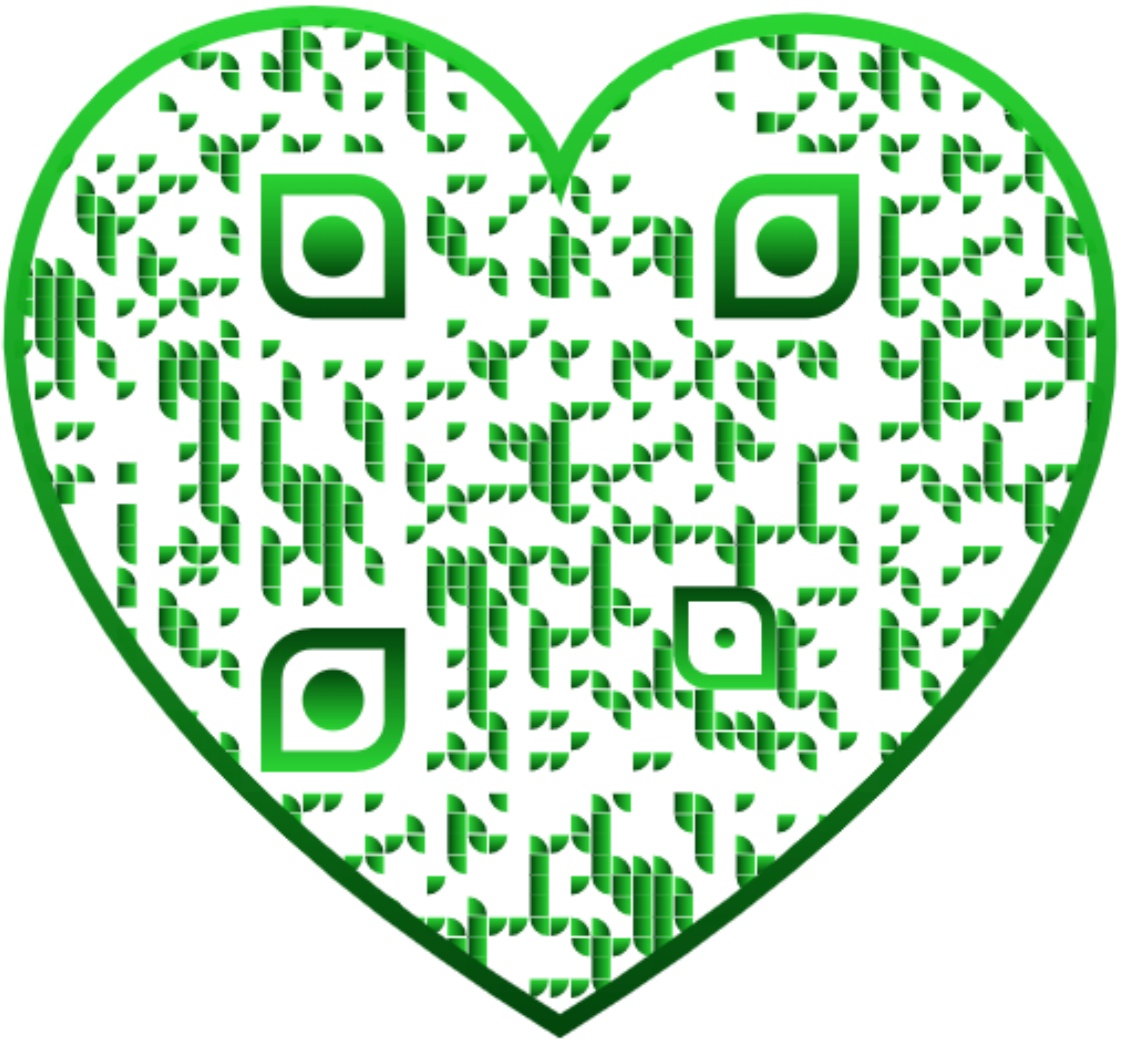
LOUD!

MENSAL
ANO XIX
N.º 211
10/2018
€3.50
[CONT.]

behemoth

NASHVILLE PUSSY THOU BLACK PEAKS
SOULFLY HATE ETERNAL HELRUNAR



"EPOCHAL, COMPLEX, OVERWHELMING!"
METAL HAMMER (GER)

behemoth

I LOVED YOU AT YOUR DARKEST

DIGIBOOK | DOWNLOAD | 2LP IN GATEFOLD & 24 PAGES BOOKLET
2PIC-LP IN GATEFOLD & 24 PAGES BOOKLET

SPECIAL BOX SET (EXCLUSIVELY AVAILABLE AT WWW.NUCLEARBLAST.DE)
(CONTAINING DIGIBOOK, 2LP IN GATEFOLD & 24 PAGES BOOKLET, CASSETTE, POSTER AND MORE)

IN STORES **05.10.**

INCLUDES THE DIGITAL SINGLE "GOD=DOG"

"GROOVE AND PURE FUCKING METAL
– THEIR BEST ALBUM SINCE PRIMITIVE!"
METALIZED (DK)

SOULFLY

RITUAL

CD-DIGIPAK · LP IN GATEFOLD
DOWNLOAD

IN STORES **19.10.**
INCLUDES THE DIGITAL SINGLE "EVIL EMPOWERED"

RISE OF THE NORTHSTAR
NEW ALBUM
INCL. HERE COMES THE BOOM AND THIS IS CROSSOVER
GLOBAL RELEASE DATE
OCT.19TH 2018

PRODUCED BY JOE DUPLANTIER & ROTN

THIS IS CROSSOVER
NORTHSTAR FOREVER

WWW.RISEOFTHENORTHSTAR.COM

CHECK OUT!
OUR NEW NUCLEAR BLAST MAGAZINE
More than 30000 CDs, Vinyl, T-Shirts, Longsleeves, Poster, DVDs... order free at:
Nuclear Blast - Oeschstrasse 40 - D-73072 Donzdorf - Germany
Tel. +49 (0) 7162-928026 - Fax +49 (0) 7162-24554 - email: mailorder@nuclearblast.de

compact records

ONLINE SHOP, BAND INFOS AND MORE:
WWW.NUCLEARBLAST.DE
WWW.FACEBOOK.COM/NUCLEARBLASTEUROPE

NUCLEAR BLAST

NUCLEAR BLAST MOBILE APP FOR FREE ON IPHONE, IPOD TOUCH + ANDROID!
Get the NUCLEAR BLAST mobile app NOW at **http://road.ie/nuclearblast FOR FREE** or scan this QR code with your smartphone reader!

e·a·r MUSIC
proudly presents

STRATOVARIUS

OUT NOW

„ENIGMA: Intermission 2"

including
- ✶ **3 brandnew songs**
- ✶ **4 unreleased songs**
- ✶ **orchestral versions and rarities**

CD | 2LP (colored) | Digital

ONCEHUMAN

Stage Of Evolution (LIVE)
September 28th
CD | DIGITAL

PLEASED TO EAT YOU

CD | LP | DIGITAL

THEIR BRANDNEW STUNNING LP!
OUT NOW

„America's latest great Rock and Roll Band!"
– Lemmy Kilmister

Listen to liveEAR on Spotify
The best rock songs live in one playlist!

Open | Search | Scan

altafonte
e·a·r MUSIC
www.ear-music.net
www.facebook.com/earmusicofficial
www.youtube.com/earmusicofficial

tremonti

A DYING MACHINE

PHOTO: Stan Srebar

M/6

WITH SPECIAL GUESTS

THE RAVEN AGE

DISCONNECTED

4 NOVEMBRO

- LAV LISBOA AO VIVO -

A DYING MACHINE
OUT NOW

FRET TWELVE

Prime ARTISTS

»TICKETLINE

LOUD!

LAV LISBOA AO VIVO

NAPALM RECORDS

BILHETES À VENDA NOS LOCAIS HABITUAIS
www.primeartists.eu | fb.com/primeartists

MARKTREMONTI.COM

EDITORIAL
JOSÉ MIGUEL RODRIGUES

OUTROS TEMPOS. OS MESMOS TEMPOS.

A internet, se a usarmos de forma saudável, pode ser uma maravilha. Seja para nos documentarmos, para descobrirmos música nova ou para desanuviarmos com curiosidades como as que têm inspirado, semana após semana, o RETROVISOR que tanto burburinho tem provocado no nosso/vosso site [loudmagazine.net], o universo cibernético é um poço de informação, tesourinhos e tricas. Entre estas últimas cruzámo-nos, por exemplo, com o testemunho de Dee Snider, o espampanante vocalista dos Twisted Sister, nos idos dos 80s, perante um congresso norte-americano totalmente apavorado com a hipótese de a música estar a perverter mentes jovens por aqueles Estados Unidos fora. E se, por um lado, esse conceito nos parece retrógrado ou até alienígena, a verdade é que não precisamos de pensar muito para encontrarmos situações paralelas em pleno séc. XXI.

PMRC. Os nossos leitores mais jovens provavelmente não sabem ainda bem! o que aquela sigla significa, mas quem cresceu durante os anos 80 e 90 nunca mais se vai esquecer dos autocolantes a preto e branco com quatro palavrinhas em letras garrafais: "PARENTAL ADVISORY: EXPLICIT LYRICS". Pois é, papás; tenham cuidadinho senão esses rebeldes rufias do rock, do metal e do rap vão converter os vossos filhotes em drogados devotos ao lado negro da força. Pior ainda, podem levá-los ao suicídio. Fora de brincadeiras, o assunto é sério e o PMRC foi algo muito real. Reza a lenda que Tipper Gore, mulher do então senador Al Gore, ficou chocada com as referências a masturbação numa canção de Prince, intitulada «Darling Nikki»; chocadíssima, revoltada até com o deboche, a ponto de criar uma organização com o objectivo de, tanto quanto possível, conseguir controlar a música que chegava aos ouvidos dos adolescentes norte-americanos.

Usando os *clips* de «Hot For Teacher» dos Van Halen, «Rock You Like A Hurricane» dos Scorpions e «Looks That Kill» dos Mötley Crüe, entre outros, a Sra. Gore convocou as suas amigas com destaque para Susan Baker, Pan Howar e Sally Nevius, casadas, respectivamente, com o Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, um influente corretor imobiliário e o Presidente do Conselho Civil de Washington todas juntas, quais donas de casa desesperadas, formaram o *Parents Music Resource Center*. Com um objectivo bem definido, "*alertar o público acerca da crescente tendência na música para letras sexualmente explícitas, excessivamente violentas ou que glorificam o uso de drogas e álcool*", fizeram-se à luta. A primeira acção foi enviarem uma carta à RIAA (*Recording Industry Association Of America*), assinada por vinte esposas de influentes políticos e homens de negócios do estado de Washington. A missiva sugeria que a indústria musical adoptasse medidas voluntárias para desenvolver directrizes e/ou um sistema de avaliação similar à classificação dos filmes.

É claro que a RIAA resistiu tanto quando pôde, mas em Novembro de 1985, com o PMRC a ganhar exposição nos meios de comunicação, decidiu aprovar a colocação do tal autocolante em determinados álbuns. Apesar dos testemunhos de vários músicos perante o Congresso, a ideia, por muito ridícula que fosse, foi mesmo em frente, normalizando a censura como forma de prevenção. Coisas do passado? Talvez. Se olharmos para o Nergal, dos Behemoth, estrela de capa desta edição, o mais certo é que tenhamos de responder negativamente. Porque, hoje, o *Tipper Sticker* pode ser apenas uma recordação nostálgica de outros tempos, mas este músico polaco já teve de prestar justificações pelo menos duas vezes à justiça por criar arte que vai contra o pensamento vigente no seu país. As coisas, se calhar, não mudaram assim tanto; é só o sentimento de liberdade de expressão que aparenta ser um pouco mais real. Um conselho, não se deixem iludir.

LOUD!

N.º 211 / OUTUBRO 2018

LOUD!
Sede do editor/redacção:
Rua Carlos Mardel, 32 - 3.º Esquerdo
1900-122 Lisboa
Tel. 215816655

E-MAIL
[geral@loudmagazine.net]

WEBSITE
[www.loudmagazine.net]

FACEBOOK
[www.facebook.com/loudmagazine.net]

ASSINATURAS
[assinaturas@loudmagazine.net]

PUBLICIDADE
[ads@loudmagazine.net]

PUBLICAÇÃO MENSAL
ISSN: 087-9531
DEPÓSITO LEGAL: 152667/00

Registada na Entidade Reguladora para a Comunicação Social sob o n.º 126774

TIRAGEM
15.000 exemplares

PROPRIEDADE
Pessoal do 13 – Publicações, Lda.
NIF: 510172342

DETENTORES COM MAIS DE 5% DO CAPITAL DA EMPRESA
José Miguel Rodrigues, José Carlos Santos, Bernardo Serralha, Pedro Oliveira, Signoff - Consulting Unipessoal, Lda.

DIRECTOR
José Miguel Rodrigues
[jmr@loudmagazine.net]

CHEFE DE REDACÇÃO / DIRECTOR ADJUNTO
José Carlos Santos
[jcs@loudmagazine.net]

GERÊNCIA
Pedro Oliveira, Daniel Marujo

COLABORADORES
Carlos Guimarães, Emanuel Ferreira, José Almeida Ribeiro, José Raposo, Luís Pires, Luís Rattus, Marta Louro, Nelson Santos [ns@loudmagazine.net], Pedro C. Silva, Ricardo Agostinho, Ricardo S. Amorim

FOTOGRAFIA
Catarina Torres, Estefânia Silva, Jorge Botas, Pedro Almeida, Pedro Roque,
CAPA: Grzegorz Gołębiowski

DESIGN
Joaquim Pedro

ILUSTRAÇÕES
Stebba Ósk, Pedro Silva

IMPRESSÃO
Jorge Fernandes, Lda.
Sede do Impressor: Rua Quinta Conde de Mascarenhas, Lote 9, Vale Fetal, 2820-652 Charneca Da Caparica

DISTRIBUIÇÃO
VASP

ESTATUTO EDITORIAL
Disponível online em:
loudmagazine.net/estatuto-editorial

A LOUD! escreve de acordo com a antiga ortografia.

ÍNDICE
#211

NOTÍCIAS 06

STUDIO REPORT
SCUM LIQUOR 08

SYLAR 10

A FOREST OF STARS 11

HANDS LIKE HOUSES 12

L! MIXTAPE
SÉRGIO AFONSO 13

SOULFLY 14

ASSINATURAS 18

LOUD! DJ
NOTREDAME / SIDE B ROCKS 20

SON OF CAIN 22

NASHVILLE PUSSY 24

MADDER MORTEM 26

BLACK PEAKS 28

BEHEMOTH 30

DRAGONLORD 36

HATE ETERNAL 38

THOU 40

HELRUNAR 42

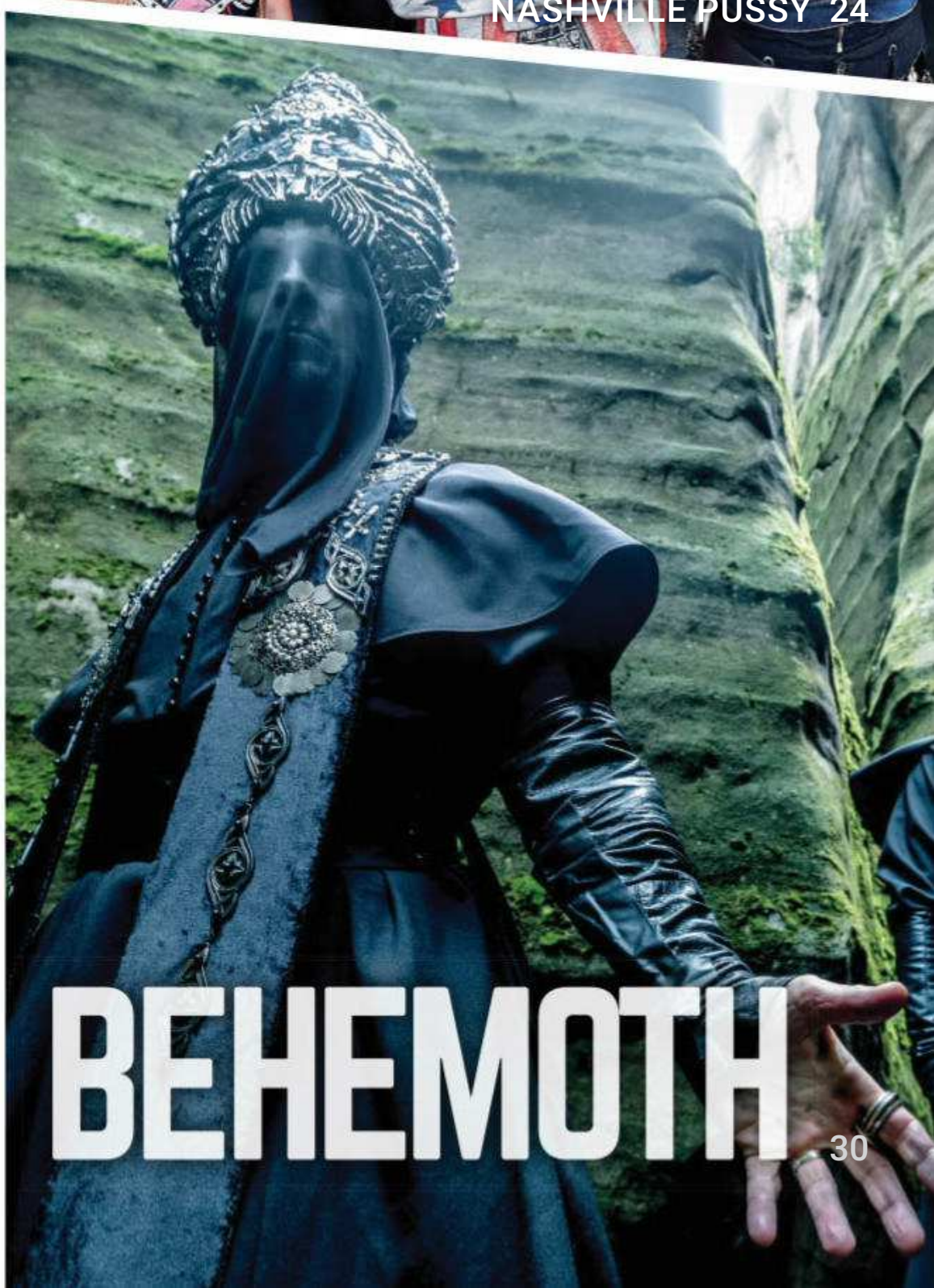
DISCOS 44

TESOURINHO PERTINENTE
ORDER FROM CHAOS 53

DICO 54

LIVE & LOUD! 56

AGENDA 58



NOTÍCIAS
POR NELSON SANTOS

TARA PERDIDA

A estreia ao vivo dos **GRINDEAD** vai ser já no próximo dia 4, no segundo acto do Porto Deathfest IV, juntamente com os Biolence, Aischrolatry e os norte-americanos Necrot a encerrarem o festival. Falamos de um novo colectivo portuense com elementos conhecidos de anteriores projectos como Luis Gonçalves, vocalista dos Genocide; Mário Ribeiro, ex-guitarrista da mesma mítica banda de death metal, bem como dos Raising Fear e Necrose; Miguel Brandão, baterista dos Assassiner e ex-Web, e David Reis, baixista, ex-Mysterium. Death/grind é o som praticado em temas de apresentação como «Demoncratic Machine», «Turn Black» e «Castaway».

Daniel Cardoso está de volta aos **HEAVENWOOD**. Como músico de sessão, como, de resto, aconteceu nos três últimos álbuns da banda. A reunião da banda portuense com o multi-instrumentista dos Anathema aconteceu poucos dias após o anúncio da saída da anterior secção rítmica dos Heavenwood. Além do baterista Eduardo Sinatra, abandonou o baixista e produtor André Matos, envolvido em novos trabalhos dos Equaleft e The Godiva, bandas onde também toca baixo. "*Cada parte decidiu seguir o seu destino, em comum acordo mas por caminhos e visões diferentes*", refere a banda fundada por Ricardo Dias e Ernesto Guerra, em comunicado, numa altura em que preparam a celebração dos vinte anos do álbum «Swallow».

Os **NEW MECANICA** preparam-se para lançar o terceiro álbum, de título «Vehement». A banda do Barreiro assinou contracto com a editora italiana WormHoleDeath para o lançamento deste trabalho, que terá também edições no Japão e nos Estados Unidos, para além de uma edição digital a cargo da The Orchard. Dez temas compõem o disco, entre os quais «Written» e «Lost Paradise» já avançados *online*, e «Clouded», com a participação de Fast "Eddie" Nelson. Depois de «Love & Hate» de 2008 e «No Straight Lane» de 2015, a novidade do quinteto tem a produção da própria banda e de Wilson Silva, ex-baterista dos More Than A Thousand.

R. **A.I.V.A.** é o nome de um colectivo ainda meio enigmático no underground nacional. Um dos guitarristas é Ricardo Mendonça dos Ramp e a grande surpresa está no microfone. Fernando Girão, que completa este mês 67 anos, é o vocalista deste novo quinteto de metal, expresso com raiva em português, por parte do músico com uma longa carreira, tendo feito parte da Heavy Band e colaborado com os Petrus Castrus nos anos 70. «A Vida É Dos Que Acreditam», «Partidos E Quebrados» e «Raiva Dessa Raiva» são os temas já conhecidos, de um projecto que se diz "*na voz da raiva, o desespero de quem não quer morrer por asfixia nas mãos dos manipuladores de povos*".

«Reza» é o título do próximo álbum dos **TARA PERDIDA**, com edição prevista para Janeiro de 2019. Será já o oitavo trabalho do grupo português, o segundo sem João Ribas, falecido há quatro anos e meio. Tiago Afonso é o seu substituto desde «Luto», lançado em 2015, juntamente com os guitarristas Rui "Ruka" Costa (também nos Rasgo) e Tiago "Ganso" Silva, o baterista Pedro "Kistos" Rosário e o baixista Alexandre Morais. O primeiro *single* do novo registo é «Nada Me Vai Parar», sendo que já são também conhecidos os títulos de canções como «Novo Mundo», «O Comboio» e «Amigo Imaginário».

PLAYLISTS

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES
DARVAZA – Darkness In Turmoil
INNUMERABLE FORMS – Punishment In Flesh
ONE TAIL, ONE HEAD – Worlds Open, Worlds Collide
MARE – Ebony Tower
THROAT – Bareback

JOSÉ CARLOS SANTOS
LAIR OF THE MINOTAUR – Dragon Eagle Of Chaos
AKITSA – Credo
MALOKARPATAN – Nordkarpatenland
WEYES BLOOD – Front Row Seat To Earth
ZENI GEVA & STEVE ALBINI – Maximum Implosion

JOSÉ ALMEIDA RIBEIRO
GRAVE PLEASURES – Motherblood
A STORM OF LIGHT – Anthroscene
BEHEMOTH – I Loved You At Your Darkest
WINDHAND – Eternal Return
BLACK SABBATH – Paranoid

LUÍS PIRES
FLUISTERAARS / TURIA – De Oord
GUIDED BY VOICES – Alien Lanes
LASTER – Ons Vrije Fatum
MÃO MORTA – Mão Morta
TODAY IS THE DAY – Pain Is A Warning

PEDRO ROQUE
IDIOTA CIVILIZZATO – Idiota Civilizzato
TRAGEDY – Fury
NEUROSIS – The Word As Law
IDLES – Joy As An Act Of Resistance
LEVIATHAN – The Tenth Sub Level Of Suicide

JOAQUIM PEDRO
ARCHGOAT – The Luciferian Crown
IGGY POP – American Caesar
SON OF CAIN – Closer To The Edge
BEHEMOTH – I Loved You At Your Darkest
GREENGO – Dabstep

★★★ OS TOPS DO JCS ★★★

DEZ ÁLBUNS DE BANDAS EXTREMAS CHEIOS DE AMOR

01. SWANS – «Love Of Life»
02. BEYOND DAWN – «Pity Love»
03. GODFLESH – «Songs Of Love And Hate»
04. ROTTING CHRIST – «Triarchy Of The Lost Lovers»
05. FORGOTTEN TOMB – «Hurt Yourself And The Ones You Love»
06. TOTAL FUCKING DESTRUCTION – «Peace, Love And Total Fucking Destruction»
07. CELESTIAL SEASON – «Solar Lovers»
08. CULTES DES GHOULES – «Coven, Or Evil Ways Instead Of Love»
09. AN AUTUMN FOR CRIPPLED CHILDREN – «Try Not To Destroy Everything You Love»
10. CONVERGE – «All We Love We Leave Behind»

TOOL

MÖTLEY CRÜE

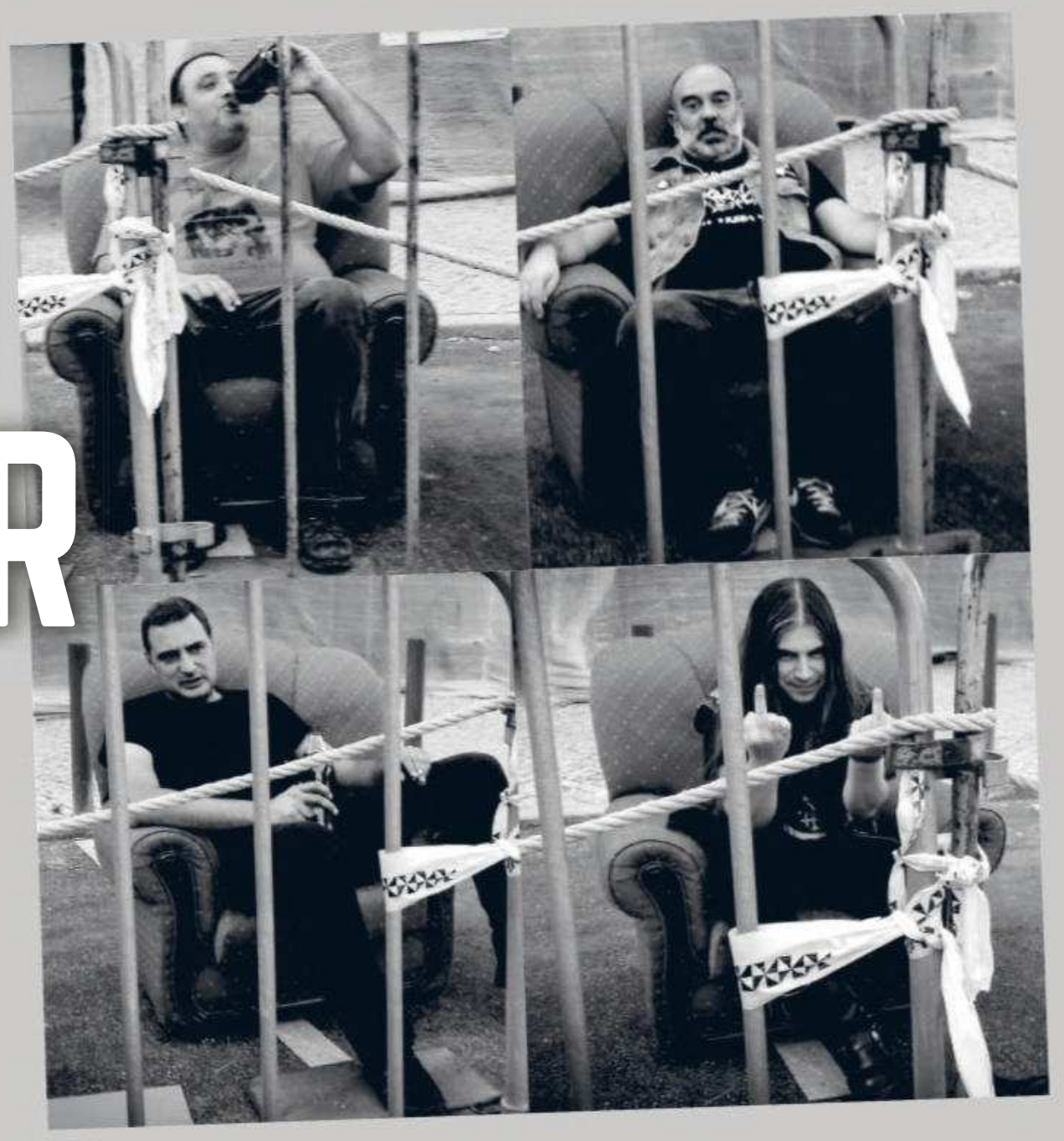
MY DYING BRIDE

TOOL, MÖTLEY CRÜE, MY DYING BRIDE

MÚSICA NOVA EM ANDAMENTO, DISCOS ESPERADOS EM 2019

Enquanto várias bandas clássicas promovem os seus mais recentes trabalhos em digressões "intermináveis", há outras cujo ciclo de vida as encontra em fase de gravação. É o caso dos **Tool** e do tão esperado sucessor de «10,000 Days» de 2006. Mas já faltou mais. "*Voz guia gravada. AJ (*Adam Jones *embrenhado agora nas guitarras*", frases de **Maynard James Keenan** num recente *tweet*, a descansar os fãs, depois de ter sido anunciado, em Março, que a banda americana já estava a trabalhar em música nova. Estima-se que o próximo registo só saia lá para finais de 2019. Mais cedo, vamos poder ouvir qualquer coisa nova dos **Mötley Crüe**, algo que também não se perspectivava, depois de, há dois anos, **Nikki Sixx** ter dito "*não haver hipóteses*" de a banda regressar a estúdio. A verdade é que o grupo está a construir quatro canções inéditas com o produtor Bob Rock para a banda-sonora da adaptação aos ecrãs de «The Dirt – Confessions Of The World's Most Notorious Rock Band», a biografia do quarteto. O anterior «Saints Of Los Angeles» já data de 2008. Quem não dava novidades faz tempo eram também os **My Dying Bride**, mas havia uma razão forte. A filha de cinco anos de **Aaron Stainhorpe** esteve a combater um cancro, doença que já está ultrapassada, mas que esvaziou o músico britânico de todas as forças, como confessou em recente *post* no Facebook. "*O próximo álbum está quase completo*", acaba de anunciar o vocalista. Confirmado para 2019 está também um novo álbum dos **Slipknot**, o sucessor de «.5: The Gray Chapter» para o qual foram compostos dezasseis temas. **Corey Taylor** considera esse material "*um «Iwoa» mais pesado*".

SCUM LIQUOR



Fomos convidados para ouvir aquele que será, finalmente, o álbum de estreia dos SCUM LIQUOR. Ainda numa versão sem mistura e sem solos, mas que já deu bem para perceber duas coisas – primeiro, que a javardice vai continuar intacta, e segunda... que vai haver muito mais que isso em «Midnight Pleasures», um disco que poderá ter um impacto surpreendente. Conversámos com o vocalista Neverendoom, o baixista MC Destroyer 69, e o baterista P. Tosher, caras bem conhecidas de outras paragens, eventualmente sob outros nomes.

JOSÉ CARLOS SANTOS

BRUNO JORGE

"*Ladies and gentlemen: you wanted the shit, you got the shit!*" Rica introdução para se perceber logo ao que vêm. "*The sleaziest band in the world*", fica logo toda a gente a saber! É com esse objectivo/espírito que escrevem música?

Tosher: [risos] A *intro* surgiu já após as músicas do disco estarem todas gravadas. Dias antes de entrarmos em estúdio para gravar vozes fomos ao concerto dos Kiss, e aquela entrada mitica deles em palco, ficou-nos na cabeça. "*You wanted the best, you got the best, the hottest band in the world!*" Foi precisamente uma adaptação dessa *intro* que fizemos o Neverendoom, quando estava a gravar as vozes, saiu-se naturalmente com essa, a malta curtiu e a ideia ficou. Mas sim, o espírito de composição e escrita das músicas é esse mesmo, sempre foi e sempre será.

É quase cinco anos depois da vossa formação inicial que temos finalmente o álbum de estreia dos Scum Liquor. Foi importante não se terem logo atirado para um projecto destes, tendo feito o EP primeiro e mais um par de pequenos lançamentos?

Neverendoom: Alguns dos temas do álbum já têm algum tempo e até já tocámos alguns deles ao vivo, apesar de nem sequer estarem gravados na altura... Tentamos guardar as melhores "cartas" para o fim pois sempre tivemos aquela visão de como queríamos que ficasse o «Midnight Pleasures».

Tosher: O processo nos Scum Liquor sempre foi descomprometido e sem datas para lançar nada, fazemos as coisas porque gostamos e não nos preocupamos se demoramos muito ou pouco tempo. O álbum penso que vem no momento certo, pois nenhuma das músicas foi feita ao acaso. Por outro lado também andámos a promover o EP e alguns lançamentos que fizemos, e também a própria banda, pois ninguém nos conhecia.

A evolução da banda nota-se perfeitamente nestes novos temas, diria que é mesmo

"Nos Scum Liquor, quando as coisas correm bem, é porque algo está mal!" – Neverendoom

a ideia principal que fica depois de ouvir os treze. Foi algo natural, ou também tentaram ir mais longe por se tratar de um álbum "a sério"?
Tosher: Os temas foram surgindo naturalmente, sem qualquer *stress*, e a evolução a que te referes talvez seja do facto de termos tocado bastante ao vivo. Mas "saíram" sempre de forma espontânea. Normalmente é o Dirty Lawbreaker [guitarrista] que traz as ideias que desenvolvemos no estúdio, e todos damos o nosso contributo. Houve também mais tempo de estúdio, apesar de não serem muitas horas soubemos aproveitá-las, graças também à editora que apostou em nós, a Lusitanian Music.
MC: O nosso método da composição é simples e eficaz. Não demoramos muito a discutir a estrutura de uma música, simplesmente deixamos as coisas fluir conforme o nosso gosto.

Nota-se uma dinâmica maior entre os temas e uma abrangência maior de estilos, desde o rock duro e porco até ao black metal.
MC: Esses são os estilos que caracterizam os Scum Liquor desde o inicio, mas no «Midnight Pleasures» é possível que estejam mais evidenciados talvez por ser um longa duração…
Tosher: Nós ouvimos muita música diferente, e, consciente ou inconscientemente, à medida que fomos gravando, os temas foram tomando a sua forma. O Dirty Lawbreaker fez alguns arranjos de guitarra que também enriqueceram as estruturas, queríamos que este disco não fosse "secante". Não gostamos de fazer temas para encher simplesmente. Mas o *sewer rock´n´roll* ainda está lá, é uma mistura disso tudo.

Já entraram para a gravação com estes temas todos delineados, ou ainda surgiu alguma coisa nestes dias?
Tosher: Sim, estavam todos feitos, excepto dois deles, «Ladder To Hell» e «Dead End». E a *intro*, claro.
Neverendoom: Quando estávamos no início das gravações, o Lawbreaker apareceu no estúdio com estes dois temas, que apesar de nunca os termos sequer ensaiado, acabaram por ser gravados quase ao primeiro *take* no meio daquele frenesim alcoólico.

No final de contas, estão satisfeitos com as sessões de gravação? Todas as expectativas que tinham foram cumpridas?
Tosher: Sim, estamos. Gravámos em casa, e isso ajuda porque o Bruno dos Rock'n'Raw é como família para nós, está sempre pronto a ajudar, foi ele que fez a captação dos instrumentos todos. Agora vem a parte das misturas e masterização.
Neverendoom: O Rock'n'Raw é realmente quase a casa dos Scum Liquor, e o Bruno apoiou-nos desde o primeiro dia, praticamente. Ele acompanhou o desenvolvimento do «Midnight Pleasures» e já sabia o que queríamos, o que tornou todo o processo mais fácil. As gravações são sempre descontraídas e atribuladas ao mesmo tempo… mas correram bem.

Alguma história de estúdio que se possa contar? Alguma coisa que tenha corrido mal, ou alguma peripécia engraçada?
Neverendoom: Nos Scum Liquor, quando as coisas correm bem, é porque algo está mal! [risos] Foram sessões de estúdio bem regadas e aconteceram tantas coisas que algumas já nem me lembro. Uma cena que aconteceu sem estar programada, foi que quando estávamos a gravar as vozes, o pessoal dos Ordem Satânica foi ter connosco ao estúdio e acabaram por fazer uns *backing vocals* em alguns temas.
Tosher: Há mais alguns amigos que convidámos para este disco, mas vamos deixar no ar, assim ainda haverá surpresas.

Ao décimo tema arrebitam-se os ouvidos. Genöcide – «Die Wasted», boa escolha de *cover*! Grande pilar do metalpunk. Como é que surgiu a ideia? É uma influência importante para vocês?
Neverendoom: Sim claro! Acho que Scum Liquor começou muito à conta dos Genöcide. Eu e o Lawbreaker estávamos na minha casa a beber e estivemos quase a tarde toda a ouvir Genöcide, GG Allin, Motörhead e outras cenas… até que surgiu a ideia de tentarmos criar algo javardo dentro desse estilo. A «Die Wasted» foi uma escolha mais que óbvia, e claro, é uma grande malha.

Querem destacar alguns temas para falar deles um bocadinho, que tenham alguma história pertinente por trás ou que sejam simplesmente vossos favoritos?
MC: No geral, todo o álbum contem toda a essência dos Scum Liquor. Mas destaco a «Zero In The World» e a «Brothers In Crime» [NR: que são logo os dois primeiros temas a seguir à *intro*], por serem as mais antigas e as que resumem melhor o espírito da banda.
Tosher: Gosto dos temas todos do disco, mas o que realmente mais me surpreendeu foi a «Ladder To Hell» [NR: que é a última], foi daqueles temas que gravámos no estúdio, e à medida que ia sendo gravado, foi ganhando cada vez mais dinâmica. Quando o Neverendoom e o Dirty Lawbreaker encaixaram a métrica vocal, ficou simplesmente brutal, e o refrão não sai da cabeça.

O Metal Archives define as vossas letras como "*alcohol, sex, destruction, hatred*", o que me parece um bom resumo. Pelo que dá para perceber, a toada geral parece continuar semelhante?
Neverendoom: [risos] Sim! É o mundo podre dos Scum Liquor. Acho que a descrição encaixa na perfeição.

Como é que acham que vai ser recebido o disco? Acham que as pessoas vão levar a banda mais a sério depois deste trabalho?
Neverendoom: Esperamos que agora finalmente consigamos um contrato pela Century Media e que possamos fazer uma *tour* com os Sonata Arctica! [risos]

Os Scum Liquor estão para durar, mesmo que a Century Media cometa o erro de vos deixar escapar?
Neverendoom: Acho que sim… Pelo menos enquanto houver fígado e pulmões a funcionar, acho que é possível.
Tosher: Acima de tudo somos um grupo de amigos que curte tocar. Mesmo que haja discussões, acaba sempre tudo bem.

SYLAR

Os Linkin Park, os Deftones e os P.O.D. encontraram-se todos numa esquina de Queens, Nova Iorque. O resto... pode ser história.

Esta é daquelas bandas novas que não tem qualquer pudor em mostrar as suas influências. Seja na música que faz, seja na conversa connosco. Os SYLAR formaram-se há cerca de cinco anos, já a febre do nu-metal se tinha mais que esfumado, mas é aí que o grupo parece encontrar mais conforto. Graciosamente, fazem-no com uma actualização notável, conferindo a modernidade que tão marcadas referências pedem em 2018. "*Honestamente, adoro pensar que somos uma banda única, apesar de todas as influências que podes ouvir claramente na nossa música. Acredito, verdadeiramente, que o nosso novo álbum está para lá de diverso e estou muito empolgado com isso. Estamos todos, nesta banda. Não nos limitámos a jogar pelo seguro. Quisemos compor um álbum que fosse criativo e que viesse de dentro da alma,*" diz Jayden Panesso, o vocalista dos Sylar, sobre «Seasons», o terceiro álbum. E não se escusa a nomear essas inspirações. "*Linkin Park, Deftones, Limp Bizkit, Korn, P.O.D., por aí fora, todos gostamos e crescemos com essas bandas, mas posso garantir que toda a gente nos Sylar tem as suas cenas diferentes que ouve. Isso ajuda no processo criativo. Somos todos muito* open minded *como banda, no que toca à música.*" Talvez por isso, as canções de «Seasons» estejam pejadas de rap e hip-hop, a par de guitarras graves e vozes, ora melodiosas, ora enraivecidas. É conforme o estado de espírito sentido ao longo destas "estações". Afinal, o título do disco é apenas uma metáfora para aquilo que sentimos ao longo de um ano. Ou num só dia. "*Acertaste na* mouche," confirma. "*É exactamente o que eu pretendo representar – mudança. Mudar é o que nos mantém à tona, como humanos. Se não fôssemos obrigados a atravessar os desafios da mudança, a vida seria um tédio. E sim, essas estações mentais de um ano, podem acontecer-nos num só dia. Numa hora está a chover, na outra tens o sol a brilhar dentro de ti. Não há qualquer problema com isso, nós precisamos de todas essas emoções. A vida é feita disso mesmo.*"

> *"Toda a gente nos Sylar tem as suas cenas diferentes que ouve. Isso ajuda no processo criativo."*

Os Sylar estão, presentemente, numa tournée de costa a costa pelos Estados Unidos com os Beartooth e querem vir mais à Europa, continente onde mal tocaram, mas as coisas podem inverter-se com este forte terceiro disco. «To Whom It May Concern», de 2014, e «Help!», de 2016, eram mais rudes, iam beber mais à raiva latente das décadas anteriores do que à melodia que, não raras vezes, é sinónimo de maturidade. "*Eu diria que, neste disco, consegues captar bem o nosso crescimento como músicos,*" diz-nos Panesso, sem falsas modéstias. "*Independentemente do conteúdo dos diferentes discos, acho que dá para ouvir bem os progressos. E admito que os nossos trabalhos anteriores tenham uma abordagem vocal mais agressiva do que aquela que temos agora. Não penso que a atitude tenha mudado de todo, a forma como nos projectamos vocalmente é que é, definitivamente diferente, desta vez.*" De facto, estes Sylar trazem consigo um refinado sentido de melodia, refrães sumarentos e uma parede de guitarras e *loops* que ajuda a suportar uma atractiva mistura sonora. Um caminho para onde se estão a virar hoje muitos artistas, inclusive na área do rap/hip-hop. "*Eu gosto de acreditar que ouço melodias, mais do que nunca, na nossa cena,*" refere. "*Sabíamos onde queríamos ir com este álbum, tínhamos uma visão, um plano, mas também temos a tal mente aberta que nos permite incorporar coisas em que não tínhamos exactamente pensado. Um dos aspectos que faz «Seasons» ter ficado tão ao nosso gosto é a produção. Esse foi um dos pontos onde estivemos focados desde o início. Queríamos que soasse grandioso, cheio, mas também o queríamos real – que transmitisse o som de instrumentos reais. Devo dizer que estou mesmo muito satisfeito com a produção deste álbum.*" Temas como «No Way», «Seasons» ou «Open Wounds» dizem-nos que, se esta banda tivesse aparecido há uns vinte aninhos, Sylar poderia ser mais que apenas um nome estranho para vocês. Mas, lá está, sem as providenciais influências, também não seriam assim, por mera magia. São de Nova Iorque mas têm apelidos meio hispânicos, como é o caso do guitarrista Miguel Cardona, que até poderia ter origem portuguesa. Daí que também quisemos saber, junto do vocalista Padesso, mais acerca do rasto sanguíneo destes jovens talentos. "*Eu sou colombiano e o Miguel é porto-riquenho. Espero podermos ir a Portugal em breve e aproveitamos para aprender algum português, já que é muito parecido com o espanhol!*" [N.S.]

A FOREST OF STARS

Negra e requintada excentricidade vinda de Inglaterra.

Os A FOREST OF STARS são uma banda única, um projecto singular na sua essência, no seu conceito e na sua forma. Cientes disso mesmo, reforçam a sua personalidade a cada novo disco e celebram a sua originalidade a cada nova canção. O percussionista, teclista, pianista e compositor The Gentleman, e o vocalista Mister Curse, falaram connosco, orgulhosamente, da sua mais recente pérola, «Grave Mounds And Grave Mistakes». Visivelmente cansado após um longo dia de trabalho, que isto de criar música desafiante não dá dinheiro suficiente para pagar as contas, um afável Mister Curse explica-nos que vai beber inspiração para as suas letras a lugares tudo menos fantásticos. "*As letras para este disco baseiam-se numa introspectiva pessoal, resultam de momentos aos quais fui sorver inspiração a vários problemas que enfrentei nos últimos anos relacionados com a dor, a privação de sono e o sofrimento psicológico*," explica-nos o vocalista/letrista. "*Pese embora as letras assumam uma forma e um conteúdo que remete para um mundo fantástico, versam sobre coisas bem reais e bem terrenas, embora muito difíceis de expressar e de entender*." E se em relação à inspiração lírica estamos conversados, o que dizer sobre a componente musical? Um verdadeiro The Gentleman conduz-nos nesse processo de desmistificação. "*Procurámos deliberadamente criar um disco mais atmosférico, mais fantasmagórico e envolvente, algo inspirado num conto de fadas de tons negros, embora delicados*." Sobre o processo de composição, The Gentleman explica-nos que "*normalmente a música surge primeiro e é composta de forma a criar desde logo os espaços onde as letras irão encaixar. Depois é deixar o Dan [*aka *Mister Curse] trabalhar e encaixar as letras nessas composições*."

> *"A exuberância faz parte da nossa personalidade. Não podemos de repente tocar thrash metal e usar jeans e sapatilhas!"*

Com uma assumida complexidade lírica e musical, é fácil prender a atenção de ouvintes que buscam incessantemente a novidade e o efémero? O vocalista/letrista acredita que sim, que ainda há quem leia as letras de fio a pavio, que as discuta com a banda e que as procure interpretar, "*mas a maioria não quer mesmo saber*," confessa. "*Sinceramente isso é algo que não me chateia. O importante é eu sentir-me realizado e satisfeito com as letras que escrevi e sentir que estas expressam aquilo que quis dizer da forma mais honesta possível, embora sem serem directas e de interpretação imediata*," acrescenta. A exuberância, a opulência ou a luxúria aplicadas às letras, à música e a toda a estética da banda, são conceitos que orbitam em torno de A Forest Of Stars, algo que, segundo The Gentleman, "*faz parte da nossa personalidade, da nossa identidade e não faz sentido fazermos as coisas de outra forma. Não podemos de repente tocar thrash metal e usar* jeans *e sapatilhas!*" Enquanto Portugal não surge na rota da banda, «Grave Mounds And Grave Mistakes» é todo um compêndio de música excepcional, criada por músicos igualmente excepcionais e de refinado e eclético gosto musical. "*Andamos a ouvir coisas tão diferentes como Mare, Slowdive, Manes, Anna Von Hausswolff, Bryde, entre tantos outros e isso vai obviamente reflectir-se na abrangência da música que criamos*," refere The Gentleman. E que, já agora, urge ser ouvida e dissecada! [R.A.]

FOTO: MEGAN THOMPSON

HANDS LIKE HOUSES

Uma década já passou desde que seis adolescentes australianos se reuniram.

Em apenas três discos, os HANDS LIKE HOUSES chegaram ao *top* 10 australiano e ao *top* 5 da tabela de rock norte-americana. «-Anon» é o quarto trabalho, para o qual o agora quinteto optou por trabalhar com o produtor Colin Brittain, conhecido pelo seu trabalho com 5 Seconds Of Summer ou All Time Low, nos Steakhouse Studios em Hollywood. A escuta deste novo trabalho revela uma banda mais descontraída, centrada cada vez mais na melodia, por vezes quase parecendo introspectiva. Trenton Woodley, vocalista, revela: "*Estou muito orgulhoso. O processo de criação do disco anterior desenvolveu-se no meio de uma digressão intensa e custou caro à banda, e desta vez era crucial aprender com os erros e encontrar tempo e espaço para criar música. A calma do processo criou uma confiança que nos inspirou na composição de temas, de uma forma maior do que até ao momento.*" De facto «-Anon» resulta de uma paragem numa agenda intensa em que três álbuns foram lançados num espaço de quatro anos, e onde o colectivo se viu envolvido em diversas digressões à volta do planeta. Com a edição, em 2016, de «Dissonants», as digressões continuaram, até fazerem a pausa referida por Trenton. O vocalista assume mesmo a viragem após esse álbum. "*Houve um ponto em que percebi que já tinha contado a minha história. Tivemos três discos para explorar a nossa perspectiva das coisas, de olharmos para dentro, e agora era o momento de olharmos para fora*," explica. "*Este álbum era uma chance de separar quem somos, como as pessoas nos vêem e como nos vemos. A poesia anónima persiste por décadas, mesmo séculos, não por causa de quem a escreveu, mas porque tem um significado em que cada um se revê ou com o qual se relaciona, e é isso que queremos para a nossa música, que ela transmita algo às pessoas, independentemente de saberem quem somos ou não.*"

Durante tudo isto, houve também uma mudança de selo editorial. "*Implicou mais uma mudança na forma como operámos quer no aspecto criativo quer no artístico,*" refere o vocalista, que descreve a equipa que integra a nova editora, a Hopeless Records, como fantástica. "*Fazem-nos sentir valorizados como seres humanos e não apenas como mais um grupo que têm de representar. A mudança surgiu não apenas como um passo natural, mas sim um grande salto em frente em termos de oportunidades que se abrem e na forma como vamos poder focar-nos na nossa carreira nos próximos anos.*" Neste processo de evolução, as letras revelam uma dimensão mais intensa, porventura mais madura. Trenton descreve «-Anon» como um trabalho mais focado. "*Concentrei-me em ter uma voz, em tomar uma posição, ao contrário de apenas me preocupar em ser ouvido,*" explica. "*Preocupei-me em ser mais eloquente, abandonar a imagética e linguagem metafórica que tantas vezes são mal interpretadas, senão mesmo ignoradas. Procurei criar algo que tivesse significado para quem nos escuta, quis que se pudessem rever nas letras.*" Este assumir de tomada de posição por algo mais claro, sem subtilezas, está bem presente na letra de «Colourblind», primeiro *single* do novo álbum, com frases como "*Between the black and white / naming every shade of grey has left us colourblind*", que o cantor explica. "*Refiro-me a pessoas que não compreendem o meio-termo, para elas tudo é preto ou branco, bom ou mau, direita ou esquerda, não sabem apreciar algo subtil, ter uma visão alargada ou assumir compromissos entre dois lados.*" [E.F.]

> *"A poesia anónima persiste por décadas, mesmo séculos, não por causa de quem a escreveu, mas porque tem um significado."*

SÉRGIO AFONSO

[BLEEDING DISPLAY/ DISASSEMBLED]

Sendo que me considero um consumidor compulsivo de música, foi com todo o gosto que aceitei o desafio lançado pela LOUD! para elaborar esta *mix-tape*. Deparei-me de imediato com uma dificuldade em nomear bandas... Não por falta de referências musicais, mas sim pela enorme quantidade que poderia aqui mencionar e pelo significado de cada uma delas. Escolhi, por isso, as que mais impacto tiveram ao longo do meu percurso.

LADO A

Sepultura

«Inner Self»

[Beneath The Remains, 1989]

Começo pela banda que me inspirou a dar uns berros. Tinha um vinil deste álbum em casa com o tema «Inner Self» em versão instrumental, o que me possibilitava cantar por cima no refúgio do meu quarto e levar a minha mãe a um estado de nervos absoluto. É o meu álbum favorito dos Sepultura, o disco que elevou a fasquia do thrash a um novo patamar.

Deicide

«Lunatic Of God's Creation»

[Deicide, 1990]

São a minha banda e álbum favoritos. Curiosamente, o disco veio parar-me às mãos numa cassete encontrada num autocarro, numa normal viagem da escola para casa. Acabou por passar no meu *walkman* umas centenas de vezes, garantidamente. Quando ouvi Deicide pela primeira vez, tive a sensação de estar perante um exorcismo ou ritual de invocação de um demónio satânico. As vocalizações do Glen Benton neste álbum resultaram de uma forma brilhante e estranhamente medonha.

Suicidal Tendencies

«Nobody Hears»

[The Art Of Rebellion, 1992]

Este álbum, assim como a banda, têm enorme valor sentimental para mim, por ter sido o primeiro disco que adquiri. Era uma banda que muito se ouvia na altura, a voz do Mike Muir primeiro estranha-se depois entranha-se, numa sonoridade característica e facilmente reconhecível. É impressionante a vitalidade que demonstram, e são poucos os nomes tão consensuais e que arrastam fãs dos mais variados géneros.

Napalm Death

«I Abstain»

[Utopia Banished, 1992]

Os Napalm Death são, para mim, uma referência no que toca ao de mais violento, rápido e corrosivo a nível sonoro. Impressiona a dedicação e brutalidade empregues álbum após álbum, sem nunca comprometerem ou sairem do caminho traçado, e mantendo-se fiéis ao fim de tantos e tantos anos. É o meu disco favorito dos Napalm Death; talvez o mais lento de todos até, mas com uma agressividade bem acentuada que me tornou fã incondicional da banda.

Pantera

«5 Minutes Alone»

[Far Beyond Driven, 1994]

O meu álbum favorito dos Pantera. Escutei o tema «5 Minutes Alone» pela primeira vez na rádio e fiquei de imediato com a orelha colada à espera de ouvir o nome da banda, que de imediato me levou a pesquisar os restantes álbuns – daí a decorar as letras, ver os vídeos e ter tudo o que dizia respeito aos Pantera, foi um passo. A batida e a guitarra bem acentuada foi sempre o que me fascinou na banda e, claro, sendo eu vocalista, vi no Phil Anselmo uma grande inspiração. É, até hoje, das bandas que mais lamento terem terminado.

LADO B

Cradle Of Filth

«Dusk And Her Embrace»

[Dusk And Her Embrace, 1997]

Numa fase em que procurava novas sonoridades, apareceram-me os Cradle Of Filth com o seu black metal poético e teatral, que me cativou de imediato. Através deste disco e tema assinei um contrato de fã vitalício e incondicional. Os teclados, vozes femininas e ambiente envolvente, mas sempre com a essência do black metal presente, tornam os Cradle uma das minhas bandas favoritas.

Grog

«Rotten Grave»

[Macabre Requiems, 1996]

Para mim, falar dos Grog é como falar de família ou de um tio mais velho – tenho o Pedro Pedra como meu mentor, alguém que me fez ter vontade de pisar um palco, fazer o que gostava e ter uma banda de death metal. Vi-os pela primeira vez no Johnny Guitar e saí do concerto com a certeza de ter encontrado o tipo de voz que gostaria de fazer. Foram muitos os concertos que vi depois destes rapazes que, hoje, tenho o privilégio de ter como amigos.

Therapy?

«Screamager»

[Troublegum, 1994]

Quando se vive num bairro cheio de surfistas e *skaters*, esta era a banda que se ouvia. Não são dos meus favoritos, mas este disco deve ser dos que mais ouço mesmo passados tantos anos. Rock alternativo e simplista, mas com riffs que colam e transmitem boa *vibe*. Simplesmente, não me canso de os ouvir. Nunca ouvi mais nada desta banda, para ser sincero, mas marcaram uma fase mais rebelde e radical da minha vida.

System Of A Down

«Sugar»

[System Of A Down, 1998]

Tive a oportunidade de escutar esta banda de lunáticos quando ainda pouca gente os conhecia, ainda antes de tocarem com os Sepultura no Dramático de Cascais, numa ocasião em que simplesmente arrasaram. Passaram a ter um papel de destaque na nova vaga de peso e géneros emergentes em Portugal depois desse concerto. De certa forma, vieram revolucionar completamente o panorama mais pesado. Desde a voz à bateria, o som esquizofrénico mas controlado. Não existe outra banda como esta, são totalmente imprevisíveis e originais.

Dying Fetus

«Epidemic Of Hate»

[Destroy The Opposition, 2000]

Não vejo outra banda no planeta que consiga conciliar *groove*, peso e velocidade num só disco como estes senhores fizeram no «Destroy The Opposition». Os primeiros riffs do tema «Epidemic» são aquilo que gosto de sentir quando oiço metal. Com qualidade sonora acima da média para o género, este disco destacou-se e elevou o patamar. Infelizmente nunca mais ouvi nada com semelhante *groove* pesadão e nem mesmo os próprios o conseguiram fazer novamente. Um disco marcante e que influenciou em grande parte a sonoridade da minha própria banda.

RITUAL DE LO HABITUAL

Por esta altura já se percebeu que tanto as culturas ancestrais como as modernas ou pós-modernas dependem fortemente de rituais para subsistir. Das cerimónias religiosas de há milénios às rotinas diárias do séc. XXI, de que o constante acesso às redes socais acaba por ser um bom exemplo, há muito que os seres humanos gravitam na direcção de uma série de comportamentos ritualísticos para garantirem uma ilusão de ordem e de controle sobre o caos que os rodeia. Mais que em qualquer outra forma de arte, o heavy metal – e a música extrema em geral – sempre se pautou pela sua natureza cerimoniosa e, mais de duas décadas depois de se terem formado, os SOULFLY continuam a gerar um zelo que se aproxima do culto. Fomos, na companhia do inimitável Max Cavalera, descobrir de que se faz o «Ritual» do projecto que formou depois de abandonar a sua banda de sempre.

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES CHAR TUPPER

Estes últimos anos da tua carreira têm estado rodeados de uma certa nostalgia, com a digressão *Return To Roots* e, depois, uma série de concertos dos Soulfly a tocar o «Point Blank», dos Nailbomb. Como foi voltar ao passado?
Foi muito bom relembrar esses discos, apesar de ser algo que vai um pouco contra o que tem sido até aqui a minha carreira, sempre a levar tudo para a frente e a experimentar coisas novas. A verdade é que nunca me esqueço dos meus trabalhos anteriores, por isso sempre que tenho oportunidade de mergulhar nessa nostalgia, que é muito "legal", faço-o sem pensar muito nisso. Foi assim que surgiu a digressão *Return To Roots*... Acabou por ser um sucesso total. Depois lembrei-me que seria bom recordar os Nailbomb, que são um dos projectos que mais gostei de fazer, por isso fizemos também uma *tour*. Foi um pouco mais underground, mais punk rock, em locais mais pequenos, mas divertimo-nos imenso. A seguir, eu e o Igor vamos para a Rússia e América do Sul e Central, tocar o «Arise» e o «Beneath The Remains»... e, claro, estamos a lançar um disco novo com os Soulfly.

É comum falar-se com músicos que sentem uma certa vergonha do que fizeram em início de carreira. Tu, pelo contrário, não pareces ter problemas a esse nível.
Lógico. Foi tudo uma lição, aprendi muito com esses discos e, se não os tivesse feito, não estava aqui agora. Não dá para... Uma pessoa não pode, pura e simplesmente, esquecer o que está para trás. Eu tenho, inclusivamente orgulho daquelas coisas que estão mesmo no início, aquele "podredo" que fazíamos na altura do «Bestial Devastation» e do «Morbid Visions». Sabes, às vezes, penso em tudo o que fiz, no catálogo todo – é como uma mini biblioteca de música. Todos os discos que fiz com Sepultura, Nailbomb, Soulfly, Killer Be Killed, Cavalera Conspiracy... São discos "prá caralho", música "prá caralho".

Mencionaste a hipótese de tocar os primeiros discos dos Sepultura... Seria algo que ponderarias mesmo fazer?
Acho até que tem um "jeito" de fazer isso acontecer, com o Jairo, que continua lá no Brasil e fez esses discos connosco. Era muito "maneiro" se conseguíssemos colocá-lo na guitarra, arranjar alguém para tocar o baixo e fazer uns concertos a tocar esses temas "podres". É certo que, quando chegar a altura de o fazermos, eu e o Igor vamos convidar o Jairo para estar connosco, sem dúvida.

Passas o tempo entre o presente e o passado – e sempre a trabalhar no duro, sempre a tentar honrar o legado e a pensar no futuro.
É isso, sim. Prefiro continuar a trabalhar e, até para bem da minha sanidade mental, é o que tenho feito e continuo a fazer. Sobretudo nos últimos dez anos, desde que me tornei *straight edge*... [pausa] Não sou muito radical, mas parei com tudo – parei com as drogas, parei com o álcool. E resolvi pôr todas as forças, todas as energias, voltadas para a música e fiquei ainda um pouco mais fanático de metal, mais ainda do que era antes. Comecei a trabalhar muito e, na última década, fiz muitos, muitos discos. Sou aquilo que o pessoal aqui nos Estados Unidos chama *workaholic*, "né"? [risos] Para mim é muito "bacana" pular de um projecto para o outro – faço o Cavalera Conspiracy, depois o Killer Be Killed, volto aos Soulfly, que são a minha banda principal... É bom ter tudo isso para fazer.

O que te fez mudar o paradigma e enfrentar a vida sóbrio?
Acho que cheguei ao limite. As coisas estavam meio ruins. Perdi um concerto na Suécia... Não fui porque estava embriagado, acabámos por nem fazer o espectáculo. Basicamente, começou a atrapalhar a minha vida e estava na altura de parar. Há muita gente no meio que consegue equilibrar as coisas, e acho que para eles deve ser fantástico – dou até os meus parabéns a quem consegue combinar a música, as drogas e o álcool. [risos] Só que, para mim, não estava a dar mesmo mais. Na altura fui ao médico, e o "cara" disse-me que ia morrer se continuasse assim, que não ia durar muito mais. Essa é a hora em que paras e acabas a reavaliar tudo. Lembro-me de estar à frente do espelho, meio "puto" comigo mesmo, a perguntar – "*Quem é você, seu filho da puta?!? Dá uma virada na sua vida!*" [risos] A sério, ainda bem que aconteceu, porque continuo aqui, tenho a minha saúde e continuo a tocar a música que amo, que é o heavy metal.

"Parei com tudo - com as drogas, com o álcool. E resolvi pôr todas as forças e energias voltadas para a música."

Foi fácil adaptares-te?
Levei tudo na descontracção. Tenho um grande problema com aquele pessoal *straight edge* que parece que está a rezar... Que tenta converter toda a gente, sabes? A mentalidade do "*se não és* straight edge *não gosto de ti*", é uma estupidez. Não há nada disso nos Soulfly. O Marc Rizzo, por exemplo, bebe muito. Cerveja, *whiskey*... Tudo! Ele tem medo de voar, por isso tem de estar "chapado" antes de entrar num avião. [risos] Há gente nos Soulfly que fuma "baseado". Só não há drogas duras. Enquanto for assim, por mim está tudo bem – estou ali no meio e continuo a curtir, mas "careta". O que é óptimo, porque assim não tenho ressacas nem de fazer listas de pessoas a quem tenho de pedir desculpa por ter sido um "cuzão", um "babaca", um bêbado que só diz merda, na noite anterior. Agora, não tenho isso na minha vida e divirto-me muito mais. A altura dos Sepultura foi de muito abuso, havia droga e muito álcool... Para mim, é uma época meio cinzenta. Lembro-me das coisas, mas não a cores.

A tua relação com Portugal mantém-se forte, já desde os tempos dos Sepultura, mas sobretudo com os Soulfly. De onde vem essa afinidade com o público luso?
O factor linguístico ajuda muito, o facto de falarmos todos português. E, depois, o pessoal sempre curtiu muito os meus trabalhos, desde a altura dos Sepultura – sempre estivemos bem conectados. O Brasil e Portugal são países irmãos. Tudo isso ajuda. É até especial que haja tantas conexões entre Portugal e o início da carreira dos Soulfly. A capa do disco de estreia é uma foto tirada aí e, apesar de ter acontecido por acidente, porque nem me lembro bem como fiz aquela pose, funcionou muito bem. Tenho uns *posters* gigantes no meu estúdio que só foram feitos em Portugal – um Max Cavalera em tamanho real. [risos] Lembro-me também do concerto no Rock In Rio Lisboa, que foi maravilhoso... e claro, do último concerto que demos, no Vagos Metal Fest. Na altura eu estava mais dedicado aos Cavalera Conspiracy e à *Return To Roots*, mas acabou mesmo por ser uma das actuações mais "legais" que fiz em muito tempo e, de certa forma, resgatou até a ideia de quanto os Soulfly são importantes para as pessoas e, sobretudo, para mim.

Falemos então do novo disco... Que «Ritual» é este?
Escolhi o nome meio "do nada", na verdade, mas acho que é um bom título, porque nem sequer precisa de grandes explicações. Além disso, é uma palavra forte e que se escreve da mesma forma em inglês, espanhol e português. E, claro, o ritual é algo que está muito presente nas nossas vidas; na sociedade, no metal, está presente em tudo. Os concertos de metal são verdadeiros rituais com tudo o que "rola": abanar a cabeça, gritar, levantar as mãos, fazer um *circle pit* ou um *stage dive*, tudo isso faz parte do ritual que são as actuações de bandas de metal. A própria forma como ouvimos a música acaba por ser um ritual... Eu lembro-me de ouvir os meus álbuns em vinil e era toda uma experiência. Abrir o disco, cheirá-lo, colocá-lo no gira-discos, pegar na agulha, pô-lo a tocar e passar horas a olhar para a capa e para as letras. Hoje, com a internet, é tudo diferente, mas essa busca incessante por sons novos continua bem viva e também é um ritual. Acima de tudo, é um título que está aberto à interpretação individual de cada um, o que é algo que me agrada bastante. Tentámos passar essa ideia também para a capa, com aquele guerreiro que não tem tribo específica. Não é africano, não é brasileiro... É um guerreiro do mundo, com a máscara dos Soulfly, dando uma "flechada" no céu. Acho que resultou muito bem.

Gostas de títulos fortes, só com uma palavra, não é?

Curto muito, sim – e a maior parte dos meus discos mais populares têm títulos só de uma palavra. «Arise», «Chaos A.D.», «Roots», «Soulfly», «Primitive», «Prophecy». É claro que, depois, temos o «Proud To Commit Commercial Suicide», dos Nailbomb, que é um título maior. [risos] Mas na generalidade gosto do "curto e grosso"; títulos que se percebem de imediato, que têm impacto forte e que não precisam de justificações. Acho que já é uma marca minha, assim como os riffs e o meu estilo vocal, sendo que não mexo muito nessas coisas. Neste caso, talvez inconscientemente, fui influenciado pelos Jane's Addiction, que têm o álbum «Ritual De Lo Habitual» – sempre gostei muito desse título e, sobretudo, da palavra ritual.

O público aprecia o que fazes também por seres como és, por isso faria pouco sentido estares a mudar a esta altura do campeonato.
Seria um enorme erro fazer uma mudança drástica na minha música, algo ao estilo do que aconteceu com os Celtic Frost no «Cold Lake». Isso não vai acontecer aqui! [risos] A dada altura, podia até ter procurado um técnico de voz, para me ensinar a cantar mais melódico e tentar ter mais sucesso ou algo assim, mas a busca por reconhecimento em maior escala, que outras bandas atingiram, nunca foi importante para mim. Estou plenamente satisfeito com o que curto, com o underground. Gosto da voz e dos riffs como estão, por isso para mim está bom e não faz sentido mudar. É como se diz no Brasil em relação ao futebol: se a equipa está a ganhar, não vale a pena mexer mais.

Mesmo assim, o «Ritual» é diferente do «Archangel» e do «Psychosis».
Concordo, então... É importante ter a minha marca registada e manter as coisas que sei que são minhas, mas também estou sempre à procura de coisas novas para mostrar. Algo que sempre fez parte da minha música foi a evolução e, se alguém ouvir o meu catálogo do início ao fim, vai perceber que há sempre uma certa evolução de disco para disco – era mais forte ainda na época dos Sepultura, do «Arise» para o «Chaos A.D.» e, depois, para o «Roots». Não é algo fácil de fazer, mas nós conseguimos e, de certa forma, mostrámos às pessoas que é possível manter uma identidade mas trazer também coisas novas para o metal. Essa foi uma lição que tentei aplicar sempre nos Soulfly, sendo que o «Ritual» não é uma excepção.

Este álbum recupera vários elementos que foram proeminentes no arranque dos Soulfly. Teres feito a *Return To Roots* teve impacto na composição?
Por estranho que possa parecer, teve pouco impacto. Quando fiz o «Psychosis» sabia que o álbum seguinte dos Soulfly teria de ser diferente, por isso decidi fazer algo mais tribal, mais *groovy*. Para mim, fazer uma cópia do «Psychosis» seria até um erro – eu gosto do disco "prá caralho", mas gosto também muito deste «Ritual», que é uma outra história. É engraçado porque fiz o «Psychosis» a seguir à *Return To Roots* e o «Ritual» depois da tal *tour* a tocar os temas dos Nailbomb, mas o «Ritual» é mais parecido com o «Roots» e o «Psychosis» é mais parecido com os Nailbomb – é uma situação meio invertida, mas que aconteceu por acidente. Nem sei bem como explicar. [risos]

Parece que o Josh Wilbur teve bastante impacto na dicotomia *groove*/rapidez que caracteriza este álbum, correcto?
Sem dúvida. O Josh é um produtor muito profissional, mas entrou no processo como fã... Disse-me, logo no início, que o «Chaos A.D.», o «Roots» e o «Soulfly» tinham sido discos muito importantes na vida dele, por isso queria que fizéssemos um álbum que, como fã, gostasse de ouvir. Talvez por isso esteve sempre a puxar para os Soulfly clássicos, aquela fase do início com que está mais familiarizado... Isso, para mim, foi óptimo, porque andei meio esquecido desse período da banda nos últimos anos. De certa forma, foi como rever um filme clássico vinte anos depois de o termos visto pela primeira vez. Revês o filme e percebes o quão bom é realmente, sabes? O que se passou foi parecido, porque ouvimos muito o «Soulfly» e o «Primitive» enquanto estivemos no estúdio. Aquelas sensações de há vinte anos voltaram à tona e acabaram por servir de inspiração para o que fizemos.

Talvez seja cedo para perguntar, mas já sabes qual vai ser o próximo passo?
Para ser sincero, actualmente o tanque está vazio. Fiz estes dois álbuns, o «Psychosis» e o «Ritual», num espaço de tempo muito curto e cheguei ao meu limite, por isso vou ter de fazer um *break* até pensar em começar novamente a compor. Esta próxima digressão deve durar até meio de 2019 e só nessa altura vou então pensar novamente em fazer música nova, provavelmente para o próximo álbum dos Killer Be Killed.

"The perfect symbiosis of old school hardcore, heavy grooves and metallic heaviness!" - METAL HAMMER (GER)

TERROR

TOTAL RETALIATION

CD | LP | DOWNLOAD - IN STORES NOW

INCLUDES THE DIGITAL SINGLE "MENTAL DEMOLITION"

NORTHWARD

The amazing Hard Rock project of
Floor Jansen (NIGHTWISH)
and **Jørn Viggo Lofstad (PAGAN'S MIND).**
Produced by Jacob Hansen (VOLBEAT a.o.)

CD | DOWNLOAD

IN STORES **19.10.**

INCLUDES THE DIGITAL
SINGLE "WHILE LOVE DIED"

DEATH ...IS JUST THE BEGINNING MMXVIII

"In the beginning DEATH METAL was in truth, a reaction to what I felt was a void left open in the music of the day. We were playing heavier and heavier styles of music and just decided to make an honest effort to create the heaviest music on the planet. It seemed like such an obvious thing to do at the time. There was already Speed Metal, Black Metal, Thrash Metal so we decided to call Possessed, "DEATH METAL"."
Jeff Becerra / POSSESSED

INCLUDES SONGS OF: KATAKLYSM # · HYPOCRISY # · THE SPIRIT · BENEDICTION * · POSSESSED * INSIDIOUS DISEASE * · MEMORIAM # · THY ART IS MURDER · IMMOLATION # · NAILED TO OBSCURITY BLEEDING GODS · DECAPITATED # · CARCASS · AENIMUS * · PARADISE LOST · BRUJERIA #

* UNRELEASED SONG # FIRST TIME ON CD

NEW SONGS OF BENEDICTION & POSSESSED

CD | 2LP IN GATEFOLD | DOWNLOAD - IN STORES 19.10.

""THE THIRD SECRET" IS THE US METAL SENSATION OF THE YEAR!"
DEAF FOREVER (GER)

FIFTH·ANGEL

The Third Secret

CD | LP IN GATEFOLD | DOWNLOAD - IN STORES **26.10.**

INCLUDES THE DIGITAL SINGLE "CAN YOU HEAR ME"

CHECK OUT!
OUR NEW NUCLEAR BLAST MAGAZINE
More than 30000 CDs, Vinyl, T-Shirts, Longsleeves, Poster, DVDs... order free at:
Nuclear Blast · Oeschstrasse 40 · D-73072 Donzdorf · Germany
Tel. +49 (0) 7162-928626 · Fax +49 (0) 7162-24954 · email: nuclear@nuclearblast.de

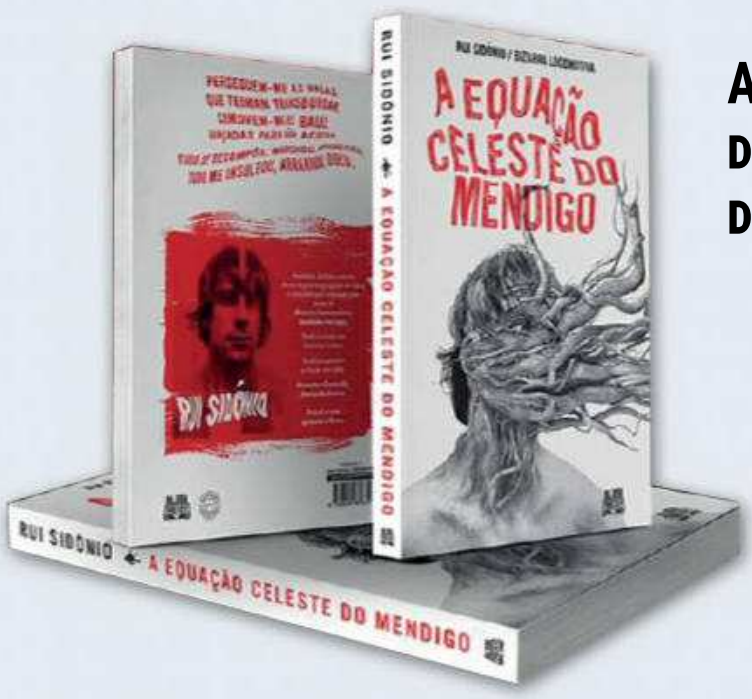
compact records

ONLINE SHOP, BAND INFOS AND MORE:
WWW.NUCLEARBLAST.DE
WWW.FACEBOOK.COM/NUCLEARBLASTEUROPE

NUCLEAR BLAST

NUCLEAR BLAST MOBILE APP FOR FREE ON IPHONE, IPOD TOUCH + ANDROID!
Get the NUCLEAR BLAST mobile app NOW at **http://road.ie/nuclearblast FOR FREE** or scan this QR code with your smartphone reader!

ASSINA A LOUD!



ASSINA A LOUD! E RECEBE O LIVRO «A EQUAÇÃO CELESTE DO MENDIGO», DA AUTORIA DE RUI SIDÓNIO, VOCALISTA DOS BIZARRA LOCOMOTIVA.

Se optares pela subscrição **LOUD! PREMIUM** recebes – **SEM QUALQUER SORTEIO!** – uma cópia daquele que é o primeiro livro de Rui Sidónio. Reconhecido pela elegância e pela violência visceral das letras que escreve para os Bizarra Locomotiva, Sidónio passa agora para o mundo exclusivo das palavras, sem música para as expelir. «A Equação Celeste do Mendigo», que tem edição Alma Mater Books & Records / Rastilho de Letras, trata-se de um volume de poemas, mas que também encerra em si uma história completa, fervilhando intensamente com os personagens surreais e as emoções à flor da pele a que o vocalista já nos habituou durante tantos anos a vociferar as suas palavras na sua banda de sempre.

Para tal, basta que efectues a tua transferência e nos envies o respectivo comprovativo, para **assinaturas@loudmagazine.net**, a partir das 12:00 do dia 2 de Outubro. Os novos assinantes têm direito a um livro dentro do limite do *stock* existente. **Sejam rápidos!**

SE ASSINARES

- Poupas dinheiro, porque compras a LOUD! ao preço antigo
- Recebes a LOUD! no conforto do lar sem o mínimo esforço adicional
- Podes começar a ler a LOUD! antes de chegar às bancas

Se, por acaso, os deuses estiverem loucos e não quiseres este livro, não desesperes! Podes também escolher como prémio de assinatura ambos os álbuns dos **HOURSWILL**, «Inevitable» e «Harm Full Embrace», lançamentos ETHEREAL SOUND WORKS.

LOUD! BASIC
ASSINATURA ANUAL EM PAPEL
36€ (DESCONTO DE 14%)

LOUD! PREMIUM
ASSINATURA ANUAL EM PAPEL E DIGITAL
45€ (DESCONTO DE 32%)

ASSINA JÁ!

O pagamento pode ser feito por cheque ou vale postal em nome de Pessoal do 13 - Publicações, LDA. e remetido para a nossa morada ou, mais simples ainda, por transferência bancária (num multibanco não existem quaisquer comissões de transferência) para o seguinte NIB: 0036 0027 99100151466 59.

Essencial é também o envio do nome completo, número de B.I., morada, contacto telefónico e e-mail, assim como o comprovativo da transferência, para o endereço **assinaturas@loudmagazine.net**

Se resides no estrangeiro, a LOUD! pode chegar a ti pelo correio na mesma. Envia e-mail para o endereço referido acima a pedir informações.

---

* Atenção! Não adianta enviarem o comprovativo antes das 12:00 do dia 2/10 porque a promoção só é mesmo válida a partir dessa hora.

THERAPY?

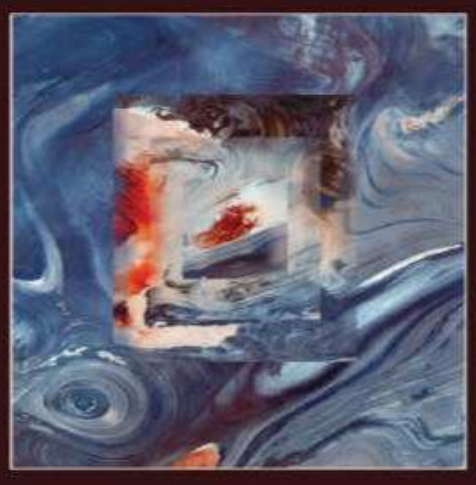
THE NEW ALBUM CLEAVE OUT 21ST SEPTEMBER 2018

ON TOUR IN OCTOBER 2018

AVAILABLE ON CD/VINYL/DIGITAL

WWW.MARSHALLRECORDS.CO.UK | WWW.THERAPYQUESTIONMARK.CO.UK

BLACK PEAKS



ALL THAT DIVIDES

OCT.5TH

BLACKPEAKS.COM | RISERECORDS.COM

SYLAR

SEASONS

THE NEW ALBUM OUT ON OCTOBER 5TH

SYLARNY.COM | HOPELESSRECORDS.COM

HANDS LIKE HOUSES

- A n o n .

THE NEW ALBUM OUT ON OCTOBER 12ND

HANDSLIKEHOUSES.NET | HOPELESSRECORDS.COM

NOTREDAME PRODUCTIONS / SIDE B ROCKS

Bastou passarmos uma tarde com o Carlos Freitas a ouvir umas malhas giras para assegurarmos logo a cobertura de duas entidades muito importantes da cena nacional actual. Por um lado, a Notredame Productions, promotora que tem trazido inúmeras bandas importantes do panorama internacional (bem como nacionais, claro está) às salas portuguesas, e que nos últimos anos tem também desenvolvido o "seu" festival, Under The Doom. Por outro lado, o Carlos é também o responsável pelo Side B, saudosa *venue* que colocou Benavente no mapa obrigatório do circuito ao vivo nacional durante vários anos, e que agora reabre finalmente em Alenquer, sob o nome de Side B Rocks. Como se pode imaginar, o Carlos é um tipo cheio de histórias, que o LOUD! DJ tentou puxar à tona à força de temas inconfundíveis de bandas com quem já trabalhou.

MARTY FRIEDMAN

«Forbidden City»

Do álbum «Dragon's Kiss» [1988]

Foi no dia 9 de Outubro de 2012 que o senhor Marty Friedman passou pelo Side B de Benavente, pela mão da Notredame, na altura na companhia de Yossi Sassi e Stephan Forte. Um concerto incrível, que foi também marcante para o Carlos, um fã assumido.

***Carlos*:** Espera lá, deixa-me ouvir mais um bocado…

Tens oito minutos e dezoito segundos, que é o que dura o tema. Não estejas é à espera da voz. [risos]

***Carlos*:** Oito minutos deve ser doom. [entra um *lead* espalhafatoso] Se calhar não. [risos] Assim de repente, não estou a ver… Estas guitarras parecem algo na onda de Megadeth.

Faz todo o sentido.

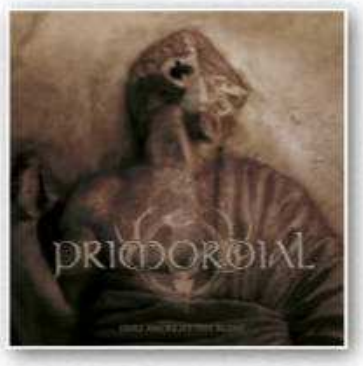
***Carlos*:** É o Marty Friedman?

Certíssimo!

***Carlos*:** Gosto muito dele, apesar de não ser das cenas que mais ouço. E como pessoa, foi cinco estrelas. Muito acessível, está sempre tudo bem para ele, não é um *rock star*. No dia do concerto, não teve exigências nenhumas – não quis fazer *soundcheck*, sequer. Chegou à sala antes de ir para o hotel, viu o palco, a mesa de som, e confiou plenamente na cena. E o concerto foi dos melhores em Benavente, foi mesmo um dos pontos mais altos. Não necessariamente em termos de público – estava cheio, mas não a abarrotar – mas o concerto em si foi absolutamente brutal.

Como fã, como é que chegaste ao Marty Friedman? Foi via Megadeth?

***Carlos*:** Sim, foi. Sempre fui grande fã dos Megadeth.



PRIMORDIAL

«Stolen Years»

Do álbum «Exile Amongst The Ruins» [2018]

Quando lerem isto, já os Primordial terão deixado a sua marca em Lisboa e Porto, pela mão da Notredame, numa sessão de *warm up* para o Under The Doom, festival que, de resto, encabeçaram em 2016.

***Carlos*:** [risos] É para responder já? Grande álbum! Para mim álbum do ano, este dos Primordial.

Como é óbvio já trabalhaste com eles, já os trouxeste cá, vais voltar a fazê-lo… És fã de longa data?

***Carlos*:** Sim, sim. Até cheguei a ir assistir a alguns concertos, quando o José Costa andava com eles, quando eram uma banda pouco conhecida. Houve aquele concerto na margem Sul…

Já tens uma relação criada com eles?

***Carlos*:** Sim, falo regularmente com o Alan e com o Pól, também, o baixista, dou-me muito bem com ele. É pessoal muito fixe.

Nunca houve nenhuma complicação nos concertos?

***Carlos*:** Não… mas há ali um pormenor curioso, eles não se dão muito fora do contexto da banda. Alguns dão-se bem com outros, e tal, mas não são aquele grupo onde todos são amigos uns dos outros. E isso nota-se nos concertos e às vezes é difícil gerir. Mas tirando isso, na parte técnica, são impecáveis, claro. Desde que as exigências deles sejam cumpridas, corre tudo bem.

HOLOCAUSTO CANIBAL

«Opusgenitalia» [2006]

Do álbum «Opusgenitalia» [2006]

Não só de bandas internacionais vive uma promotora e uma sala de espectáculos, bem pelo contrário – tanto a Notredame como o Side B sempre foram grandes "montras" para o melhor do underground nacional, seja em abertura das "estrelas" estrangeiras, seja em nome próprio também. Um dos nomes que há mais tempo mantém uma relação com o Carlos é um clássico da extremidade à portuguesa, os Holocausto Canibal.

***Carlos*:** Até me parecia a entrada de um tema dos Shining, mas obviamente não é. È Grog? Não, deixa-me lá ouvir… Holocausto Canibal?

É isso mesmo. Com quem tens uma longa história, não é?

***Carlos*:** Sim, é verdade… Mesmo no princípio da minha actividade, organizei alguns concertos nas Caldas da Rainha, no Centro da Juventude, onde era o Colhões de Ferro. Acho que fui eu que comecei lá a fazer algumas cenas de metal, e cheguei a fazer um concerto com Holocausto Canibal, foi aí o primeiro contacto que tive com a banda e com o Zé Pedro. Daí para cá, já fiz concertos com eles em formato trio, em quarteto, em quinteto, tudo e mais alguma coisa. [risos]

Já são quase parceiros, não é?

***Carlos*:** Pois, criei uma boa amizade com o Zé Pedro, ele faz alguns concertos também e nós partilhamos algumas coisas. Ultimamente tenho recebido propostas e partilho as datas do Porto com ele, normalmente quando são coisas nesta onda, seja grind, death metal ou até black metal.

SAMAEL

«Into The Pentagram»

Do EP «Rebellion» [1995]

A primeira banda estrangeira que o Carlos trouxe a Portugal, um ciclo que se completou com a presença dos helvéticos no Under The Doom de 2016. Só para tentar despistar, tocámos a versão mais "industrializada" do EP «Rebellion», que por acaso até está mais perto daquilo a que soam agora do que o clássico do «Worship Him».

***Carlos*:** [ao fim de algum tempo] É Samael, é isso?

É pois.

***Carlos*:** Não estava a reconhecer esta versão!

Foi de propósito, é a do «Rebellion».

***Carlos*:** Ah, sim, já sei. Ouvi duas ou três malhas desse disco na altura, só. [risos]

Primeiro concerto internacional, não foi?

***Carlos*:** Foi, uma grande aventura… [risos] Foi o primeiro onde perdi muito dinheiro também! Mas foi uma experiência que me marcou, claro. Houve uma série de percalços, a banda chegou cá sem instrumentos, perderam tudo no voo… Tivemos que alugar o material, o que foi relativamente tranquilo no que diz respeito a guitarra e baixo e por aí fora, mas os teclados do Xy… Não só tinham que ser aquele modelo específico, mas ele tinha as coisas todas lá programadas. Foi um "filme", não me lembro quem foi, mas alguém safou isso. Depois para ele instalar tudo, teve que estar a fazer pela internet, e sei que foi mesmo até ao último minuto para conseguir pôr tudo a funcionar.

O que é que correu mal para além disso?

***Carlos*:** Foi em 2007, numa fase em que os Samael estavam meio esquecidos, naquele álbum «Solar Soul», que não foi especialmente bem aceite. Acabou por ser um concerto porreiro, a banda é boa, mas calhou mal a data também, porque bateu no mesmo fim-de-semana do Metal GDL em Grândola com os Moonspell. Para além disso, sendo o primeiro concerto internacional de um promotor novato, onde quer que se consiga "meter a mão", mete-se, e houve ali muita coisa que eu paguei, que hoje em dia não tinha acontecido. Das duas vezes seguintes que fiz Samael, por exemplo, já correu de outra maneira.

Apesar de tudo, não desististe!

***Carlos*:** Não… mas ainda andei ali algum tempo a recuperar. Foi uma fase complicada também a nível pessoal, e a seguir a esse concerto estive uns dois anos sem fazer nada. Depois ganhei forças outra vez, e pronto, é aquela cena – quando se começa a fazer isto, é um "bicho" que toma conta de ti. Quando se faz as coisas por gosto, acaba sempre por se continuar a fazer.

CORPUS CHRISTII

«Under Beastcraft»

Do álbum «PaleMoon» [2015]

Voltemos aos nacionais, e mais uma banda com ligações profundas à Notredame e ao Side B. Os Corpus Christii, liderados por Alexandre "Nocturnus Horrendus" Mota, já se cruzaram inúmeras vezes com o Carlos… será que ele estava a prestar atenção ao caos sonoro?

***Carlos*:** Hmm… É Watain?

Não é, e não sei se o cavalheiro vai gostar muito disso. [risos]

***Carlos*:** Eh pá… É que me está a soar familiar, mas não consigo situar. Agora nota-se bem que não é Watain, foi só na parte inicial. Mas ainda não sei.

Queres outra? [toca-se «Become The Wolf», do «Delusion» do ano passado]

***Carlos*:** É português?

É sim senhor.

***Carlos*:** A voz é tão familiar. Às vezes há coisas…

Não há problema, à terceira é de vez. Olha uma antiga. [toca-se o clássico «All Hail (Master Satan)», do «The Torment Continues», já de um longínquo 2005]

***Carlos*:** Soa a Corpus!

E soa bem! Foi preciso ir ao antigamente!

***Carlos*:** [risos] Pois, faz sentido. Não conheço tão bem as coisas mais recentes.

Mais uma relação próxima, não é?

***Carlos*:** Pois, o Alexandre trabalha comigo actualmente. Já há cerca de dois anos que é *stage manager* nos concertos, é um tipo super profissional. Não tenho que me preocupar com nada, ele toma conta de todas as suas tarefas, e é cinco estrelas.

E musicalmente, és fã?

***Carlos*:** Sou fã à minha maneira, vá. [risos] Não é uma sonoridade que me toque especialmente, confesso, mas gosto da banda. Para mim é muito diferente ouvir uma banda em disco ou ver um concerto. Completo o ser fã de uma banda principalmente com os concertos, e no caso dos Corpus Christii, se calhar não ouço um álbum inteiro, mas consigo ver dois concertos inteiros seguidos. E respeito-o imenso artisticamente, sempre fez a cena dele, com várias bandas, e acho que merecia muito mais reconhecimento lá fora, por exemplo.

ARCTURUS

«The Chaos Path»

Do álbum «La Masquerade Infernale» [1997]

Terminamos, como não poderia deixar de ser, com uma banda da vindoura edição do Under The Doom, os noruegueses Arcturus, uma lenda do metal avant-garde dos anos 90. Bastava tocarem este tema para já valer a pena todo o festival, diga-se…

***Carlos*:** Arcturus! É daquelas bandas que não sei o que posso esperar deles ao vivo. [risos] Da última vez que tocaram em Portugal foi um bocadinho mau. Também estavam todos bêbados, tinham-se voltado a juntar há pouco tempo… mas já ouvi muito boas críticas dos concertos mais recentes, por isso creio e espero que venham dar um grande concerto. Mas estou à espera de uma banda complicada…

Muitas exigências?

***Carlos*:** Nada de chocante, mas o *rider* técnico é muito exigente. O baterista [Hellhammer] pediu uma bateria que andei dois meses à procura para conseguir confirmar o concerto, por exemplo. Ele tem patrocínios, e só toca com aquele modelo e tem que ter um monte de características específicas. Não é nada fácil arranjar tudo isso.

Já andavas atrás deles há algum tempo?

***Carlos*:** Sim, já o ano passado os queria ter tido cá. Sei que não é aquela banda gigante que toda a gente conhece, especialmente em Portugal, mas aqui é mais o meu gosto pessoal a falar. Gosto mesmo muito disto. Aliás… quase todo o Under The Doom é nesse registo de gosto pessoal, particularmente este ano.

SON OF CAIN

PAR DE ASES

Duas caras bem conhecidas da nossa cena, com uma ligação artistica já de longa data quase telepática, apresentam finalmente o seu longa-duração de estreia. Falamos naturalmente dos SON OF CAIN, duo formado por Hugo Conim (Dawnrider, Clockwork Boys, Patrulha do Purgatório, Dragon's Kiss e várias outras) e Alexandre "NH" Mota (Corpus Christii, Morte Incandescente, A Tree Of Signs e muitas mais), dois dos mais prolíficos músicos nacionais que se dedicam agora a *rockar* que nem gente grande nesta banda que promete ir dar que falar. Simplicidade contundente– NH na bateria/voz e Conim na guitarra, e chega –, grandes riffs, refrães pegajosos... «Closer To The Edge» tem tudo para ser feliz, e para nos fazer felizes.

JOSÉ CARLOS SANTOS ROBERTO RAPOSO

Qual era o objectivo principal para este álbum?

Hugo: Quisemos fazer o disco mais fiel possível ao que somos ao vivo. Podíamos ter posto várias guitarras diferentes por cima, coisas assim, mas não. Acho que os temas transmitem exactamente o que somos quando tocamos ao vivo, e essa é a grande e principal mudança em relação ao que já tínhamos feito. O EP foi uma coisa mais de estúdio.

Alexandre: Acho que é preciso mencionar que o EP quase "não conta" para a banda que é agora. Foi produto de uma formação diferente, e este álbum é que nós vemos como o verdadeiro início da banda, aqui é que está a nossa verdadeira identidade. A banda somos nós os dois, somos nós a compor juntos, e foi isto que saiu. Tentámos incluir o menor número possível de elementos na gravação. Apesar de haver muitas ideias, tentámos controlar um pouco isso, porque queríamos, como ele disse, ser fiéis ao que somos ao vivo, não queríamos complicar.

Hugo: Podia fazer como faço nos Dawnrider – montes de pormenores, montes de guitarras, riffs aqui e ali… Mas aqui, o que faz sentido é a simplicidade. Até por outra razão – é que muitos destes temas, nós rodámo-los nos nossos concertos antes de os gravarmos. Sabíamos perfeitamente o que é que queríamos quando entrámos em estúdio. Por outro lado, também há três deles que fizemos quase por completo durante as sessões no estúdio. É um pau de dois bicos. [risos] Acho que funcionamos bem das duas maneiras.

Não se nota grande diferença final entre os dois métodos? Bom, o facto de não saber quais são e também não conseguir adivinhar acho que já responde a isso…
Hugo: Pois, acho que não. Acho que todas se enquadram muito bem no disco.
Alexandre: Apesar disso, dessa coesão, eu acho que o álbum é muito variado também. Mas não pela questão de terem sido rodadas antes ou não, aí não há grande diferença. Essa situação também aconteceu porque nos apercebemos, um dia antes de irmos para estúdio, de que provavelmente precisávamos de mais música para meter no álbum. Mas os temas que já tínhamos escrito primeiro, apesar de o termos feito com tempo, também nos saíram logo rapidamente na sala de ensaio. Sem pressão, a música que escrevemos estava a explodir para sair. Com pressão, acabou por ser igual. A fórmula foi a mesma. E se alguma coisa não fosse boa, não tínhamos usado de qualquer maneira.
Hugo: Tens razão, se virmos bem, grande parte dos outros temas que tocámos antes ao vivo nasceram da altura em que começámos a tocar ao vivo porque ficámos entusiasmados com o EP, e precisávamos de mais músicas para "encher" um concerto. Esta espontaneidade nem tem só a ver com os Son Of Cain, já vem de trás, de outras experiências que já tive com o Alexandre – nós temos *jam sessions* em que tocamos horas e horas seguidas sem parar, e as coisas saem muito bem. Tem a ver connosco enquanto músicos, damo-nos bem e estamos quase em piloto automático, no bom sentido.
Alexandre: Eu nos últimos anos tenho dado como garantido que os músicos se encontram, começam a trabalhar e fazem música. Mas isso não é um dado adquirido. De maneira nenhuma. Por isso é que eu demorei tantos anos a encontrar músicos com quem tenha essa relação, e quando os encontrei, aconteceu sempre "magia". Mas no mundo real, no dia-a-dia normal, não é assim.

É caso para dizer que já se deviam ter juntado mais cedo!
Hugo: Antes de começarmos este projecto, eu já sabia que ia resultar. Lembro-me de *jam sessions* que fizemos há anos na casa dele, e nessas gravações até deve haver coisas muito interessantes que temos que explorar, e aquilo corria sempre muito bem. Entretanto os Subcaos acabaram, ele seguiu com as bandas dele e eu com as minhas, mas sempre ficou aquela coisa, que qualquer dia tínhamos que ter uma banda juntos outra vez. Isto é uma equipa que funciona.

Têm algum processo específico para a escrita? Algum método? Ou é tudo *jams*?

"Antes de começarmos este projecto, eu já sabia que ia resultar." – Hugo Conim

Hugo: Mais ou menos… geralmente eu tenho um riff, posso ter um refrão ou não, e começamos a explorar à volta disso, fazemos uma ponte para colar o refrão… entretanto o Alexandre começa a pôr a voz, com melodias por cima, até pode ser sem palavras, e é a partir daí que começamos a esculpir a música.
Alexandre: É curioso, ao fim de quase vinte anos de carreira mais a sério como músico, tive que reestruturar a minha forma de composição. Quer queiramos quer não, a fórmula de fazer rock, é uma fórmula, digamos, mais pop. Mais punk rock, vá. Mais Ramones. Então, tive que começar a fazer refrães, melodias de voz, pensar em conciliar riffs para meter por cima da voz, tudo coisas que nunca fiz na minha vida. É bastante entusiasmante, e para mim foi quase como uma criança a pegar no seu primeiro *lollipop*. Nunca tinha pensado desta forma numa banda. Então, temos duas expressões – o Conim com um riff poderoso, e eu com uma melodia de voz, e o desafio é conciliar as duas coisas. É uma dinâmica diferente e é gratificante. Normalmente, nos géneros mais extremos, um gajo o que é que faz? Grandes riffs, estrutura musical, e depois por cima a melhor vocalização que consiga. Aqui o equilíbrio é diferente.
Hugo: Eu até acho que este álbum vive dos grandes refrães que tem. Tentámos que fossem cantáveis ao fim de duas ou três audições. E a aproximação vocal do Alexandre cai ali que nem ginjas…

Como é que te sentes a cantar, e não a invocar demónios funestos com os teus guinchos, Alexandre?
Alexandre: Não é fácil! Para fazer a composição, tenho que ter logo uma melodia para a voz, e quando estamos a compor eu estou na bateria… Estou a inventar riffs de bateria e melodias de voz, sem letras, ao mesmo tempo. É uma confusão bastante hilariante… e extasiante ao mesmo tempo! Mas o focar mesmo a sério na voz vem mais tarde, quando já tenho algumas letras. É uma experiência bastante nova para mim – como sabes, eu canto há muito tempo, mas nunca demonstrei propriamente isso nas minhas bandas. Algum "cheirinho" aqui e ali, como convidado noutras bandas principalmente, mas nunca o mostrei publicamente a sério. E confesso que não foi tão difícil fazê-lo como eu pensava que ia ser. Admito que às vezes parece que não estou habituado a ouvir-me desta forma, é estranho, mas é um exercício muito curioso. Acima de tudo sempre me considerei um compositor e vocalista, não tanto um músico "a sério". Não domino um instrumento suficientemente para isso.

E estás preparado para te continuarem a comparar ao Danzig, já estás em paz com isso?
Alexandre: [risos] Vou ser o mais sincero possível com isso… Tudo começou como uma piada, alguém disse que nós somos os Danzig sem seguro de saúde. [risos] E realmente, eu sou mega-fã dos primeiros quatro álbuns do Danzig, mas sinceramente, nunca pensei em Danzig quando estávamos a fazer Son Of Cain ao início. Foi só depois das piadas que de facto pensei nisso. A origem dessa influência foi natural e inesperada, admito que está lá, sim, mas não estava para aí virado. Pensei que fosse "sair" algo mais heavy metal britânico, ou até mais stoner rock. Mas está a soar a Danzig? Pronto, que seja. Não há assim tantas bandas a soar à dele, pois não?
Hugo: Eu até acho que ele é muito variado! Ele soa a Danzig, ele soa ao Peter Steele, ao Bobby Liebling, muitas influências de Nazareth, e até há um tema que tem uma pitada de Bruce Dickinson! Mas sim, há muito Danzig. [risos]

NASHVILLE PUSSY

SEXO, GUERRA E ROCK'N'ROLL

É uma das melhores máquinas de rock que rola pelos palcos de hoje. Vinte anos de carreira, celebrados com um novo trabalho, «Pleased To Eat You», apresentado à LOUD! pela bem-humorada guitarrista Ruyter Suys, uma das fundadoras dos NASHVILLE PUSSY, a par do guitarrista/vocalista (e seu marido) Blaine Cartwright.

EMANUEL FERREIRA EVAN BARTLESON

"Subir ao palco e tocar, é isso que nos mantém vivos."

«We Want A War» é o vosso primeiro *single*, e soa um pouco político, algo que não esperava encontrar nos Nashville Pussy.
Não somos um grupo político, tentamos ser o menos possível. Acho que os grupos que tentam ser políticos nas suas letras são aborrecidos e evitámos isso. Somos um grupo de rock e pretendemos que as nossas letras sejam divertidas, com alguma ironia. Este tema é o mais próximo que podíamos ir, para falar de guerra e de quem a faz, e é tudo o que posso dizer.

Referes a ironia, e a realidade é que sempre jogaram com o nome dos temas, brincaram com as palavras, colocando sempre um lado sexual nas músicas. Ainda é possível fazer isso hoje, com todo o politicamente correcto?
Nem sequer tentamos prestar atenção ao politicamente correcto. Primeiro teriam que perceber que existimos para depois se preocuparem. É tudo uma treta, pessoas por vezes demasiado preocupadas com algo pontual, outras vezes confusas naquilo que afirmam. Nunca poderíamos ser politicamente correctos, era mais fácil que nos fizessem uma lobotomia.

Talvez por isso seja mais fácil fazer uma digressão hoje, na Europa, que nos Estados Unidos onde existe essa forma de fascismo mental?
Totalmente de acordo, desde o princípio do grupo que sempre houve alguma complicação no lado norte-americano. Lembro-me de no primeiro trabalho, «Let Them Eat Pussy», estarmos em digressão na Europa, e haver alguém ligado ao ramo norte-americano da editora a querer censurar a capa do disco, a ligarem para nós para serem tomadas decisões. Em lugar de se preocuparem como corria a digressão, era a capa que importava. Quando fomos nomeados para um Grammy, a apresentadora começou a ler os nomes, "*Judas Priest, Rage Against The Machine, Metallica, Nashville Pussy… eles têm de fazer algo em relação a este nome!*" Ela nem teve problemas em comentar o nosso nome em directo, e nem nos conhecia para poder criticar. Sempre fomos alvo de alguma forma de pressão. Actualmente, nos Estados Unidos, pedem que a música seja menos ofensiva, mas nós nem consideramos que a nossa música seja ofensiva, por isso *fuck them*!

Li algures que se tinham mudado para França, enquanto banda.
Não, mas passamos muito tempo na Europa, em digressões, é o continente onde temos feito mais concertos. Há mais liberdade aqui na Europa, e Portugal é um dos melhores países que conheço para tocar. Portugal, Croácia e Itália, são os meus países favoritos para concertos. Queremos voltar aí e tocar mais vezes.

Vocês vieram a Portugal duas vezes com o mesmo disco, parece é mais fácil encontrar uma digressão vossa do que um álbum novo. Porque gravam tão pouco?
Gravar um disco é mais complicado e envolve mais esforço. Temos de planear coisas, articular horários, parar para compor. Repara, para estares a fazer esta entrevista, foi preciso marcar com alguém numa editora, que depois marcou comigo, quando tudo seria mais fácil marcar e falar directamente no Facebook. Isto é o exemplo de como pode ser complexo lançar um álbum. Um disco é um processo mais complicado que uma *tour*, e mais lento, tens de lidar com uma série de coisas que tomam tempo e envolvem mais pessoas que um grupo na estrada. É mais fácil subir ao palco e tocar, é isso que nos mantém vivos. Preciso de subir a um palco para me sentir viva. Gosto de dar 110% no palco, ou não me vou sentir bem.

Sentem maior aceitação nos últimos anos por haver alguma relação vossa com este crescendo do stoner rock?
Não sei… Antes fizemos digressões com Lynyrd Skynyrd, Marilyn Manson, Slayer. Somos uma banda de rock e não fazemos um género específico. Confesso que não sei o que acontece agora na Europa, mas que tem sido muito bom para nós, nos últimos anos, tem. E estamos com o mesmo agente de sempre, que é excelente. Ele conseguiu datas para nós, em Outubro, na Grécia, e há muito que não tocávamos por lá. De facto tem sido um bom ano, os europeus realmente gostam de rock'n'roll.

Voltando aos títulos e letras – num grupo formado por metade homens e outra metade de mulheres, nem sequer devia haver muita consideração sobre eventual sexismo ou machismo. É óbvio o lado humorístico.
A forma como compomos o grupo, é algo que vejo como a música no futuro, homens e mulheres em diferentes instrumentos num grupo.

Hoje vês muito mais mulheres a ocupar esses postos.
É natural, só não entendo porque as mulheres demoraram tanto tempo a conseguir isso, mas fico contente que esteja a acontecer.

Por outro lado ainda há quem refira o termo "*female fronted*".
Sim, isso não me surpreende. Ficaria mesmo admirada no dia em que lesse um crítico a dizer algo como "banda só de homens a fazer temas de Judas Priest".

Uma das tuas influências foi a Wendy O. Williams dos Plasmatics, uma *frontwoman* carismática. Fala-nos mais dessa relação.
Sim, amava-a. Lembro-me perfeitamente de quando a vi pela primeira vez, tinha doze anos, estava a fazer de *babysitter* e ela apareceu na TV a serrar uma guitarra. A minha reacção foi de espanto. Os meus pais eram meio *hippies* e sempre gostaram que a música que escutasse tivesse influências femininas, tipicamente *hippies* canadianos, mas o que me davam a conhecer não tinha nada a ver com o que ela fazia. Era bastante extrema e muito ousada para a época, se calhar mesmo para hoje. A Tracy Almazan, uma das nossas baixistas, chegou a tocar com um dos músicos dos Plasmatics num grupo, e estava sempre a referir isso, porque também gostava muito da Wendy.

O Lemmy foi outro dos personagens que vos influenciou.
Ele era Deus, fazia sempre mais do que tu. Podias tentar beber muito, que ele iria sempre beber mais que tu. Tudo que tu fizesses, ele ultrapassava-te. Mas ao mesmo tempo, estava sóbrio e em controlo da situação. Vi os Motörhead pela primeira vez em 1983, em Cleveland, os meus pais detestavam que gostasse deles. Anos mais tarde formei a banda e depois demos vários concertos juntos. Um dia estava a tocar com eles na minha terra natal e convidei os meus pais para assistirem. No fim do concerto, estou com a família, e lá aparece o Lemmy. Pega nos meus pais e vai para um canto falar com eles, fiquei logo a imaginar coisas. No fim, a minha mãe vem ter comigo e diz-me que gostou muito dele e que era uma pessoa muito inteligente e fascinante. Olhei para ela e disse-lhe: "*Desde 1983 que te digo isso! Foi preciso formar uma banda, dar a volta ao mundo e trazer-te cá para acreditares em mim? Obrigado!*"

Tu e o Blaine são um casal no dia-a-dia. Como é viver assim, com grupo e vida pessoal a misturarem-se?
Para ficares com uma ideia de como funciona, neste momento ele está em Atlanta e eu em Itália. Há um respeito mútuo, ele tenta acompanhar-me na estrada e estamos sempre em contacto nestas alturas em que nos afastamos.

Num casal, há sempre um que apresenta mais músicas e grupos ao outro, quem tem esse papel no vosso caso?
O Blaine faz isso. Ele está constantemente a procurar e descobrir novos nomes, que depois me põe a ouvir. E está sempre a tocar guitarra, ele é o meu *guitar hero*. Sempre que pode, está a tocar algo, adoro poder escutá-lo. Mesmo em palco, por vezes tento prestar alguma atenção.

MADDER MORTEM

LIVRES ATÉ AO TUTANO

A dicotomia entre fazer-se o que se gosta, sem olhar a quem, ou encarar a música como um produto; comercial. Há vinte anos que os MADDER MORTEM se estão nas tintas para quem considera o seu som e estética *estranhos* e já vão em sete álbuns, cada um com os seus predicados dignos de reconhecimento. «Marrow» é o mais recente, onde a banda parece ter atingido aquela maturidade que lhe permite gerir aumento de peso com ganchos mais atractivos. Egoísmo criativo ou água mole em pedra dura (...), a verdade é que o grupo norueguês é cada vez mais respeitado e diferenciado num meio com demasiadas fotocópias. Sobre este caso de genuinidade, falámos com Agnete M. Kirkevaag, a bem disposta vocalista para quem a banda é tudo.

NELSON SANTOS JANNE KIM GITMARK

Quando partem para um novo trabalho, já têm uma ideia de como querem o resultado final? Foi o que aconteceu desta vez?
Normalmente, começamos por deixar as ideias fluírem sem pensarmos muito que tipo de álbum vai ser. Não tínhamos um plano para fazer um disco específico, mas acabou por sair algo até meio conceptual porque reparámos em algumas semelhanças entre as músicas, desde cedo. Comparando com o anterior, «Red In Tooth And Claw», penso que as estruturas das canções são mais simples. São mais fáceis de seguir e o «Marrow» acaba por ser um álbum bastante melódico. Era para o que estávamos virados, desta vez. Muito do que fazemos tem a ver com contrastes e a melodia é mais gratificante quando confrontada com algo pesado ou distorcido. Ter uma bela melodia em cima de guitarras bem pesadas, funciona.

Sempre vi os Madder Mortem como uma banda diferente. São meio progressivos, meio *doomy*, mas também algo alternativos, avant-garde... Têm essa noção interna, de que fazem uma sonoridade quase única?

Sim, acho que sim. Nesta altura, já temos o nosso pequeno género só para nós mesmos. [risos] Há algumas bandas a fazerem coisas parecidas, mas não tantas assim. Acho que é a nossa combinação de aspectos musicais que nos torna pouco usuais. Há muita e boa música progressiva na Noruega e talvez encontres coisas em comum entre nós e essas bandas. Por exemplo, os Leprous; acho que são uma banda fantástica. Nós não soamos como eles, mas acho que há uma relação na forma como ambos os grupos pensam a música. Há uma vontade mútua em experimentar, em não ser convencional. Nós somos uns *weirdos*! Isso sempre foi um pesadelo para as editoras, porque elas gostavam de poder pôr um autocolante nos discos a dizer "*melodic atmospheric something something*", mas o que lhes damos é algo diferente. E penso que essa é uma das razões porque gostamos de fazer isto. Se começássemos a pensar em termos de género musical, seria bem menos divertido.

Ao longo dos anos, essa "indefinição sonora" tem-vos trazido mais coisas positivas ou negativas?
É difícil dizer. Penso que agora, ao fim de vinte anos de banda, estamos a ver o lado positivo das coisas. As pessoas respeitam-nos por fazermos a nossa própria cena ao longo do tempo. Mas, quando começámos, foi um pouco mais difícil mostrar a nossa música. Acho que a internet mudou a própria face da música. As pessoas ficaram mais *open-minded*. Não podemos ouvir tudo. Parece-me que as pessoas estão menos presas a um só género e estão mais eclécticas e abertas a ouvir coisas fora da sua zona de conforto. No início era mais – "*que raio de música estranha é esta?!*" Continuamos cá e as pessoas já parecem ter-se habituado. Gostamos disto porque tocamos o que nos dá na real gana. Percebo que, de um ponto de vista comercial, é mais seguro ir por caminhos que têm os seus limites bem definidos, mas pensa nas bandas que realmente passaram o teste do tempo. São normalmente as bandas que dizem – "*que se lixe, eu faço a minha própria cena*". É rebelião e o metal devia ser rebelião.

Lembro-me que, quando lançaram «All Flesh Is Grass», em 2001, apresentavam algo excitante, mas que não se enquadrava no *Century Media metal*, se assim lhe quisermos chamar. Isso já era uma rebelião, dentro de certos cânones do metal?
Sim, era a nossa cena. A Century Media fez um bom trabalho connosco. Lançámos dois álbuns para eles, mas penso que nos acharam algo difíceis de promover. Na altura, eu não aparecia com vestidos e muita gente parecia ter um grande problema com isso. Vestia calças em palco e ouvia – "*Que música estranha é esta, e há uma mulher... e ela não está de vestido!*" [risos] Era um bocadinho irritante, mas também era divertido, para ser honesta. Era como mostrar o dedo do meio aos preconceitos e aos estereótipos.

Sobre o teor do novo disco, «Marrow», como medula, é uma metáfora para algo como a essência, o tutano de algo realmente profundo sobre o qual estás a cantar aqui?
Sim, é isso mesmo. Precisávamos de um título que começasse por M. Não sei se já reparaste na nossa discografia, mas estamos a escrever Madder Mortem com as iniciais de cada álbum. «Marrow» inicia a segunda palavra. É a nossa pequena brincadeira que já dura há vinte anos. Neste caso, reparei que muitas das letras pendiam para a ideia de seres tu mesmo, honesto a ti. Não lhe quereria chamar uma crise de meia idade, mas há algo no que toca a ficarmos mais velhos. Quando começas a sentir a pressão da sociedade à tua volta, porque toda a gente muda, de alguma forma. Reflecti sobre este exercício de equilíbrio entre seres alguém crescido e, ao mesmo tempo, não teres de desistir das coisas que realmente significam algo para ti. Como a música. Muitos dos temas são sobre conhecermo-nos a nós mesmos e agarrarmo-nos àquilo que somos. «Marrow» representa a nossa espinha dorsal. Temos vindo a fazer isto ao longo da maioria da nossa vida e, no meu caso, tem sido prioridade absoluta nos últimos vinte anos. Para mim, é mesmo o facto central de quem sou. Assim como muitas outras coisas também, mas é na música e na banda onde me sinto mais em casa, onde me sinto melhor e onde consigo ser mais eu.

«Liberator», um dos novos temas, é um bom exemplo dessa liberdade de escolha. A vida é curta e temos de vivê-la com asas, sendo nós mesmos. É por aí que versas?
Absolutamente. Agarrar a vida pelos tomates! [risos] «Liberator» vem de algo que só dei conta há pouco tempo. Nós tivemos aquele longo espaço entre álbuns, cerca de sete anos, entre «Eight Ways» e «Red In Tooth And Claw». Isso deveu-se a mudanças de *line-up*, mudanças de editora, coisas práticas mas que podem atrasar muito o decurso de uma banda. E só há um ou dois anos é que percebi quão frustrantes foram esses tempos para mim. A banda estava meio parada e não acontecia grande coisa. Eu estava a começar a esquecer o quão importante isto é para mim. A «Liberator» é muito sobre isso, sobre mandar fora o que não interessa e perguntares a ti mesmo, o que é que, de facto, importa para ti. A vida é curta, especialmente quando queres compor músicas longas! [risos]

Nota-se que és uma pessoa com paixão pelo que fazes e pela banda. No entanto, tens uma profissão a tempo inteiro? Isso interfere nos Madder Mortem?

"Eu não vestia vestidos e muita gente parecia ter um grande problema com isso. Tinha calças em palco e ouvia – que música estranha é esta, e há uma mulher... e ela não está de vestido!"

Tenho. Podes dizer uma série de coisas fantásticas acerca de música estranha, mas não é uma grande fonte de rendimento. [risos] É mais o contrário – teres de ter um trabalho diário para pagar pela banda. Todos trabalhamos. Eu sou professora como conselheira, ou seja, quando os miúdos começam a chorar ou a brigar têm de vir ao meu gabinete. E gosto muito do que faço. Penso que tenho uma grande vantagem, que é a de não ser *mainstream*, digamos. Sei o que se sente quando se é diferente. E também é importante ter um bom sentido de humor, porque eles fazem as coisas mais incríveis! Portanto, todos os dias, no trabalho, penso como é bom já não ter quinze anos. Ter de voltar a essa idade seria um pesadelo mas, por outro lado, gosto, porque uma coisa boa com miúdos dessa idade é que ainda não aprenderam a ser corteses, delicados. Ou seja, vão-te dizer, exactamente, como se sentem e o que pensam. É algo que, muitas vezes, sinto falta e acho que deveria haver mais no resto da sociedade.

BLACK PEAKS

OPOSIÇÃO DIAMET[R]AL

Quem, no ano passado, os viu em palco na Sala Tejo da Altice Arena, a "abrir" para os Mastodon, não deve ter ficado indiferente à esquizofrénica e impactante fusão estilística que caracteriza os BLACK PEAKS. Na altura a promover o álbum de estreia «Statues», de 2016, a banda britânica estava então a iniciar uma rota ascendente que, entretanto, a viu aumentar o seu estatuto – e mostrar ao mundo uma *sui generis* fusão de prog rock, punk, hardcore, post rock e metal. Agora chegou a altura de provarem o que realmente valem com a edição do segundo longa-duração, «All That Divides», que serviu de mote a este "picar de ponto" com Will Gardner, o vocalista do quarteto oriundo de Brighton.

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES

Novo álbum, nova editora, concertos com os A Perfect Circle e muitas *tours* no horizonte. Estão prontos para mais um ano de grande actividade?

Sim, penso que estamos prontos. [risos] Têm sido uns anos muito atribulados desde que lançámos o «Statues» e, na verdade, acho que pouco tempo temos estado parados... Eu estou de momento a empacotar umas coisas num apartamento em Londres e não tenho parado de dar entrevistas, o que é muito fixe – quando estás numa banda e tens um disco novo prestes a ser editado, é muito bom que haja interesse. Daqui a uns dias começam os ensaios para os concertos com os A Perfect Circle, por isso é bom que estejamos bem preparados; prevejo que não vamos parar em casa durante muito tempo quando dermos início à digressão de promoção ao «All That Divides».

Agora, se olhares para trás, como vês os últimos dois anos?

Fizemos muita merda louca, que nunca poderíamos ter previsto – nem sequer nos nossos sonhos mais selvagens, *mate*. Nunca pensámos que o álbum pudesse "rebentar" assim, ou que as reacções fossem tão entusiasmadas. Tocámos com Deftones, The Dillinger Escape Plan... Tocámos na Wembley Arena e, na Alemanha, com os System Of A Down, para 15.000 pessoas. Aconteceram coisas fantásticas a partir do momento em que lançámos o «Statues». A recta final desse período teve os seus percalços, mas ficámos todos cheios de vontade de ser criativos outra vez e atirámo-nos à escrita do novo disco. Agora, feitas as contas, passámos um óptimo bocado na maioria desse período, mas também tivemos de lidar com algumas coisas difíceis pelo caminho.

Nesta altura do campeonato, preferes continuar a fazer "suporte" a bandas maiores ou os vossos próprios concertos como cabeças-de-cartaz?

Tenho de escolher uma?! *Fuck*!!! [risos] Essa é uma pergunta complicada, a sério. [pausa] Bem, quando fazemos "suporte" posso sempre embebedar-me a seguir a tocarmos e ver um concerto de uma banda fantástica. O que é fantástico, convenhamos. Por outro lado, os nossos concertos como cabeças-de-cartaz também são especiais, porque aí estamos a tocar para o nosso público. E isso é brilhante. Acarreta sempre mais pressão, é lógico, mas conseguimos lidar bem com isso porque, se as pessoas aparecerem, está tudo bem. É difícil... Não consigo escolher uma!

Foi simples lidarem com um crescimento tão súbito?

Não, foi complicado – as coisas começaram a acontecer todas muito rapidamente. Foi difícil encontrar um equilíbrio no que à vida diz respeito, sobretudo, porque não é fácil ires para a estrada e deixares tudo para trás, mesmo que não saibas muito bem o que esperar. Nos dias que correm, as bandas não crescem assim tanto de um dia para o outro e sentimo-nos como se estivéssemos no meio de um furação. Tivemos de recuperar o pé, tivemos de tentar parar para ter uma noção real do que se estava a passar. E não tivemos muito tempo para isso, na verdade. Estar longe de casa, no estrangeiro, com tanta frequência... Tem sido uma loucura!

Como fazes para manter os pés da terra?

Encaro as coisas de uma forma simples, por isso é fácil abordar essas questões de forma *cool*. Isso permitiu-me deixar para trás muitas das inseguranças que tinha em relação à banda, à minha família, às pessoas que ficam em casa quando vamos em digressão... Até em relação a mim próprio. O facto de haver outras pessoas a validarem o que fazemos tem sido, sem dúvida, uma bênção. Acima de tudo, não somos, nem nunca fomos, gente arrogante – não vale mesmo a pena. Sermos arrogantes não nos levaria a nenhum sítio onde queiramos estar.

É pena que, nos dias que correm, haja poucas pessoas a pensar assim.

Acho que, na maior parte dos casos, a arrogância vem muito de certas inseguranças e, no nosso, todas as inseguranças que restavam já não existem. Hoje somos, sem dúvida, uma banda mais confiante do que quando lançámos o «Statues». Toda a experiência de palco, de estrada e de relações que acumulámos pelo caminho, ajudaram-nos a crescer.

Entretanto perderam o vosso baixista; era a isso que referias quando disseste que tiveram de ultrapassar alguns percalços?

Esse foi um dos mais complicados, sim, sem dúvida. Há muito tempo que ele não queria estar na banda e, inadvertidamente, estávamos a obrigá-lo a ficar. [risos] Volta e meia, o nosso baterista dizia-nos que, um dia, o Andrew ia deixar-nos, mas acho que nenhum de nós queria acreditar realmente nisso. Os canais de comunicação estavam abertos, sempre que havia alguma questão, resolvia-se com relativa facilidade e achávamos que o grupo estava de boa saúde.

Mas a vida de estrada não é para toda a gente.

Não é, mesmo. O maior problema foi que o Andrew casou, foi gozar a lua de mel e, a seguir, passou dois anos seguidos em digressão, longe de casa. E não conseguiu lidar bem com isso. Nós, na altura, não percebemos, mas as coisas estavam a tornar-se estranhas por causa do desinteresse que mostrava em relação a tudo... O problema é que isso só ficou claro quando começámos a trabalhar com o Dave. Escrevemos uma canção, a «The Midnight Sun», no primeiro ensaio que fizemos com ele – quão fixe é isso?! [risos]

O «All That Divides» é um disco menos auto-indulgente, mais focado e conciso nas ideias que apresenta.

Queríamos, conscientemente, fazer algo diferente desta vez. Queríamos, acima de tudo o resto, divertirmo-nos a escrever oito ou dez temas que "rebentassem" com tudo. Ainda não disse isto em nenhuma entrevista, mas fomos muito influenciados pelo segundo disco dos Death From Above 1979. Não em termos musicais, porque gostamos de fazer a nossa cena e não copiar outras bandas, mas em termos de conceito, de eficiência. Já não sei porquê, mas andávamos a ouvir esse álbum e todas as canções são grandes "malhões", não há ali um tema desnecessário ou que quebre o alinhamento – tudo é uma experiência super potente do início do fim. Era o que queríamos fazer para o «All That Divides», temas directos, que pusessem as pessoas a cantar, com os ganchos nos sítios certos e não tão focados na nossa costela mais progressiva. Acho que todos tínhamos noção de que este disco teria de nos levar mais além, a todos os níveis.

"Fizemos muita merda louca. Tocámos com Deftones, The Dillinger Escape Plan, na Wembley Arena e, na Alemanha, com os System Of A Down, para 15.000 pessoas."

Achas que essa abordagem mais descomplicada vai surpreender os fãs?

Talvez, mas não pensámos muito nisso. Tivemos de fazer um esforço enorme para chegar a este equilíbrio – para domar a nossa veia mais experimental, digamos assim. A verdade é que, às vezes, menos é mais. Escrevemos uns trinta temas e só aproveitámos nove, porque eram aqueles com que estávamos mais satisfeitos e, mesmo assim, ainda limámos arestas no estúdio, retirámos gordura desnecessária. Nunca tinha pensado bem nisto, mas acho que somos nós a crescer. O primeiro álbum é fantástico, acho que é um excelente exercício de liberdade de liberdade estilística, mas há riffs e secções que se prolongam demasiado. Acho que, de certa forma, o álbum novo é uma reacção ao «Statues», sabes? Passámos dois anos a tocar os temas e percebemos o que funciona e o que não funciona, para nós e para o público. Talvez por isso, espero que fiquem impressionados pela positiva.

behemoth

FAZ O QUE TU QUERES HÁ-DE SER O TODO DA LEI

Há quase 30 anos a fazer o que lhes dá na real gana, os BEHEMOTH tornaram-se por mérito próprio numa das bandas determinantes do metal extremo deste século. Percorrendo os géneros de forma artisticamente irrequieta, deixaram terreno calcinado no black e no death metal, e com o seu 11.º álbum, não só transcendem categorizações mais fáceis, como falam de amor e citam Jesus... e isto é só no título. «I Loved You At Your Darkest» é uma obra surpreendente, e como sempre, o carismático lider da banda, Adam Michal Darski, mais conhecido como Nergal, tem muito para nos dizer sobre ela.

JOSÉ CARLOS SANTOS GRZEGORZ GOŁĘBIOWSKI

“Não há nenhuma banda de metal extremo que conheça que tenha usado a palavra ‘love’ em destaque num título de álbum. E também não conheço nenhuma banda de black ou death metal que tenha citado Jesus com esse título!”

Como é que, neste momento, encaras este disco novo, que surge já quatro anos após o aclamado «The Satanist»?
É complicado… ainda está tudo muito fresco, ainda sinto que estou a processar aquilo que o disco é verdadeiramente. O ideal seria fazeres-me essa pergunta daqui a dois ou três anos, depois de já termos andado na estrada e de termos percebido aquilo que o álbum proporcionou. Apesar de ser ainda cedo para saber o efeito que vai ter em mim, posso no entanto dizer que estou muito satisfeito. São as melhores canções que poderíamos ter escrito nesta altura, sinto que estamos no topo das nossas capacidades de escrita musical. Mas também não quero estar a forçar uma opinião às pessoas. Não me vou pôr aqui a dizer que é o melhor álbum dos Behemoth ou coisas do género. Estou só a falar do meu estado de espírito actual, mais nada. A minha percepção é uma coisa, a das pessoas é outra, e toda a gente vai ter a sua opinião.

Tinhas essas boas sensações já durante a gravação?
Posso dizer que as gravações foram de longe a experiência mais confortável desse género que tive desde o início da banda, acho que isso diz tudo. E acho que isso está presente no som, também. Trata-se de um disco muito confiante, feito por uma banda segura das suas capacidades.

Quando é que conseguiste fechar o capítulo «The Satanist» para te dedicares a coisas novas? Demorou mais que o habitual?
Durou alguns anos até voltar a sequer ter interesse em escrever qualquer tipo de música extrema, isso é verdade. Esse período foi muito importante. Antes de começarmos a trabalhar em música nova, tive que viver a minha vida, distanciar-me, ganhar perspectiva. Dediquei algum tempo ao álbum de Me And That Man, que provavelmente também contribuiu decisivamente para abrir a minha cabeça. Basicamente, dei tempo para que coleccionássemos experiências, para que quando voltássemos não fizessemos só o «The Satanist Part 2». Queríamos um capítulo inteiramente novo, e foi assim que aproximámos este disco – *carte blanche*. Vamos ser nós próprios, e materializar esse espírito. Era importante não haver medo nem dúvida ao escrever estes novos temas, chegar a um domínio de arte verdadeira e significativa. Lembro-me quando escrevemos um dos riffs principais da «If Crucifixion Was Not Enough», foi das primeiras coisas que fizemos, é um riff muito *punky*, tocámo-lo e ficámos extasiados, só pelo prazer puro de malhar ali num riff simples e forte. Sentimos que era algo fresco e novo, e que estávamos no caminho certo.

Mesmo antes da música, o disco já causa impacto. Desde o *artwork* até ao título que, pasme-se, já não é só de uma palavra.
Sim, é verdade… Bom, encaremos os factos – não há nenhum título que possa competir com «The Satanist»! [risos] No que diz respeito a este tipo de título de uma palavra, acho que chegamos ao topo, é o pináculo do génio, digamos assim. «Demigod», The Apostasy», «Evangelion» e depois *bam!*, «The Satanist» para culminar. Não havia mais para onde ir, nem vou tentar competir comigo mesmo. Tivemos então que ir noutra direcção e usar algo que nunca foi usado. Não só pelos Behemoth, mas tanto quanto sei, não há nenhuma banda de metal extremo que conheça que tenha usado a palavra "*love*" em destaque num título de álbum. E também não conheço nenhuma banda de black ou death metal que tenha citado Jesus com esse título! Queríamos mesmo ter a certeza que tínhamos algo refrescante e novo, pelo menos dentro do género de música dos Behemoth, e acho que foi um sucesso. Claro que algumas pessoas vão ficar confusas, mas seguindo um ditado clássico, "se não os consegues impressionar, pelo menos confunde-os!" [risos] Espero que consigamos impressionar as pessoas, mas mesmo que isso não aconteça, vamos deixar confusão e consternação por onde passarmos, e eu gosto disso. Estamos a redefinir-nos em grande escala.

"Os Behemoth não estão aqui para dar respostas a ninguém, se calhar não há respostas, sequer. Os Behemoth trazem as perguntas todas que puderem para ajudar as pessoas a dar uso ao cérebro."

Algo que se mantém é a temática anti-cristã, de provocação até. Há no entanto muita alegoria e metáfora envolvida? O disco é sobre mais do que isso?
Há muitas coisas no disco que vão fazer as pessoas pensar, e esse é que é o objectivo principal. Falaste agora do cristianismo, e somos claramente antagonistas, mas há muita gente do "nosso" lado da barricada que também não vai perceber. O que é que se passa com o Nergal, o que é que ele quer fazer com isto? Vou ouvir isso muitas vezes. *Whatever*, sabes? Seja o que for que faça as pessoas pensar. Os Behemoth não estão aqui para dar respostas a ninguém, se calhar não há respostas, sequer. Os Behemoth trazem as perguntas todas que puderem para ajudar as pessoas a dar uso ao cérebro e a decidir por elas próprias. Nunca vamos dizer "hey, tens que ser assim", mas vamos dizer "hey, tens que decidir por ti". Concordem ou não com as nossas opiniões e a nossa estética, ou quem nós somos. Sem pensamento próprio, não há como evoluir.

Mais que o cristianismo, ou outras religiões organizadas, o inimigo é mesmo o carneirismo.
Absolutamente. E também é preciso perceber que eu nunca sou agressivo com as pessoas, a menos que estejam abertamente a tentar pisar as minhas "fronteiras". Tenho muita gente religiosa e católica no meu ambiente pessoal, com quem tenho grande proximidade. Tenho amigos muito próximos com essas características, e são pessoas extraordinárias. Agora, se fores uma pessoa religiosa que tenta activamente restringir-me de alguma forma, que tenta forçar-me algo… então, aí, rejeito-te completamente.

Face aos problemas que já enfrentaste no teu país, e à extensão da influência da igreja na sociedade polaca, achas que a tua origem geográfica e social determina muito daquilo de que falas na tua música?
Enormemente. A grande fatia da nossa personalidade vem daí, diria. Não podemos escapar a quem nós somos, e quem nós somos é determinado pelas pessoas que nos trouxeram a este mundo e pelo que está à nossa volta, pelo meio onde estamos inseridos. Onde nascemos, a língua, as tradições com que fomos criados, tudo isso. Quando ouço comentários do tipo, o que é que interessa isto do anti-cristianismo hoje em dia, e coisas do estilo… normalmente vêm de pessoas de países historicamente seculares, onde a igreja está totalmente separada do estado. Não entendem a relevância desta oposição, porque nunca precisaram de a fazer para manterem quem são. Não percebem a minha posição, não tentam entender de onde venho nem aquilo que enfrento a um nível diário. Se vivessem aqui, se tivessem este *background*, facilmente entenderiam o porquê de ainda ser uma questão totalmente pertinente. Não estou a dizer que necessariamente concordariam comigo, mas só peço que compreendam de onde eu venho.

E as situações legais que já enfrentaste por causa dessa oposição, usa-las como combustível, como inspiração? Como é que lidas com isso?
Não sei bem, só sei que lido com elas. Todas as restrições e toda a tensão que vem do outro lado da barricada, claro que me influenciam. Não sei até que ponto, nem sei se o fazem directamente. Não somos uma banda política, mas a política e a tensão que causa afecta quem eu sou, claro. Mas não sei medir. Liricamente, sei que não há grandes referências directas a esses assuntos, porque não escrevo sobre isso. Temos a nossa linguagem muito específica, com metáforas e simbolismo,

é a minha meta-linguagem pessoal, e não há nada de muito directo. Mas as circunstâncias gerais são bastante óbvias. A forma como compreendo o mundo e como lido com ele.

Falando de música propriamente dita, a primeira impressão que fica é que «I Loved You…» transcende mais que nunca na vossa discografia os limites de quaisquer géneros estanques. Não é propriamente um disco de death metal, ou de outra coisa qualquer.
Completamente, sem dúvida, e fico muito feliz por expressares essa opinião. Queria deixar a minha zona de conforto, e fazer algo de refrescante para nós. Tomemos os Slayer como exemplo. Não interessa muito se tocam o thrash clássico do «Reign In Blood», ou se tocam com o Ice-T, ou se flirtam com o nu-metal no «Diabolus In Musica». O que quer que façam, Slayer continua a ser Slayer, é o que é. E espero que os Behemoth venham a representar o mesmo tipo de entidade. Temos o nosso som, e quer toque mais ou menos extremo, quero que as pessoas digam "ah, é o Nergal a tocar." Quando fiz o disco de Me And That Man, muita gente me disse que sentia o meu estilo e o meu espírito nos temas, nas partes de guitarra e tudo o mais, e isso é incrível. É isso que quero, deixar esta marca.

É difícil gerir isso, e ao mesmo tempo manteres-te também de alguma forma fiel ao estilo de metal que praticas?
Não, é uma mistura natural de coisas. Por um lado, temos esta raíz primordial do black metal antigo, que veneramos e que está na nossa base, mas o que gostamos é de estar, como no título de um dos nossos álbuns, "*here and beyond*", ao mesmo tempo. Gostamos de fazer as coisas pelas quais somos conhecidos, e de que gostamos, mas também queremos explorar territórios novos onde nunca pisámos, e é isso que o álbum novo representa.

O processo de gravação, que se deu em vários sítios geograficamente bem distantes uns dos outros, ajudou nisso?
Sim, teve tudo a ver com captar diferentes *vibes* de diferentes locais. As várias sessões completaram-se de forma totalmente sinérgica, e sentimos que foi só uma sessão no final de contas. Mas o método contribuiu muito para o *feeling* de variedade que o disco apresenta, isso é verdade. Acho eu. [risos] É a tal coisa, se calhar isto que estou a dizer está tudo errado e só daqui a uns meses é que vou perceber… Mas para já a percepção que tenho é essa.

Achas que vai ser fácil enquadrar os temas novos nos vossos concertos?
Sim, já tenho uma ideia bem formada dos temas que vamos introduzir e da forma como o vamos fazer. Estou particularmente ansioso por tocar a «Bartzabel», que será o terceiro *single*, vai ter um videoclip extraordinário… O que gosto em particular neste tema é que, tal como a «Chant For Ezkaton», a «Ora Pro Nobis Lucifer» ou a «O Father…», é uma canção que se destaca. É algo que nunca fizemos antes. Todos esses temas foram um risco, na altura em que os fizemos, mas foi alicerçado neles que a banda foi crescendo. Lembro-me perfeitamente de quando apareci na sala de ensaio com o «Chant For Ezkaton», em 1999, o resto da banda olhou para mim com os olhos muito abertos. Que raio é isto? [risos] Essa situação voltou a acontecer agora com a «Bartzabel», e tenho imenso orgulho nisso. Estou entusiasmadíssimo por tocá-la ao vivo.

Esses temas são aqueles em que te repetes menos, em que inovas mais. Vai sempre dar aí, não é?
Sim, acaba sempre por ser o conceito base. Há muitas bandas de que eu gosto, mas que a longo termo… Se não arriscam, dei-

"Há muito tempo que deixei de me preocupar com os limites e as etiquetas da música. A arte existe para libertar as pessoas, foi para isso que me tornei num artista. Se quisesse fazer parte de uma agenda, teria sido político."

xa de ter piada. Eu sei que o heavy metal é altamente conservador, se tocas uma nota errada, os miúdos todos notam e ficam chocados, que estás a trair isto ou aquilo... Eu nunca me traí a mim próprio, e assegurando isso, acho que não posso trair nada. Sempre fui honesto às minhas necessidades, e as minhas necessidades passam por ir a um sítio e tocar qualquer coisa. Só isso. Há muito tempo que deixei de me preocupar com os limites e as etiquetas da música. A arte existe para libertar as pessoas, foi para isso que me tornei num artista. Se quisesse fazer parte de uma agenda, teria sido político. Para ser escravo de uma qualquer ideia dogmática, não valia a pena ter escolhido ser artista.

"Quando apareci na sala de ensaio com o «Chant For Ezkaton», em 1999, o resto da banda olhou para mim com os olhos muito abertos. Essa situação voltou a acontecer agora com a «Bartzabel»."

Ao fim de 27 anos e onze álbuns longa-duração, já se pode falar em legado para descrever a marca que os Behemoth estão a deixar. Quando olhas para trás, o que sentes? Orgulho?

Totalmente. Estou super orgulhoso, sinto-me *empowered* por tudo o que fiz... Não me interpretes mal, houve montes de asneiras pelo caminho. Montes de coisas mal feitas. Coisas que olho para trás agora e penso, que grande merda que fiz. Mas no final de contas, se fizeres tudo com paixão e com dedicação verdadeira, acabarás também por aceitar e incorporar esses momentos menos felizes como parte do percurso. Mesmo artisticamente, há muitos momentos mais fracos, mas todos eles fazem parte de mim e não os rejeito. Seria rejeitar-me a mim próprio. Faz sentido? [risos]

NEGRAS ASAS DO DESTINO

Mais conhecido como guitarrista e compositor dos lendários *thrashers* californianos Testament, Eric Peterson mantém há quase duas décadas um projecto paralelo em que explora as suas tendências criativas mais gélidas e épicas. Não é por isso estranho que, a partir do momento em que tratou de definir um conceito para o colectivo nos idos de 2001, os DRAGONLORD se tenham afirmado como uma excelsa proposta de black/thrash atmosférico, com tanto de contundente e cortante como de envolvente. Em vésperas da edição do muito aguardado novo longa-duração, intitulado «Dominion», tivemos uma cândida conversa com este simpático mestre das seis cordas de aço.

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES

O processo de concepção deste disco foi atribulado. Como te sentes agora que o «Dominion» está finalmente pronto a ser editado?
Já não era "sem tempo", por isso sinto-me muito aliviado. Estive obviamente ocupado com os Testament e tudo isso, acabámos agora de fazer uma série de concertos com os Slayer, na digressão de despedida deles, mas... houve muitos percalços no caminho. Falhei todos os *deadlines*, basicamente. [risos] Da primeira vez porque o nosso baterista original estava desaparecido, o que foi algo que fez logo descarrilar tudo do meu lado. Tínhamos aquele *deadline* para cumprir, eu estava ciente disso e queria gravar, mas não podia. Depois era altura de fazer um novo disco com os Testament, por isso não havia tempo para dedicar a Dragonlord e atrasou-se tudo ainda mais um bocado.

Em alguns casos, a maioria dos obstáculos foram sendo ultrapassados, por isso imagino que também tenha havido coisas boas a retirar da experiência, não?
Sim, claro que sim – ter o disco terminado é mesmo a maior recompensa. E, sem dúvida, ter começado a trabalhar com o novo baterista, o Alex Bent... Ter deixado de poder contar com o Jon Allen foi um revés, claro, mas ter começado a trabalhar com o Alex foi mesmo muito positivo porque abriu uma série de portas em termos criativos. Digamos que, com o Jon, as canções eram ligeiramente diferentes e sofreram mudanças até as gravarmos. Eu sabia o que o Jon podia fazer... É o mes-

como se tivesse ali um pupilo, porque ele sabe muita coisa que me ensinou – os *blastbeats* e o pedal-duplo são obviamente a cena dele, mas há uma coisa muito fixe... Cresceu a tocar gospel e blues com o pai, por isso tem um *groove* fantástico, o que me fez olhar para muitos riffs com outros olhos, por assim dizer. Essa foi uma fase muito divertida e inspiracional, porque percebemos que funcionávamos bem juntos desde as primeiras *jams* que fizemos. No entanto, também lhe mostrei muita coisa que ele não conhecia. O Ian Paice dos Deep Purple, o Kim Ruzz dos Mercyful Fate, o Neil Peart – "*meu, nunca ouviste o «24343», dos Rush?!*" [risos] Foi muito benéfico para ambos e, para mim, será sempre um prazer tocar com músicos de outras gerações.

Por alto, o «Dominion» demorou três anos a escrever e quatro a gravar. Houve aquele momento em que pensaste que não ias conseguir finalizar o álbum?
Na verdade, as coisas iam progredindo, mas muito lentamente e lembro-me que, acho que em 2015, achei que não ia conseguir chegar ao fim. Acordava a meio da noite, e não sei explicar porquê, dava por mim a pensar que a vida não vai durar para sempre, e que não ia conseguir terminar o disco.

Há situações que desmotivam uma pessoa.
Começou a ser vergonhoso – a editora já nem se lembrava que nos tinha no catálogo! [risos] Aconteceu muita merda pelo caminho e digamos que é desmotivador quando, de tempos a tempos, esbarras com mais um obstáculo. Já depois de termos gravado todos os instrumentos, fui eu que tive uma série de problemas com as letras. Havia dois temas em que, pura e simplesmente, não estava a conseguir encontrar os padrões correctos, por isso fiquei ali preso. O Juan [Urteaga, produtor] ainda sugeriu que eu fizesse uma cena como os Obituary, que têm temas sem letras, mas não me senti confortável. A seguir fui novamente em digressão com os Testament e, nesse período, os Machine Head iam estar a gravar o álbum deles. E gravaram, mas quando voltei da *tour* e me estava a preparar para ir para estúdio, recebi um telefonema do Juan e fiquei a saber que os Machine Head precisavam de gravar o disco todo outra vez. [risos] Tive de passar por coisas tão bizarras como essa, *man* – por isso, sim, sem dúvida; houve momentos em que pensei que nunca ia terminar o «Dominion».

Só envolveste no processo a Leah McHenry, que desempenha um papel fulcral em grande parte do álbum, numa fase já tardia, não foi?
Foi mais um mal que veio por bem. Enquanto o Juan estava no estúdio com os Machine Head e ainda tínhamos aqueles dois temas para terminar, comecei a ouvir os teclados com o Lyle [Livingstone] e tive a brilhante ideia de convidar a Leah para refazer os coros todos. Basicamente, fui o típico músico que não sabe bem quando parar, que tem tempo demais e repensa tudo até ao mais ínfimo pormenor... Mas ainda bem que aconteceu, porque o «Dominion» não seria o álbum que é sem o contributo da Leah. Convidei-a e ela aceitou, inicialmente veio para fazer só duas canções; mas essas duas fizeram-nos repensar todo o disco e o Lyle acabou por criar novas orquestrações para todos os temas. Uma coisa levou a outra, mais uma vez.

O Lyle é o teu parceiro de sempre nos Dragonlord.
E o mais curioso é que ele não tem noção de quão bom é como músico, como compositor e, mais ainda, como orquestrador. E sim, é um parceiro criativo fantástico mesmo. Se nos metermos os dois numa sala, num estúdio, é certo que vamos ter ideias e que tudo vai fluir sem problemas. Eu toco um riff, ele encontra um *patch* que põe a correr por cima – e, na maioria dos casos, surpreende-me. Outras vezes ele toca uma melodia e eu fico a criar com a guitarra por cima, criamos uma estrutura e fazemos muitos temas assim.

"A editora já nem se lembrava que nos tinha no catálogo!"

No *press-release* que acompanha o disco, dizes que o «Dominion» é mais um registo a solo que de banda. Porquê?
Porque a banda, efectivamente, não existe. Além de mim e do Lyle, não há mais ninguém na banda. Vamos assumir que, de momento, os Dragonlord são um colectivo.

Uma boa notícia – depois de todos os atrasos, o disco vai sair no Outono, que é a época perfeita para o tipo de música que fazes com os Dragonlord.
É verdade. [risos] E é engraçado que tenhas notado, porque pensei nisso um destes dias. Apesar de tudo, as estrelas alinharam-se e o disco vai sair na altura certa. O Outono e o Inverno são, definitivamente, as melhores estações do ano para ouvir este tipo de música. Além disso, o «Dominion» tem um som fresco, mas que também tem muito de *old school*. O final dos anos 90 marcou o auge de várias das influências do que faço nos Dragonlord – é um som muito específico. Por outro lado, gosto de o ouvir e perceber que é um tipo de som que continua relevante. Este álbum, com todos os *blastbeats* e as orquestrações, soa como uma tempestade fantástica. Uma tempestade linda. É, basicamente, a banda-sonora perfeita para o nascimento da Terra Média, que é uma história fantástica.

mo que acontecia quando tínhamos o Lou [Louie Clemente], nos Testament. Uns anos mais tarde, fizemos canções, como a «DNR» e outras mais extremas, que nunca teríamos conseguido gravar ou tocar com ele. No caso dos Dragonlord, a partir do momento em que comecei a trabalhar com o Alex, que é mais novo e mais fresco, passei logo a ter ideias diferentes e as canções melhoraram imenso.

Para ti, é inspirador colaborar com músicos mais jovens?
É, muito inspirador. Com o Alex foi quase

HORIZONTES EXPANDIDOS

Erik Rutan é uma referência do death metal. Produtor de eleição de bandas como Cannibal Corpse e Goatwhore, fundador dos seminais Ripping Corpse e ex-membro dos Morbid Angel, que deixou em 2002 para se dedicar a cem por cento aos HATE ETERNAL, o imponente vocalista/guitarrista é um músico devoto e apaixonado pelo estilo que toca há mais de 30 anos. Agora, com «Upon Desolated Sands», atinge um pico criativo, dando continuidade à expansão sonora que já se sentira no «Infernus».

JOSÉ ALMEIDA RIBEIRO ALEX MORGAN

Na tua opinião. quais são as maiores diferenças entre este novo álbum e o «Infernus»? Que objectivos tinhas para este disco antes de o começares a compor?

A única coisa em que pensámos e até foi uma situação excepcional, porque normalmente deixo a composição fluir sem determinar nada previamente foi manter a dinâmica que conseguimos no «Infernus», um disco com o qual fiquei muito satisfeito. Acho que conseguimos expandir o nosso som e dar-lhe maior variedade, e eu queria levar essa expansão ainda mais longe. Neste novo disco acabei por optar por ter uma afinação diferente em alguns dos temas e decidi usar a minha guitarra Ibanez Universe de sete cordas, com que costumava tocar nos Morbid Angel, para ver o que conseguiria criar com uma afinação mais grave. Na verdade, demorei uns dois meses para me habituar, mas quando começou a fluir, surgiram uns riffs doentios. Escrevemos três temas com essa afinação mais grave. Acho que este álbum se destaca sobretudo pelo trabalho de guitarra. Há muita coisa a acontecer nas guitarras neste disco, queríamos mesmo que brilhassem. É sem dúvida uma das minhas produções preferidas, não só nos Hate Eternal, mas de todos os discos que já gravei. Isso deixa-me muito feliz, porque gravar discos dos Hate Eternal é um enorme desafio. Escrevo letras, escrevo a música, faço captação, produzo, misturo... é um processo

trabalhoso e, por vezes, extenuante. Mas no final do dia, compensa. Lembro-me sempre que, desde adolescente, isto era o meu sonho: ter o meu estúdio e gravar a minha música. Portanto, não me posso queixar.

Falaste nas guitarras e pareces ter conseguido um equilíbrio quase perfeito entre peso e atmosfera. Há um claro acréscimo de melodia, ainda mais do que no «Infernus», certo?
Certo, e ainda bem que é assim. O «Infernus» abriu-nos mais possibilidades e, como disse, quisemos explorá-las. Quem conhece o meu trabalho, ainda desde o tempo dos Ripping Corpse, mas também nos Morbid Angel, sabe que sempre tive um sentido melódico apurado. No início dos Hate Eternal, há mais de vinte anos, quis fazer algo mais violento e focado na agressividade da minha execução. Agora, tenho vindo a sentir vontade de colocar uma pouco mais de todos os meus estilos de compor, porque tenho muito para oferecer e porque o J.J. [Hrubovcak, baixista] também é um compositor incrível e fazemos uma óptima dupla, há quase dez anos. Vamos sempre ser uma banda de death metal brutal, mas sinto cada vez mais a necessidade de explorar novos territórios e mostrar mais o que tenho em mim. Afinal, qual é o ponto de te repetires e fazeres o mesmo álbum vezes e vezes sem conta?

Um tema como «All Hope Destroyed» é completo, no sentido em que encerra todos os elementos dos Hate Eternal e ainda revela algumas novidades. Concordas?
É incrível mencionares essa canção, porque sinto que é de facto um tema especial e um dos meus preferidos no disco. É única e ao mesmo tempo tem todos os meus elementos como guitarrista. É pesada, é técnica, é rápida e é um daqueles temas em que me desafiei. Essa e a «The Violent Fury» que também é *all over the place*. São temas onde se nota uma maior preocupação com os solos e as dinâmicas. Normalmente, eu demoro um ano ou mais até ter uma real percepção dos discos que faço. Tenho de me afastar e só depois, em perspectiva, é que consigo avaliar correctamente o que fizemos. Neste caso, assim que o conclui, senti-me logo super confiante e orgulhoso, tanto da execução, como da produção e das próprias composições. Acho que eu e o J.J. conseguimos algo incrível tendo em conta que este já é o nosso sétimo disco.

Referiste que te desafiaste como guitarrista, mas este é um álbum que também tem algumas das secções mais simples e directas da vossa carreira. O riff final da «Dark Age Of Ruin» é um desses casos...
O engraçado é que a minha vida foi muito complexa, desde a infância até adulto, tive um percurso muito duro e desafiante, e acho que isso se reflecte muito na minha música. Nunca fiz coisas fáceis. Produzo música difícil, escrevo música complicada, toquei em bandas complexas e, sinceramente, para mim escrever coisas simples e que me soem bem é muito mais difícil do que compor algo mais intrincado. Tudo depende da minha disposição e do sítio onde me encontro num determinado momento, do que sinto. Sempre quis injectar um lado mais pesado e até "*catchy*" nos Hate Eternal, mas é algo que não posso forçar. Tinha de ser natural. Para este disco escrevemos catorze bases de temas e continuámos apenas com estes nove por sentirmos que eram mais fortes. Eu ainda continuo a acreditar nos discos como um todo, do princípio ao fim. A fluidez é muito importante e havia em mim uma vontade de colocar esse lado mais pesado e menos frenético nos Hate Eternal. Já provei no passado que sei escrever cenas bem pesadas, só não queria estar a forçar nada. Desta vez apareceu naturalmente e fico feliz porque acho que funciona realmente bem, ter esse lado mais atmosférico, melódico e até depressivo, no meio do caos.

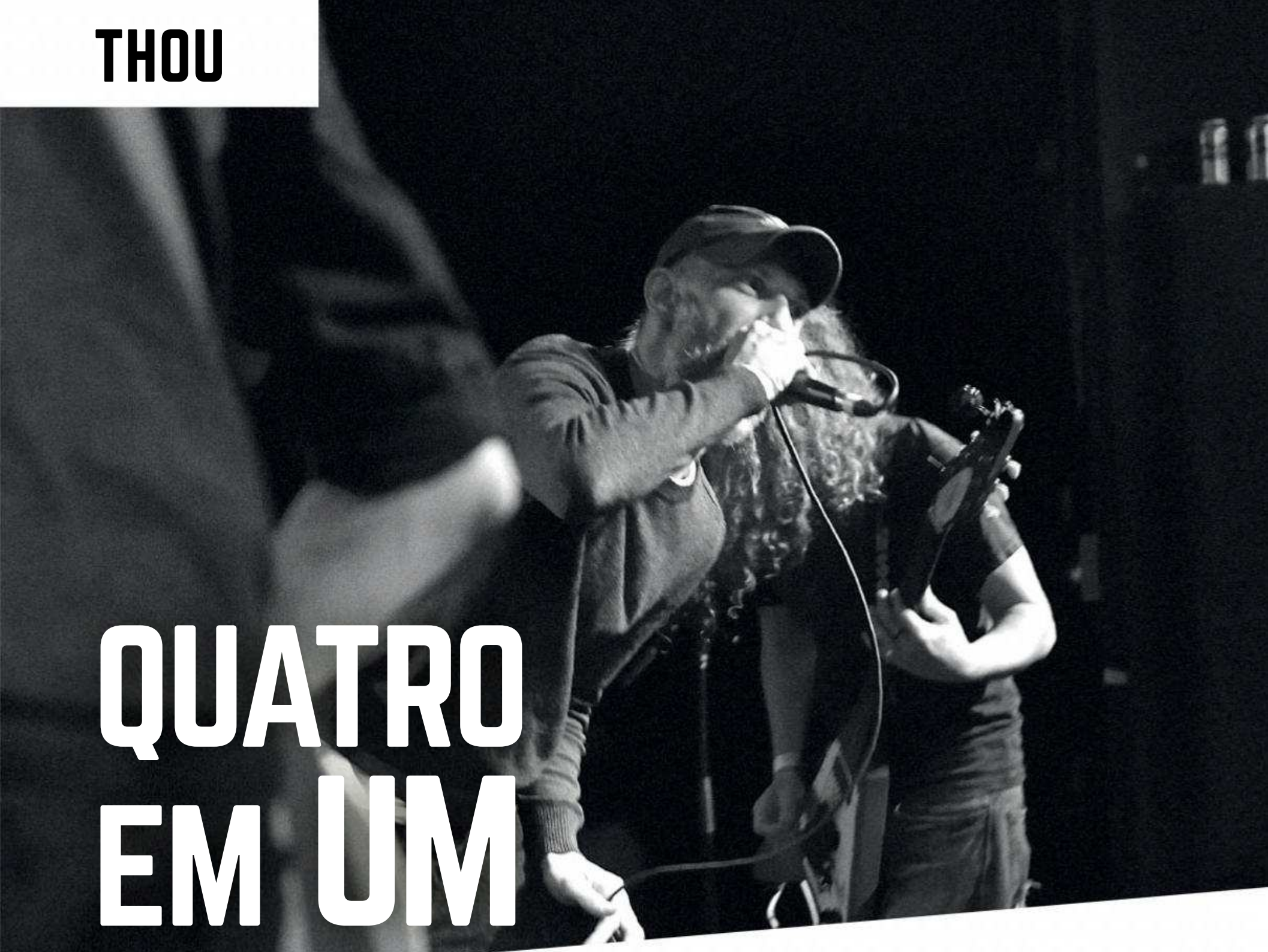
Achas que é o vosso melhor disco?
Acho apenas que é um disco muito forte, variado e que reflecte o *metalhead* que há em mim. Ouço este género desde criança e sempre tive tantas inspirações: Black Sabbath, Judas Priest, Iron Maiden, Metallica, Slayer, Kreator, Destruction... Adoro thrash metal, adoro death metal nas suas mais variadas formas e acho que este disco tem um pouco disso tudo. É mais *thrashy*, tem melodias mais heavy metal e tem mais formas diferentes de death metal. Acho que é um disco mais fácil de ouvir e espero que seja daqueles que assim que acaba as pessoas querem ouvir outra vez. Se for o caso, missão cumprida. [risos]

"Vamos sempre ser uma banda de death metal brutal, mas sinto cada vez mais a necessidade de explorar novos territórios e mostrar mais o que tenho em mim."

Mais uma vez mudaste de baterista para este disco. O escolhido desta feita foi o Hannes Grossmann (Triptykon, Akaloid, por aí fora), que já toca convosco ao vivo desde 2015. Tem sido uma saga...
Numa banda como os Hate Eternal o baterista é um elemento fundamental e eu decidi que só quero tocar com os melhores. Como deves calcular os melhores têm agendas complicadas e tenho de me sujeitar, faz parte. O Hannes já fez quatro digressões connosco e correu tudo bem, por isso foi convidado a tocar no álbum. Tenho noção de que é um tipo muito ocupado, mas é um baterista incrível. Sei que com ele será digressão a digressão e álbum a álbum. Agora foi possível, no futuro veremos se é. Tenho tido a sorte de tocar com alguns dos melhores bateristas da história do metal. Ainda assim, consegui ter o Jade Simonetto, que é um baterista fabuloso, durante sete anos na banda, tal como o Derek Roddy, que também esteve sete anos connosco. Os discos são para sempre e quero mesmo ter os melhores em estúdio. O Hannes fez um trabalho fantástico neste disco, tal como o Chason [Westmoreland] tinha feito no «Infernus». Não podia estar mais satisfeito com ambos. Repara que eu toquei nos Morbid Angel com o mestre Pete Sandoval, fiquei mal habituado. [risos] Para mim, ele será sempre o rei do *blastbeat*. No futuro, desejo vir a tocar com músicos diferentes, não só nos Hate Eternal, mas também noutros projectos. Como músico, quanto mais tocas com pessoas diferentes, mais evoluis.

Foi surpreendente para ti teres bandas lendárias do hardcore, como os Madball e os Agnostic Front, ou até os The Mountain Gods, fora do espectro pesado, a solicitarem os teus serviços como produtor?
Foi motivo de grande orgulho, como aliás é sempre que sou escolhido por bandas de qualidade. Nesses primeiros dois casos pode não parecer óbvio, porque de facto sempre estive mais ligado ao metal extremo, mas são bandas lendárias de peso, com as quais toquei várias vezes no início dos anos 90 e fiquei muito feliz por se lembrarem de mim. Seja qual for o género em que se insere a banda que estou a produzir, aproveito sempre para crescer como profissional desta área e aprendo sempre muito. Quando penso nas bandas com que já trabalhei em estúdio, não posso deixar de sorrir. Recentemente, fiz uma entrevista como produtor dos Cannibal Corpse, o que para mim é incrível. Primeiro por me quererem ouvir enquanto produtor, depois porque são os Cannibal Corpse. Já fizemos quatro álbuns juntos, conheci-os ainda antes de lançarem o primeiro álbum e somos amigos há muito tempo. É sempre uma honra tremenda produzir um disco deles e, sem dúvida, que tiveram uma importância enorme para alavancar a minha carreira de produtor.

E como foi produzires os Morbid Angel no último álbum? O que achas do disco?
Foi uma experiência única, por razões óbvias. Adorei voltar a trabalhar com eles, numa perspectiva diferente, é certo, mas que se revelou um enorme desafio. A música dos Morbid Angel é muito complexa e não é fácil de produzir. Foi um daqueles momentos em que pensas que há 30 anos estavas a ouvir as *demos* do «Altars Of Madness» e agora estás ali a co-produzir o disco com eles, quinze anos depois de teres feito parte da banda. É um círculo completo e que me faz sentir afortunado e agradecido por ter tido estas oportunidades. Eles são uma das minhas bandas favoritas de sempre e foi óptimo trabalhar com o Steve e com o Trey outra vez.



QUATRO EM UM

"Ah e tal, os THOU lançam poucos discos e já não fazem nada há uns anos," choravam-se os fãs de uma das bandas mais invulgares e talentosas da cena de peso do Sul dos Estados Unidos. Ah é? Então toma lá três EPs (um acústico e "bonito", outro de noise desagradável, e outro a pontapear o cadáver irrequieto do grunge) e um álbum (gigante, chamado «Magus»), assim de repente. Foi um Verão atarefado por terras de Baton Rouge, no estado da Louisiana, e tivemos que nos sentar com o eloquente e ponderado vocalista Bryan Funck para perceber isto tudo.

JOSÉ CARLOS SANTOS CRAIG MULKAHY

Por incrível que o «Magus» seja, não há como dissociá-lo dos três EPs que o precederam, e que compõem uma massa colossal de música nova dos Thou que tivemos para digerir nos últimos meses. De onde veio esta ideia?
Já andávamos a falar de fazer uns EPs há algum tempo, particularmente o acústico, e chegámos a uma altura em que estávamos a discutir a melhor forma de transformar o álbum novo em algo particularmente significativo, e daí surgiu a ideia de juntar tudo, e fazermos uma série de lançamentos a expressar todas as nossas ideias como uma espécie de *build up* para o álbum. Em parte, achámos boa ideia porque já não fazíamos nada de especialmente relevante há muito tempo, queríamos mesmo voltar à acção a sério. Originalmente, não sabíamos bem o que íamos fazer do «Magus» em termos musicais, e pensámos que fazer dois EPs iria ser uma boa forma de encorajar a inspiração. O que acabou por acontecer é que começámos logo a escrever o «Magus», e fizemos tudo ao contrário dessa ideia. [risos] A escrita do álbum gerou várias ideias tangenciais, que depois decidimos explorar com os EPs.

Analisemos então cada um deles. O barulhento «The House Primordial» e o lindíssimo «Inconsolable» foram editados primeiro, e até têm *artwork* parecido, sugerindo uma ligação entre os dois. Explica. [risos]
O Andy [Gibbs], um dos nossos guitarristas, tem um arquivo de muito noise e música ambiental que faz sozinho, já se dedica a isso há muito tempo, e gostamos muito desse elemento da criatividade dele. Há algum tempo que andávamos a falar sobre a melhor forma de incorporar isso na nossa música, e desta vez sentimo-nos inspirados o suficiente para avançar. Em relação ao acústico, desde que há uns anos fizemos um *split* com os Pygmy Lush que falamos disso entre nós, em fazer algo declaradamente "bonito" e mais sossegado. Originalmente até estávamos a trabalhar neste material para outro *split*, mas a outra banda atrasou-se muito e decidimos avançar como sendo um lançamento só nosso, e a coisa cresceu bastante. Acabaram por convergir os dois na mesma altura, e usámos arte semelhante porque achamos que se complementam bem.

E o «Rhea Sylvia»?
Sinceramente, esse EP surgiu de sobras que tínhamos. [risos] A maior parte do material

"Originalmente pensámos que fazer dois EPs iria ser uma boa forma de encorajar a inspiração. O que acabou por acontecer é que começámos logo a escrever o «Magus», e depois fizemos tudo ao contrário dessa ideia."

tem origem no Matthew [Thudium], o nosso outro guitarrista, e a certa altura, quando o Andy ainda estava a viver em Oakland e não estávamos a dedicar-nos muito à banda, o Matt propôs que trabalhássemos um bocado nestes temas que ele tinha. Já conhecíamos estas canções, ele já nos tinha mostrado a maior parte, e fizemos tudo num instante – na verdade, este EP já estava praticamente terminado quando a ideia de lançar vários EPs se formou. Aliás… diria que o «Rhea Sylvia» terá sido o que influenciou mais a escrita do «Magus», como tínhamos previsto que os outros dois fizessem. É o que tem material mais "convencional" dos Thou, digamos assim, e pelo menos para mim, em termos de organização da música e das letras, funcionou como uma espécie de primeiro plano e de encorajamento para o «Magus». Isso e o facto de eu estar um bocado aborrecido com a forma como compunha anteriormente. [risos]

Começaste a escrever de forma mais… *song-oriented*, à falta de melhor termo?
[pausa] Acho que sim, pode-se dizer isso. O que eu gostei mais no «Heathen» foi o quão… acessível o disco era, chamemos-lhe. Queria capturar mais desse sentimento com o «Magus», não sei se ficou exactamente assim, mas pelo menos as partes que eu escrevi, acho que têm um certo elemento de se poder mergulhar logo na música e perceber o essencial. Menos cerebral, menos indulgente, vá lá.

Olhando para os EPs como um todo, o que é tiras deles, enquanto experiência?
É difícil entender isso totalmente agora, mas sem dúvida, a forma como tratámos da mistura e masterização para o «The House Primordial», especialmente, foi algo que nos marcou muito como banda. Foi quase tudo *on the fly*, trabalho de estúdio quase espontâneo, e isso não é de todo a forma como trabalhamos. Acho que isso nos vai tornar mais abertos em relação à utilização do estúdio como uma ferramenta, a explorar mais essas possibilidades. Temos tido um caminho progressivo nesse sentido, mas agora sentimo-nos mais à vontade. Durante essa mistura, dissemos coisas como "*vamos foder esta parte toda, agora? Fazer a bateria nem soar a bateria?*", e outras do género. [risos] Tudo correndo bem, no próximo álbum de longa-duração vamos poder beber dessa experiência e criar mais coisas novas.

Ao fim de quatro lançamentos que ainda mal saíram, já estão a pensar no que vão fazer a seguir?
Já estamos a brincar com a ideia de fazer outro disco acústico, um mais pensado e mais construído. Gosto muito do «Inconsolable», mas a verdade é que não tivemos muito tempo para o desenvolver. As pessoas que cantam nele tiveram ali um desafio. [risos] Não demos muito tempo nem muita preparação às pessoas. Tivemos sorte porque apanhámos gente muito talentosa e que se safou brilhantemente, mas gostava de fazer outra coisa dentro do mesmo género mas com mais espaço para absorver ideias de toda a gente. Portanto sim, eventualmente vamos fazer outro disco "bonito", mas há que dizer que também não acho que seja já a próxima cena. Acho que ninguém está para aí virado neste momento actual. Temos muitas ideias em cima da mesa para desenvolver ainda.

Achas que os EPs, talvez perversamente, vos dão mais gozo a fazer porque não têm a tal pressão que vocês metem sobre vocês próprios com os discos "a sério", conforme já declaraste várias vezes?
[pausa, seguida de risos] É difícil dizer, talvez, não sei… depende da hora do dia a que me perguntares, percebes? [risos] Sem dúvida que gostamos de fazer os longa-duração, mas… é trabalho. Damos muito de nós, e levamo-los muito a sério. E não é que sejamos super velhos, mas também já não somos miúdos, e há sempre coisas da vida real a acontecer ao mesmo tempo, o que torna a experiência de fazer um álbum muito intensa, há muito *stress*, e torna mesmo as partes divertidas em algo que nos consome muito. Os EPs são sempre uma tarefa mais "leve", estamos mais a experimentar e a brincar com a nossa música do que a construir o legado da banda, por isso o sentimento é diferente, claro.

Foi esquisito não teres participado artisticamente no «Inconsolable»?
Foi muito divertido, lá está. Tive oportunidade de ter um papel diferente, em vez de ser "o cantor". Mas também, e apesar de ter sido um EP, foi um pouco *stressante*, porque por estranho que isso pareça, acho que estive mais envolvido com esses temas do que em muitos outros lançamentos em que cantei. Pensei mais onde a música poderia ir vocalmente do que costumo pensar naquelas em que sou eu a cantar. Escrevi todas as letras, queria harmonias e outras coisas a funcionar de uma forma específica, tive que dirigir todas as pessoas sem ser um ditador parvo [risos]… Tenho mais presença nesse disco do que em muitos outros, mesmo que tecnicamente não "esteja" nele. Foi divertido.

Tanto que vocês batalham contra alguma imprensa que vos tenta colar à cena do sludge de Nova Orleães, e agora no «Rhea Sylvia» lá foram fazer uma *cover* dos Crowbar. Prepara-te para responder a mais uma montanha de perguntas parvas no futuro!
Pois é… [risos] Nós costumamos encher a cabeça das pessoas que nos perguntam isso, é verdade, mas porque achamos que essa interpretação dos Thou é extremamente redutora, muito unidimensional. Nós nem sequer somos de Nova Orleães! Eu sou, mais ou menos, dos subúrbios, mas todos os outros são de Baton Rouge. Duas das pessoas da banda vivem agora em Nashville. Não há como negar que algumas características geográficas têm influência na nossa música, claro, mas pensando assim, Seattle teve mais influência em nós do que propriamente Nova Orleães. As primeiras cenas dos Thou, quando eu nem estava na banda ainda, era o pessoal a copiar Isis e Pelican! [risos] Nem sequer estavam a prestar atenção ao que se passava aqui na região. Sinceramente, acho que nem sonicamente, nem em termos de… aproximação, digamos assim, temos alguma coisa a ver com a maior parte das bandas daqui. Mas olha, isso não quer dizer que não gostemos de algumas! [risos] E os Crowbar são uma das nossas favoritas. Esse tema tem tudo a ver com o ambiente do EP, e se faz sentido, não há razão para não fazermos alguma coisa.

A ERA DE NARCISO

Afirmaste no passado que a escrita costuma surgir de forma espontânea. No entanto, há bastante trabalho racional e organizacional por trás de cada lançamento. Como surgiu o «Vanitas Vanitatvm» e como é que se desenvolveu a partir dessa primeira ideia?
As coisas aconteceram como têm vindo a acontecer. A maioria das vezes, começamos a escrever de forma instintiva e intuitiva, tanto na música como nas letras. Numa fase mais tardia, a escrita vai-se metamorfoseando e emerge uma espécie de ordem, um conceito. Nessa fase mais tardia, pensamento e razão fluem para o trabalho, procedemos aos ajustes finais na composição, e eu começo a investigar para obter um conceito ou

Dos quase vinte anos de existência dos HELRUNAR, os últimos quatro ou cinco foram sem dúvida os mais surpreendentes, uma vez que a banda não só abandonou o imaginário pagão que caracterizou a sua abordagem dos primeiros lançamentos, como resolveu adicionar elementos de death e doom metal à base black metal da música. A recente novidade, «Vanitas Vanitatvm» (expressão que pode ser traduzida como "tudo é vaidade"), não se pode classificar como um regresso ao passado nem como uma continuação literal da mudança operada em «Niederkunfft». Aproveitámos a deixa para conversar com o vocalista e co-fundador da banda, M.D., sobre o momento actual da mesma e sobre as ideias por trás do novo disco.

LUÍS PIRES

fio condutor para as letras. No fundo, o processo acaba por ter tanto de intuitivo como de planeado ou conceptual.

É inevitável comparar o novo álbum com, por um lado, o seu antecessor imediato, e por outro, a linhagem de discos de influência pagã que culminou no «Sól». Parece-me que não há nem um ressurgimento necessário da linhagem referida, nem uma continuação directa do lado death/doom presente no «Niederkunfft», mas um sintetizar de ambas as abordagens. Como é que olhas para esta evolução recente da vossa música?
Descreveste-a bastante bem. No «Vanitas Vanitatvm» combinámos as nossas raízes de black metal com o entusiasmo que temos por doom e death metal, tal como concretizado no «Niederkunfft». Acho que esta progressão foi de certa forma natural, a nossa música sempre reflectiu o nosso gosto pessoal, mas sempre procurámos encontrar novas formas de expressão. Isso tornou as composições mais complexas e elegantes. No entanto, a atmosfera continuará sempre a ser um ponto central na nossa escrita.

Em algumas das letras, pareces bastante chateado com a humanidade, como demonstrado quando te diriges à espécie e dizes que "*you bring pain, not comfort, you take and don't give back.*" Dirias que é uma caracterização justa da tua forma actual de olhar para o mundo?
Não necessariamente, mas sim. É algo exagerado dizê-lo, mas a hipérbole é uma ferramenta legítima na arte. A humanidade também criou coisas de imenso valor, belas obras de arte, ciência e razão, bem como grandes actos de compaixão e sensibilidade. No entanto, diria que os aspectos materialistas do nosso mundo acarretam o perigo de nos perdermos. O conflito entre os mundos materiais e espirituais será tão velho como a própria humanidade e o mesmo se aplica à vaidade. Hoje em dia, vivemos numa época em que a vaidade se tornou omnipresente e se propaga de forma despudorada, com as redes sociais a servirem de combustível. Este é o tempo para os narcisistas, mentirosos, e fanfarrões impulsivos.

Obténs algum tipo de consolo ao lidar com este tipo de temas através da música?
Consolo... talvez, às vezes. O processo de elaboração de música e letras desenrola-se em paralelo com muita reflexão e compreensão, e o conforto jaz no conhecimento e na compreensão. Bem, não é que torne o mundo melhor, não tão facilmente, mas pode ajudar a carregar esse fardo.

Que aspectos do instrumental te parecem particularmente apropriados para formular a estética que tinham em mente para o novo álbum?
Há muito mais velocidade e agressividade nas nossas composições que se adequam muito bem ao carácter desolador e cínico das letras. Também encontrarás bastante variedade, com passagens brutais e tortuosas mas também passagens épicas. Julgo que se adequa bem às várias fontes que inspiraram as letras, desde literatura do barroco alemão a mitos, folclore, e também história.

Apesar de versares sobre temas correntes, tens mais uma vez inspiração em histórias antigas, como o «Simplicius Simplicissimus». É uma preferência estritamente estética ou uma forma de poder criticar as características modernas enquanto demonstras que na verdade são traços intrinsecamente humanos?
Gosto de combinar histórias antigas, míticos, e simbolismo arcaico com tópicos modernos e psicologia. O livro que mencionas, o «Simplicius Simplicissimus», foi escrito no séc. XVII, e esse período moderno inicial tem bastante em comum com a nossa era! Grandes crises, nomeadamente no que toca ao clima e a colheitas, pragas, inquietação social devido a conflitos confessionais, medos irracionais que se espalham e causam perseguições, e fanatismo religioso. A humanidade estava também a lidar com um novo meio que não compreendia de forma razoável. Na altura eram os novos meios tipográficos, hoje em dia é a internet.

Aquando do primeiro abandono de temas pagãos pelos Helrunar, expressaste um certo descontentamento pela forma como esses tópicos estavam a ser lidados pelas bandas ditas pagãs e uma falta de vontade em te veres associado a essa cena. Que característica dessa forma de lidar com os temas é que te irrita tanto e qual seria a forma correcta de os abordar?
Na verdade, ainda me encontro bastante interessado na mitologia nórdica e nos Árstiðir Lífsins (onde trabalho com o Árni e o Stefan, os guitarristas dos Helrunar ao vivo), temos feito música que é inspirada por essa mitologia e história, mas de forma sofisticada! Tens razão que eu esteja insatisfeito, e às vezes genuinamente enojado com a forma como a cena do metal pagão lida com esses tópicos. Há boas bandas, mas há demasiadas que nada mais fazem do que parodiar o que querem glorificar – e nem se apercebem disso! Glorificação e paródia estão sempre mais próximas do se pensa. Aliás, o facto de alguém querer glorificar algo já faz com que esteja no caminho errado, provavelmente trata-se de alguém perturbado, com problemas de ego, e uma necessidade de se agarrar a algo. Nós não somos nem nunca fomos uma banda de metal pagão. Ficamos aliás profundamente chateados se nos chamarem isso.

Agora que já passaram dois discos desde essa transição temática, houve algo em particular nesta vossa reinvenção que vos tenha levado por caminhos surpreendentes enquanto músicos?
Julgo que se estás realmente interessado em criar arte, isso vai-te automaticamente levar por direcções inesperadas. Encontras sempre novos assuntos, novas formas de expressão e novas inspirações quando menos o esperas. E isso é um desenvolvimento fantástico, é um desenvolvimento numa direcção de maior liberdade e, talvez um dia, na direcção de verdadeira inovação.

Com o aproximar do vosso 20.º aniversário enquanto banda, como é que comparas as vossas prespectivas enquanto músicos agora e quando começaram, e de que forma é que vês a banda progredir num futuro próximo?
Estamos mais velhos. Estive recentemente a ouvir os vinis de teste da caixa que vamos lançar em breve com os nossos quatro primeiros discos e foi como ver o tempo passar à minha frente. Senti o inesperado regresso de uma série de memórias e pensamentos quase esquecidos, até porque a nossa música sempre reflectiu o estado corrente das nossas vidas. Éramos de certa forma mais ingénuos enquanto novos, pelo que também a nossa música o era. Mas não importa, ainda é do caraças e estamos satisfeitos com ela. Com o novo disco, julgo que estamos num bom estado, em que tentamos ser inovadores quando necessário enquanto criamos música que continua a atingir e a despertar pessoas.

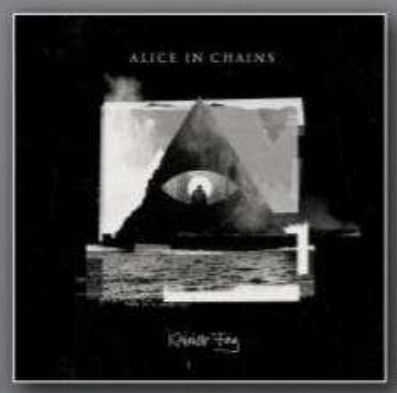
"Vivemos numa época em que a vaidade se tornou omnipresente e se propaga de forma despudorada, com as redes sociais a servirem de combustível."

DISCO DO MÊS

ALICE IN CHAINS

«Rainier Fog»

[BMG]



«*I'm the last of my kind still standing*": ouve-se no terceiro tema de «Black Gives Way To Blue», o primeiro disco da segunda fase da carreira dos Alice In Chains após a perda irreparável de Layne Staley. Tanto pelos seus méritos musicais como, fundamentalmente, pelo que representa em termos de simbolismo, do renascer após a morte de tão carismático vocalista, «BGWTB» é um triunfo improvável e marcante. Seguiu-se «The Devil Put Dinossaurs Here», algo mais desinspirado, e agora «Rainier Fog», cujo título e capa remetem para Mount Rainier, vulcão adormecido que se vislumbra no horizonte de Seattle. Parcialmente gravado no Studio X naquela cidade, onde tinham estado pela última vez com Staley em 1995, o enquadramento remete para um proverbial regresso às raízes, mas ao invés de tentar repetir o que está feito, os Alice In Chains permitem que os espíritos do passado, que habitam na bruma de Rainier, ambientem estes dez temas que soam actuais, utilizando até uma guitarra acústica que era de Chris Cornell. Uma composição inspirada e cuidada, letras profundas, harmonias vocais entre William DuVall e Jerry Cantrell cada vez mais entrosadas, e alguns dos melhores riffs que Cantrell compôs nos últimos 25 anos, formam canções que estão para a geração de Seattle como o poema «Howl», de Allen Ginsberg, está para a *beat generation*. Parece injusto destacar temas («All I Am», «The One You Know» e «So Far Under» fazem as preferências deste escriba, que poderão ir mudando com frequência), e talvez não tenha tantas dinâmicas quanto «BGWTB», mas «Rainier Fog» é um disco real, que respira e tem pulsação. E numa época em que quase tudo é artificial e descartável, esse é o melhor elogio que se lhe pode fazer. [9] **R.S.A.**

L! RANKING

OUTUBRO 2018

	C.G.	E.F.	J.B.	J.A.R.	J.C.S.	J.M.R.	J.R.	M.L.	P.C.S.	R.A.	
BEHEMOTH «I Loved You At Your Darkest»	7	7,5	8	8,5	6	8	8	5,5	6,5	8	**7,36**
VOIVOD «The Wake»	7	7,5	7	7	8	7	7,5	7	7,5	8	**7,31**
A STORM OF LIGHT «Anthroscene»	5,5	7,5	6	9	6,5	6	7	7	7	7,5	**7,00**
SOULFLY «Ritual»	7,5	7	7	8	6,5	7	7	6	6,5	7,5	**6,93**
PRIMAL FEAR «Apocalypse»	8	7	8	7	6	6	6,5	5	5,5	7	**6,61**
LIZZIES «On Thin Ice»	7	7	7	5	7	6	5	6	5	5	**6,00**

A STORM OF LIGHT

«Anthroscene»

[Consouling Sounds]

Há cinco anos que Josh Graham não editava algo com os seus A Storm Of Light e este «Anthroscene» é já o quinto álbum da banda, findos dez anos sobre «And We Wept The Black Ocean Within», o seu primeiro disco. Desde esses primórdios que em muito se tem vindo a alterar a musicalidade do grupo, que antes se aproximava de um doom metal ancorado na esfera de influência dos Neurosis – ícone do qual Graham fez parte como artista de meios visuais –, passando, nos trabalhos seguintes, a resvalar o sludge e até o post rock dos Battle Of Mice e Red Sparowes – projectos que o músico também integrou –, até à semelhança que «Nations To Flames», de 2013, apontava a Ministry e Killing Joke. Todo este caldo cultural, chamemos-lhe, mantém-se com alguma subtileza, embora este novo registo tenha uma veia rock muito mais pulsante, a que a comparação a Tool ou A Perfect Circle não soa descabida, entre o peso progressivo dos primeiros e as melodias dos segundos, não esquecendo a nostalgia por riffs melvinianos e compassos à Big Black – há até o apreço ao segundo álbum dos Grotus, do qual foi resgatado o nome para o *single* «Slow Motion Apocalypse». Por outro lado, fica a dúvida: será tudo isto foco e evolução? [7] P.C.S.

AMARANTHE

«Helix»

[Spinefarm]

Se o termo pop metal não vos causar demasiada urticária e se a ele quiserem associar um nome que encaixe na perfeição nos estereótipos do género – melodias açucaradas, sintetizadores cintilantes, refrães fáceis e uma imagem e produção limpa e cristalina – então os suecos Amaranthe são um dos mais sérios candidatos no activo. A prová-lo está «Helix», o quinto álbum de uma carreira que terá os seus fiéis seguidores, mas que, e acima de tudo, representa uma porta de entrada óbvia para ouvidos pouco habituados à distorção das guitarras e presos ao conceito de canção tão formatada quanto efémera, a rondar os três minutos de duração. A fórmula repete-se ao longo de doze faixas nas quais o trio de vocalistas – voz feminina, voz gutural e voz limpa masculina – constitui o principal atractivo capaz de conferir alguma dinâmica a composições elementares por defeito. E o que é um facto é que, pondo de parte preferências musicais ou preconceitos em relação ao que não nos seduz, os Amaranthe são muito competentes no meio no qual se movimentam e «Helix» constitui um prato cheio de metal inofensivo, acessível, juvenil e assumidamente comercial. [6] R.A.

ANAAL NATHRAKH

«A New Kind Of Horror»

[Metal Blade]

Os Anaal Nathrakh fazem chavascal bonito. Ninguém na música extrema consegue ser tão ácido e violento, mantendo o nível de musicalidade deste duo britânico, e isso fica claro logo em «Obscene As Cancer», o primeiro tema "a sério" de «A New Kind Of Horror». Um *cocktail* explosivo de black, death e heavy metal clássico, ambiências industriais, batidas electrónicas e um *groove* que muitas bandas do core só podem sonhar ter, fundido com melodias clássicas e viciosas. Ou seja, nada de novo no universo dos Anaal Nathrakh e ainda bem, porque ninguém mais o faz assim. A grande novidade é o aumento do nível de demência vocal do tresloucado V.I.T.R.I.O.L., *aka* Dave Hunt. O homem consegue fazer de King Diamond em «The Reek Of Fear», soar a algo que nunca soou em «Forward» – que sendo *single* de avanço é provavelmente o tema menos conseguido do disco – e ter uns dez registos diferentes ao longo da incrível «New Bethlehem – Mass Death Futures», onde no meio do caos até um delicado teclado à Dimmu Borgir acaba por soar bem. Este é um dos álbuns mais violentos que os Anaal Nathrakh já gravaram e, apesar do balanço e das melodias épicas, representa um regresso mais declarado às raízes black metal: «The Apocalypse Is For You», com um riff à Emperor lá pelo meio, e «Vi Coactus» com Brendan Schiepatti, dos Bleeding Through, a berrar no refrão, são dois bons exemplos disso mesmo. Ao décimo longa-duração, os Anaal Nathrakh esticam a corda e ficam muito perto do melhor que já fizeram. [8.5] J.A.R.

ANCESTORS

«Suspended In Reflections»

[Pelagic]

Passados seis anos desde o último álbum, «In Dreams And Time», os Ancestors estão enfim de regresso com «Suspended In Reflections», um quinto álbum com uma abordagem substancialmente diferente do doom meio psicadélico e com propensão ao culto do riff mais pesadão que até aqui lhes tinha servido de cartão de visita, e que lhes valeu comparações – até certo ponto justificadas – a bandas como Sleep ou Corrosion Of Conformity. Desde então o grupo sofreu várias mudanças na formação – em tempos um quinteto, o grupo oriundo de Los Angeles apresenta-se hoje como trio – pelo que não será exactamente uma surpresa absoluta esta mudança de direcção. O resultado é uma odisseia envolvente e imersiva por territórios marcadamente progressivos, numa demonstração de inegável maturidade, nomeadamente pela forma como pensam os oito temas do alinhamento: uma paisagem sonora com múltiplas secções, que vão do progressivo mais arrastado e melancólico de «Through A Window», aos apontamentos e aproximações explicitas a texturas jazzísticas de «Release». Fica a expectativa para o que se seguirá, ficando já a certeza de que estamos perante uma banda que se sabe reinventar de disco para disco. [6.5] J.R.

AUTHOR & PUNISHER

«Beastland»

[Relapse]

Tristan Shone é um dos compositores mais singulares do panorama da música extrema. Engenheiro mecânico de formação, o norte-americano tem desenvolvido uma carreira enquanto músico e artista plástico, pretexto para uma série de experiências no cruzamento entre "arte" e "indústria". Nessa transposição da indústria mecânica para o campo da música contemporânea surge Author & Punisher, um alter-ego politicamente empenhado e sonicamente agressivo. Shone constrói os seus próprios instrumentos – as actuações ao vivo têm qualquer coisa de Frankenstein *meets* NIN – e a utilização indiscriminada de computadores possibilita a passagem por um vasto território musical: do noise ao industrial mais pesado, óleo negro é o que não lhe falta. Mas ao sexto longa-duração, a insolência robótica começa a dar sinais de cansa-

Piranha
Loja de Música
c.c. Parque Itália, Loja 73 (à Boavista) - R. Júlio Diniz, 752 - 1º - 4050 012 PORTO
Metro: Casa da Música Telef: 22 6091004 email: piranhacd@gmail.com
BEHEMOTH - I LOVED YOU AT YOUR DARKEST (ED. LDA)
VOID OF SILENCE - SKY OVER
CRIPPLED BLACK PHOENIX - GREAT ESCAPE
MANES - SLOW MOTION DEATH SEQUENCE
MANTAR - THE MODERN ART OF SETTING ABLAZE
CRAFT - WHITE NOISE AND BLACK METAL
A FOREST OF STARS-GRAVE MOUNDS AND GRAVE MISTAKES
HELRUNAR - VANITAS VANITATVM
HORRENDOUS - IDOL
BLOODBATH - THE ARROW OF SATAN IS DRAWN
ABORTED - TERRORVISION (ED. LDA)
DEICIDE - OVERTURES OF BLASPHEMY(ED. LDA)
TERRORIZER - CAUSTIC ATTACK
ANAAL NATHRAKH - A NEW KIND OF HORROR
KRISIUN - SCOURGE OF THE ENTHRONED
CONAN - EXISTENTIAL VOID GUARDIAN
SOREPTION - MONUMENT OF THE END
PIG DESTROYER - HEAD CAGE
SOULFLY - RITUAL (ED. LDA)
UNLEASHED - THE HUNT FOR WHITE CHRIST
IMPELLITTERI - THE NATURE OF THE BEAST
GRAVE DIGGER - THE LIVING DEAD
DRAGONLORD - DOMINION
U.D.O. - STEELFACTORY
FIFTH ANGEL - THE THIRD SECRET + REEDIÇÕES
BRAINSTORM - MIDNIGHT GHOST (ED. LDA CD+DVD)
HIGH ON FIRE - ELECTRIC MESSIAH
WINDHAND - ETERNAL RETURN
KHÔRADA (EX AGALLOCH) - SALT (ED. LDA 2CD)
GREEN CARNATION - LAST DAY OF DARKNESS CD+DVD
COLLAPSE OF LIGHT - EACH FAILING STEP
KONTINUUM - NO NEED TO REASON (ED. LDA)
HAKEN - VECTOR (ED. MEDIABOOK 2CD)
www.piranhacd.com
VOIVOD - THE WAKE
RIVERSIDE - WASTELAND
SUMAC - LOVE IN SHADOW
A STORM OF LIGH - TANTHROSCENE
FOSCOR - LES IRREALS VERSIONS
ISKALD - INNHOSTINGA
SIRENIA - ARCANE ASTRAL AEONS
KORPIKLAANI - KULKIJA (ED. LDA)
BEYOND THE BLACK - HEART OF THE HURRICANE
MERCIFUL NUNS - NEKROLOG (ED. LDA 2LP+DVD+BOOK)
MARDUK - VIKTORIA (ED. LDA BOX / CD)
FUNERAL MIST - HEKATOMB
DEAFHEAVEN - ORDINARY CORRUPT HUMAN LOVE
WARREL DANE - SHADOW WORK (ED. LDA MEDIABOOK)
MONSTROSITY - THE PASSAGE OF EXISTENCE
DIMMU BORGIR - EONIAN (ED. LDA DIGI/EARBOOK DELUXE)
MADDER MORTEM -MARROW
PINEAPPLE THIEF - DISSOLUTION (ED. LDA)
WHITESNAKE - UNZIPPED -LTD/DELUXE-6CD BOX
PROGENIE TERRESTRE PURA - STARCROSS
MOONSPELL - LISBOA UNDER THE SPELL (DVD/BLURAY/3CD)
ENVIAMOS À COBRANÇA PARA TODO O PAÍS E ILHAS
Todos os titulos que estão na Loud, estão disponiveis na Piranha
Abertos todos os dias, ininterruptamente das 11 às 21h
Domingos e Feriados das 15 às 19h

ço. É o que mais frustra em «Beastland», um álbum rico em texturas electrónicas rijas como o aço: há a sensação de que passa por aqui um caudal importante da música extrema, mas ainda não é esta a sua obra-prima. Temas como «Nihil Strength» ou «Nazarene», por exemplo, enleiam-se em melodias meio monótonas, que acabam por travar algum do ímpeto mais explosivo e dinâmico de temas como «Pharmacide» ou «Beastland». [7] J.R.

BEHEMOTH
«I Loved You At Your Darkest»
[Nuclear Blast]

É curioso como Nergal tem um discurso mais expansivo em relação a este novo disco dos Behemoth, dizendo que "*é um álbum mais* rock-based", mas o que ouvimos em «I Loved You At Your Darkest» é a mesma raiva rápida, ocasionalmente melancólica, que marca o black/death metal dos polacos. Talvez o vocalista/guitarrista *queira* chegar a meandros mais *mainstream*, mas o ódio religioso que nele pulsa não permite desvarios para naturezas que não as extremas. Os Satyricon, por exemplo, foram por aí e souberam fazê-lo. Os Behemoth, por seu turno, continuam a ser umas bestas hereges em estúdio, mesmo que Nergal apareça em revistas de *gossip*. Consta que o título deste 11.º LP é uma frase de Jesus Cristo na Bíblia, daí que não falte matéria anti-católica, como já é apanágio nos Behemoth. «God = Dog» foi o tema de avanço que nos mostrou, desde logo, ao que vinha o trio em 2018, mas há por aqui outros momentos mais-que-blasfemos como «Ecclesia Diabolica Catolica», com orquestra e coros a adornar aquela ambiência de liturgia satanista. O disco foi gravado em vários estúdios de vários países, com Daniel Bergstrand a tratar da bateria de Inferno, e Matt Hyde nas misturas finais. A qualidade que se espera, com «Wolves Ov Siberia» a funcionar como excelente tema de abertura, «Bartzabel» inclui um sentido solo de guitarra e «Havohej Pantocrator» possui aquela obscuridade sinistra que o próprio título e capa exploram, mas não se pode dizer que «I Loved You At Your Darkest» seja, no seu todo, uma extraordinária obra. [7] N.S.

CLUTCH
«Book Of Bad Decisions»
[Weathermaker]

Já vão na dúzia, os álbuns dos Clutch, e pode afirmar-se que nunca desiludem. Há muito que é banda com uma vasta legião de fiéis seguidores, mas estes têm-se multiplicado nesta década, muito graças a «Earth Rocker», de 2013, e «Psychic Warfare», que conta menos dois anos. Em «Book Of Bad Decisions» os Clutch trazem ainda mais variedade de estilos às suas composições, conseguindo manter-se iguais a si próprios. Depois desses dois discos com o produtor conhecido como Machine, o quarteto de Maryland procurou refrescar o seu som e recorreu a Vance Powell, que já trabalhou com White Stripes ou Arctic Monkeys. Desde logo se nota um som mais cru, o que assenta bem à toada mais *grassroots* deste disco, que vai do blues ao funk mas sempre com uma ginga e atitude rock'n'roll que é inata aos Clutch. Este périplo por diferentes latitudes, que servem de cenário às aliciantes narrativas de Neil Fallon, poderá parecer pecar por excesso, não agarrando tanto quanto outros álbuns à primeira, mas o tempo poderá vir a consagrá-lo como um *tour de force*, ao jeito de «Exile On Main St.» dos Stones. [8] R.S.A.

COSMIC VOID RITUAL
«Grotesque Infections Of Interplanetary Divide»
[Iron Bonehead]

A imagem que nos fica de um disco é influenciada pelo contexto, como é o caso deste EP de estreia dos Cosmic Void Ritual, depois de três *demos* e um *split* nos primeiros catorze meses de vida. A partir do momento em que um músico ou banda constrói uma linguagem musical própria, qualquer pessoa pode pegar nela e foi isso que o singular compositor por trás dos Cosmic Void Ritual fez, apoiando-se no death metal badalhoco que apareceu nos anos 90 pelas mãos de nomes como Demigod, Demilich (ignoremos as vozes), ou Timeghoul. A partir daí, há duas opções. Ou um músico pega na base externa e a torna sua, como têm vindo a fazer os Blood Incantation com ponto de partida semelhante, ou se mantém virado para o passado. Optou-se aqui pela segunda opção e o resultado é um EP que soaria derivativo há vinte anos atrás e continua a fazê-lo hoje. Não deixa de consistir em quatro simpáticas malhas de death metal cavernoso capazes de dar trabalho aos pescoços dos mais fervorosos adeptos do género. Só não esperem é qualquer tipo de inovação. [6] L.P.

BLOODBATH
«The Arrow Of Satan Is Drawn»
[Peaceville]

Em «The Arrow Of Satan Is Drawn», os Bloodbath juntam à violência do death metal sueco da velha guarda uma atmosfera funesta que remete para o black metal, e assinam, porventura, o disco mais profundo e complexo que alguma vez gravaram. A entrada de Joakim Karlsson, dos Craft, para a segunda guitarra poderá (ou não) ter contribuido para este acréscimo de obscuridade, mas a verdade é que este quarto longa-duração é ainda mais frio e impiedoso do que os seus antecessores. Mesmo num tema directo, orelhudo e marcadamente OSDM como «Bloodicide» com os ilustres convidados Jeff Walker (Carcass), Karl Willets (Bolt Thrower/Memoriam) e John Walker (Cancer) emergem gélidos e contorcidos sopros melódicos que reforçam o predominante negrume. «Wayward Samaritan» e «Chainsaw Lullaby» são donas de uma vibração mais rock'n'roll sem perderem um grama de peso e perversão, revelando que a capacidade dos Bloodbath para escreverem canções imediatas não sai beliscada pela abordagem globalmente mais intrincada. A prestação vocal de Nick Holmes é uma vez mais sublime e assume-se como o veículo perfeito para o teor da mensagem niilista presente nestes dez temas, onde os Bloodbath atestam que para serem brutais não precisam de sacrificar a musicalidade ou tentar tocar mais rápido do que os vizinhos do lado. A palavra de ordem acaba por ser atmosfera, seja na lentidão mórbida de «Levitator», nas melodias sinistras de «Deader» ou no incrível solo de «March Of The Crucifiers». Cada tema tem, pelo menos, um elemento que o distingue claramente dos demais e juntos perfazem um dos grandes discos do ano. **[8.5]** J.A.R.

DAUGHTERS
«You Won't Get What You Want»
[Ipecac]

É curioso, no mínimo, pensar que os Daughters do primeiro disco, «Canada Songs», de 2003, marinavam algures entre o grindcore, o noisecore e o mathcore – atire-se ainda o termo spazzcore, para ser ou audaz ou irónico, como a banda também o era –, lembrando o extremismo e frenesim dos The Dillinger Escape Plan com a loucura dos The Locust, e contrastar tudo isso com o que este «You Won't Get What You Want» tem para oferecer. Uma coisa é certa: para muitos, e como tem sido a progressão de álbum para álbum deste agora quarteto de noise rock, a intimação do título pode perfeitamente resultar na realidade de o ouvinte não obter o que quer, dada até a irreverência da banda sempre ter feito o que lhe dá na real gana – o caso do vocalista Alexis Marshall ter passado de gritos agudos para soar ao Nick Cave, subitamente, entre o segundo e terceiro discos é exemplo disso. A verdade, no entanto, é que esta mutação tem sido gradual e não é de todo de estranhar que ao quarto álbum, e depois de oito anos calados, alcancem esta sonoridade à The Jesus Lizard, igualmente desconfortável, com repetições arrítmicas, frias e calculadas, onde as cadências

industriais são acompanhadas pelas dissonâncias das guitarras, resultando numa experiência desoladora apropriada à vida citadina hibernal – dos gemidos esbatidos de «City Song», ao quase blues mecânico de «Less Sex», até aos ecos desesperantes em «Guest House»: "*Let me in!*" [7.5] P.C.S.

DEADBIRD
«III: The Forest Within The Tree»
[20 Buck Spin]
Já se passou uma década desde que os Deadbird fizeram ouvir pela última vez os seus monolíticos lamentos de desespero, mas «III: The Forest Within The Tree» leva-nos de regresso à primeira década deste novo milénio e a uma altura em que, numa fase em que a música mais lenta estava definitivamente a atravessar uma das suas cíclicas fases de maior popularidade, brotavam do underground americano inúmeros híbridos de doom e sludge. Soando declaradamente sulista – ouça-se a abertura com a acústica «The Singularity» – neste terceiro disco, este quinteto de Little Rock continua a explorar ambientes sorumbáticos, saturados de distorção e de uma forte carga emocional, que se traduz na perfeição na interacção entre os registos vocais, ora fortes, ora frágeis, dos seis instrumentistas que perfazem hoje o colectivo. Contando com actuais e ex-membros dos Rwake e Pallbearer na formação, os Deadbird demonstram a mesmíssima paixão por coros grandiosos (ouça-se «Luciferous Heart»), riffs bem pesados («Heyday»), apontamentos acústicos («Brought Low»), o ocasional *lead* de guitarra interpretado com bom gosto («Alexandria»), compassos paquidérmicos, uma brutal explosão de energia («Bone & Ash») e, ao longo de todo o disco, barragens de efeitos com o seu quê de psicadélico. Com a instrumental «11:34» estrategicamente a meio do alinhamento, «III: The Forest Within The Tree» faz-se de altos de baixos, equilibrado na ténue linha que separa o desespero da esperança. [7.5] J.M.R.

DEICIDE
«Overtures Of Blasphemy»
[Century Media]
Os Deicide são uma instituição do death metal, muito graças aos dois primeiros discos, mas, verdade seja dita, dos onze longa-duração lançados antes deste «Overtures Of Blasphemy», quase metade são medíocres. A boa notícia é que, longe de ser um «Legion», este novo disco junta-se ao lote que se aproveita, graças a uma equilibrada mistura entre o peso cativante do anterior «In The Mind Of Evil», que foi um claro regresso à boa forma, e a melodia exacerbada do aclamado, mas não consensual, «The Stench Of Redemption». Se esse disco de 2006 ficou marcado pelos solos ultra-melódicos – e demasiado clássicos – do malogrado Ralph Santolla, aqui o trabalho da dupla Kevin Quirion/Mark English é igualmente impressionante a nível técnico, porém bem mais adequado ao que se espera dos Deicide. Embora bruto e extremo, como seria de prever, este é um álbum relativamente acessível, em parte devido à produção limpa de Jason Suecof, mas também por ter uma composição muito direta. Claro que conter um punhado de temas francamente bons, como «One With Satan» (que marca o regresso de Benton à composição), «Crawled From The Shadows» ou «All That Is Evil», também ajuda. No entanto, há que dizer que a primeira metade do disco parece mais inspirada, até porque na segunda, além de um ou outro *filler* («Anointed In Blood»), instala-se uma sensação de linearidade e repetição entre temas. [7] J.A.R.

Opeth
SOULFLY
10%
unkind
FINALIZA UMA ENCOMENDA NO SITE E INSERE O CODIGO 32256
DESCONTO VALIDO ATÉ DIA 30 OUT PARA TODOS OS ARTIGOS DO SITE*
*EXCEPTO BILHETES E ARTIGOS QUE ESTEJAM EM PROMOÇÃO
WWW.UNKIND.PT

FOSCOR
«Les Irreals Versions»
[Season Of Mist]
«Les Irreals Versions» traz-nos regravações de alguns temas já publicados, bastante diferentes não só a nível instrumental mas também a nível da voz, e de alguns arranjos que, claro, tiveram de ser ajustados para melhor assentar. Estas novas versões exploram um lado mais ambiental dos Foscor: a composição é delicada e leve, com um travo melancólico proporcionado por alguns arranjos de piano que, em

METAL MORTO

Não há como negar que o death metal está a atravessar novamente uma óptima fase. Muito à semelhança de quase todos os outros subgéneros da música extrema, o estilo atingiu um pico, assistiu ao inevitável decair da qualidade à força de tantos *clones* e, finalmente, renasceu. Os últimos anos têm sido profícuos no que ao amadurecimento de toda uma nova geração apostada em revitalizar o género diz respeito e, seja através da abordagem mais obscura ou mais declaradamente *old school*, mais ou menos lenta ou rápida, o que não falta são excelentes propostas que nos fazem acreditar realmente num movimento renovado. Não que as regras básicas tenham mudado, mas parece que já ninguém parece estar unicamente interessado em ser o mais técnico, imperceptível ou brutal possível – e isso dá, sem dúvida, origem a música bastante mais interessante. Formados há apenas cinco anos, os **OUTER HEAVEN** fazem parte desta vaga de sangue novo, mas tiveram tempo mais que suficiente para amadurecer a sua abordagem. Se no EP «Diabolus Vobiscum» ainda deixavam mostrar indícios de um passado sludge/doom, no álbum de estreia o grupo de Douglassville – que conta com um ex-Rivers Of Nihil – transforma-se no proverbial monstro de guturalidade bruta, como se os Autopsy tivessem subitamente começado a "levantar ferro", ganho uns músculos e desenvolvido uma fixação com os Hatebreed. *Blasts* impiedosos, os ganchos em todos os sítios certos, um balanço demolidor e *breakdowns* arrasadores transformam **«Realms Of Eternal Decay»** [Relapse] num portento de death sem merdas. **[7]** Com os níveis de brutalidade lá em cima, mas um pendor mais ritualista, os suecos **VANHELGD** são liderados por Mattias Frisk e andam há mais de uma década a chafurdar na pocilga do OSDM, sendo que assinaram um dos discos mais injustamente ignorados de 2016 com **«Temple Of Phobos»**. O que temos aqui é a continuação lógica desse trabalho: death metal negro como breu, mas que, apesar da guturalidade, não descarta o ocasional *lead* melódico, como em «A Plea For Divine Necromancy», «Profaned Is The Blood Of The Covenant» ou «The Ashes Of Our Defeat», que não soaria deslocado num híbrido death/doom dos anos 90. Quem gosta de brutalidade cheia de atmosfera obscura mas com a dose certa de melodia, não deve deixar que «Deimos Sanktuarium» [Pulverised] lhe passe ao lado. **[7.5]** Quando se fala de música bruta, há poucas coisas mais satisfatórias que aquele "serrote" característico do death metal feito como mandam as regras estabelecidas na Suécia no início dos 90s. E se, por um lado, é sabido que o uso de um pedal Boss HM-2 não é necessariamente sinónimo de música competente, por outro não há como negar o apelo de um som familiar mas que continua a reter o seu impacto pestilento. Adoptando um nome como **CRAWL** não se poderia esperar outra coisa de **«Rituals»** [Transcending Obscurity] que não fosse uma sentida homenagem aos Nihilist, Carnage e Entombed. Pois bem, é isso – death metal com o barómetro do punk no vermelho – que este trio de Estocolmo serve com uma garra e uma mestria exemplares ao longo dos nove temas que perfazem o sucessor do bem recebido EP «Worship Death», editado há três anos. Sem truques ou segredos, temas como «The Stench» ou «Sentenced To Rot» são altamente recomendados a quem tem saudades do *boom* underground da recta final do séc. XX e aos apreciadores de nomes mais recentes como Trap Them, Mammoth Grinder ou Bombs Of Hades. **[8]** J.M.R.

LUÍS RATTUS

Numa co-produção entre a Crowd Control Media e a Comandante Records, os americanos **DOGS IN THE FIGHT** chegam ao seu segundo álbum com este «Ever Forward», que vê a luz do dia tanto no formato CD como vinil. Formados em 2015 das cinzas dos New Iron Front, alinharam com o vocalista Wayne Williams que trouxe a sua voz áspera e rude numa mais-valia para o colectivo punk/oi! que entretanto começou a trabalhar em estúdio com Jesse O´Donnell e Matt Henson dos Noi!-se. Onze novos temas de uma banda em grande forma, a fazer lembrar os anos dourados dos Discipline pela forma como misturam o hardcore e o streetpunk no seu som e em grande parte à voz de Wayne.

Também pelo selo brasileiro Comandante Records sai o EP «Police State» dos **STEP 13**, novamente em ambos os formatos, neste caso CD e 7". Com um *line up* cheio de história no punk rock americano, incluindo ex-membros dos míticos The Bruisers, o som dos Step 13 assenta em riffs sólidos, com uma voz a crepitar ódio. Quatro músicas que nos falam da vida real nas ruas de Boston, dos problemas que atingem os membros como balas e transformam este EP num registo de raiva e sobrevivência em forma de streetpunk.

Da união entre as duas bandas acima referidas, nasceu a ideia através da Comandante Records de um *split*. Celebrando o 20.º aniversário do álbum clássico dos The Bruisers «Molotov», o *split* entre **STEP 13/ DOGS IN THE FIGHT** presta homenagem à mítica banda de Boston, tendo cada grupo neste 7" apresentado um tema original e uma *cover* de The Bruisers.

A **ARMADA** está de partida para conquistar o mundo! Depois do *single* de estreia, do qual falámos nesta coluna, aí está o primeiro longa-duração «Bandeira Negra», numa parceria Hearts Bleed Blue e Pirate Press Records. Das cinzas dos Blind Pigs, no coração de São Paulo, renasceram estes piratas que fazem do punk rock a sua bandeira. Com participações de luxo, incluindo a da lenda folk Sérgio Reis no tema «Próxima Estação», o grupo junta o melhor do punk 77 e bandas como Stiff Little Fingers, com o punk´n´roll americano dos Social Distortion ou o folk de Johnny Cash. Não falta um tema com o título «Lisboa» entre os dezassete do álbum. Letras fortes, introspectivas e de esperança que dão voz a um punk rock de combate. Definitivamente uma banda a não perder.

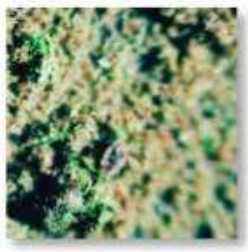
Já foram visados neste canto e feita justiça ao álbum em questão, mas não podia passar em claro a reedição, agora em vinil, do álbum «Pela Glória Das Ruas» dos paulistas **SINDICATO OI!**. Com co-edição da KB Records e Soul Food, o LP serviu de apoio à volta dos brasileiros à Europa, que incluiu uma passagem pelo festival Rebellion. O som já se sabe: puro oi! e streetpunk com influências britânicas dos clássicos dos 80 como 4 Skins ou Last Resort.

perfeita junção com o *fast picking* das guitarras, mais baixas na mistura, criam uma espécie de base para os restantes instrumentos. A voz de Fiar auxilia ao resto da atmosfera que quase faz lembrar «Les Voyages De L'âme» dos Alcest, mantendo-se dentro de uma vertente um pouco mais sombria. Em todas as faixas a instrumentalização pôs de parte a distorção e a agressividade, mantendo a composição mais limpa e dramática. Tendo «Les Irreals Visions» como ponto de comparação, estas versões mais ambientais em pouco perdem em comparação com as suas irmãs – a alma renovada dessas composições consegue até ser favorável em «L.amor.t», última faixa do álbum, cujo "solo" no fim da faixa a fortaleceu em comparação com a versão de 2014. [6.5] M.L.

GRAVE DIGGER

«The Living Dead»
[Napalm]
Não é qualquer banda que, em 38 anos de carreira, se pode gabar de ter no currículo dezoito álbuns de estúdio editados. E mais notável é se considerarmos que, entre 1986 e 1991, Chris Boltendahl experimentou outros projectos (Digger e Hawaii). «The Living Dead» é mais uma descarga de heavy metal teutónico com o peso da guitarra de Axel Ritt a fazer sentir-se ao longo dos seus onze temas (se contarmos com o tema bónus «Glory Or Grave»). Boltendahl mantém a sua voz característica que torna qualquer tema facilmente identificável como Grave Digger, embora os coros neste disco estejam mais predominantes o que, pessoalmente, é um ponto positivo. O tema de abertura «Fear Of The Living Dead» é, instrumentalmente, uma grande malha, bem secundado por músicas como «When Death Passes By», «Shadow Of The Warrior», «Hymn Of The Dead» ou a mais roqueira «Fist In Your Face». Nota final para a parceria musical com os Russkaja na divertida «Zombie Dance». [7] C.G.

GREENGO



«Dabstep»
[Ragingplanet]
Este duo, composto por baixo e bateria, é uma das revelações nacionais para 2018. Com um sludge que resulta mais sujo ao vivo que na presente gravação, o par de músicos lança aqui seis temas de duração média, entrecortados com alguns samples de filmes, que revelam um certo humor corrosivo. O arranque faz-se com «Heavyman», talvez um dos temas mais orelhudos, capaz de colocar qualquer um a mover-se ao seu ritmo tão cadenciado quanto viciante. Segue-se a rápida «Big Bikes», com claras influências de Hawkwind e completamente diferente da faixa anterior, naquela que é uma das características dos Greengo, a versatilidade sonora, mais complexa de conseguir, tendo em conta que apenas temos dois músicos na execução. «Inhale» podia ser uma faixa dos Electric Wizard, naquela veia mais Sabbath, assim como o título do instrumental seguinte bebe das mesmas influências: «Youforyourself Satanforall». Martelo e Chaka, os responsáveis por tudo isto, conseguem ter aqui uma estreia auspiciosa, resta esperar que saibam crescer. [8] E.F.

HANGMAN'S CHAIR

«Banlieue Triste»
[Spinefarm]
Para quem não conhece os Hangman's Chair se poder situar, talvez ajude saber que o álbum anterior se chama «This Is Not Supposed To Be Positive» e este novo «Banlieue Triste», ou seja, subúrbio triste. Este quarteto francês, impregnado de melancolia até à medula, mistura doom atmosférico com post punk e rock alternativo, com nuances industriais e hipnotizantes sintetizadores, podendo lembrar tanto uns Alice In Chains como uns Sinistro ou uns The Cult, entra por caminhos bem mais pesados e obscuros. A expressiva voz de Cédric Toufouti, sempre em registo (bem) cantado, é capaz de transmitir emoção em cada harmonia, em cada entoação carregada de desespero. Umas vezes lembra a Mina Caputo, dos Life Of Agony, outras, como no refrão da maravilhosa «Naive», o Greg Puciato dos The Dillinger Escape Plan, mas na maior parte do tempo soa só a algo incrivelmente único. A instrumentação é tão camaleónica como a voz, sempre dentro da paleta de tons neutros que os Hangman's Chair tão bem definiram para a sua sonoridade. Os onze minutos de «Touch The Razor» são elucidativos sobre as capacidades da banda gaulesa, que num mesmo tema, consegue soar orelhuda, profunda, melódica e imprevisível, sem nunca perder a noção de canção. Quem diria que três quartos desta formação toca ou já tocou nos tão diferentes Arkangel? «Banlieue Triste» flui de forma tão bela como sublime, funcionando na perfeição como um todo, embora com capítulos bem vincados. É chuva na rua e inverno na alma. É penumbra e decadência. É pura desolação. Literalmente, de ir às lágrimas. [8.5] J.A.R.

HATE ETERNAL

«Upon Desolate Sands»
[Season Of Mist]
Aqui falamos da primeira liga do death metal técnico, com Erik Rutan a afirmar-se, há uns anos a esta parte, como uma das principais figuras a hastearem a bandeira do "som da Florida". Geralmente, de três em três anos, está cá fora um álbum novo. «Upon Desolate Sands» é o sétimo, reafirmando o som de marca dos Hate Eternal, mas com um incremento de respeito – Hannes Grossmann. O baterista alemão, que já foi a base rítmica dos Necrophagist e Obscura – e, hoje, está também nos Triptykon – vem aumentar a fasquia de brutalidade dinâmica nos Hate Eternal, sendo que Rutan é, ainda assim, *meia banda* por si só. O vocalista/guitarrista prima pelos riffs viscerais e chega a arrancar um solo, aqui e ali. O norte-americano é também um profícuo produtor mas, se algum "problema" há a apontar a estes 40 minutos de violenta sapiência, é justamente no campo do som final, algo "misturado". Uma mão cheia de riffs *à la* Morbid Angel e mais uma fantástica capa de Eliran Kantor – como se diante dos nossos olhos estivesse um óleo renascentista – são *apenas* extras para mais um trabalho de pura classe. [8] N.S.

HEADS FOR THE DEAD

«Serpent's Curse»
[Transcending Obscurity]
É impossível negar o impacto que o death metal sueco teve no metal, sejam os Entombed, os Grave ou os Dismember, qualquer uma destas bandas e outras conterrâneas deixaram uma marca na história que até hoje continua bem vincada. No caso dos Head For The Dead, Jonny Petterson dos Wombbath encarregou-se de toda a instrumentalização e produção do álbum deixando a voz e as letras para Ralf Hauber. «Serpent's Curse» inicia o álbum num tom mais ritualístico, uma atmosfera pesada que

progressivamente cresce até aos riffs rápidos e sufocantes rematados por secções mais melódicas onde a voz oscila entre berraria pujante e gritos incisivos. *Revenge of the 90s* à parte, para além de solos e ***leads*** bem conseguidos – melodias sombrias mas sem caírem num patamar um pouco mais *cheesy* – é de destacar outros elementos na produção, desde os coros no *background*, por exemplo em «Post Mortem Suffering», e os teclados dignos de bandas-sonoras de filmes de terror clássicos. Aliás, desde as letras à própria capa há uma inclinação temática para o ocultismo e para o terror. O álbum encerra com uma versão dos Wolfbastard, «In Darkness I Feel No Regrets» que confirma a presença de um toque crust aqui e ali. [6.5] M.L.

HOLOCAUSTO EM CHAMAS

«שֵׁד֙ קֹ֣ה וְשֹׁ֔ל»

[Harvest Of Death/Signal Rex]

Após uma *demo* e um *split*, «שֵׁד֙ קֹ֣ה וְשֹׁ֔ל» acrescenta mais um capítulo à doença que tem assolado o underground português. O silêncio do início de «Coroado Em Espinhos» é repentinamente cortado pela bateria, simples mas vigorosa, que irrompe juntamente com riffs e gritos estonteantes. Do silêncio absoluto do instrumental, mantêm-se apenas os gritos que dão lugar a melodias fúnebres e a lentidão do primeiro tema é rapidamente substituída pelo *tremolo picking* e *blasts* em «Pregador», algo que se repete durante mais ou menos todo o álbum – a atmosfera, ancorada numa sonoridade ritualística e obscura ostenta a veia primitiva do duo. «שֵׁד֙ קֹ֣ה וְשֹׁ֔ל» maximiza o que foi feito no anterior «Sermões Da Montanha» e no *split* com os islandeses Óreiða, conseguindo mais uma vez exibir a malicia e a crueldade desses lançamentos agora num longa-duração. É black metal duro e cru, despido de pretensiosismos e bem assente no legado deixado nos anos 90. [6.5] M.L.

HORRENDOUS

«Idol»

[Season Of Mist]

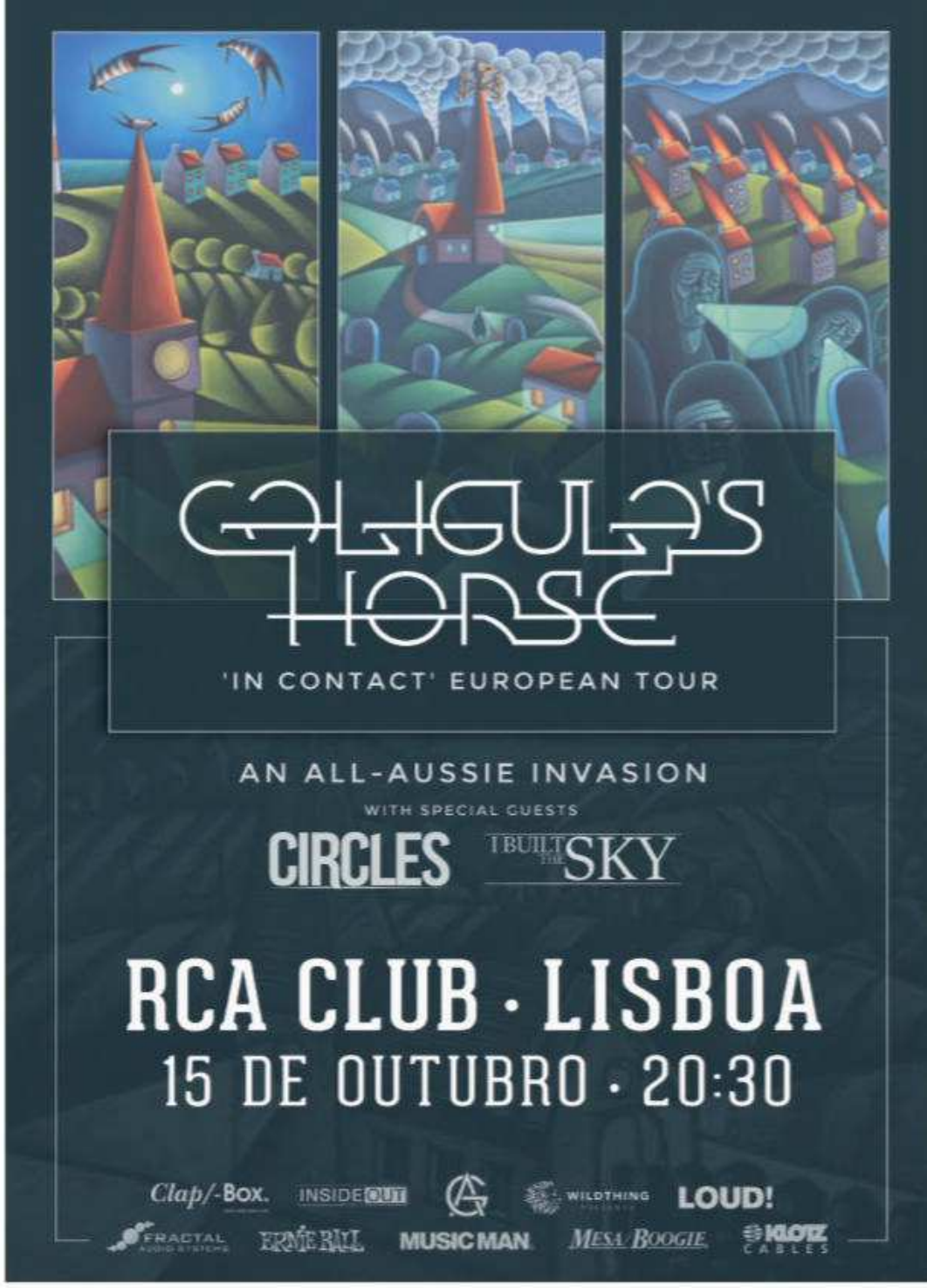
Os Horrendous não deverão ser propriamente estranhos aos mais atentos ao que se vai passando no submundo do metal norte-americano, muito por culpa de «Ecdysis» e «Anareta», os dois excelentes álbuns editados através da Dark Descent em 2014 e 2015, respectivamente. Os mesmos não passaram igualmente indiferentes à Season Of Mist, que se apressou a puxar a jovem banda da Carolina do Sul para o seu catálogo e a colocar nas ruas «Idol», o seu quarto longa-duração. O fascínio pelo death metal *old school* de várias latitudes e correntes mantém-se vivo e cada vez mais refinado, assim como um fascinante sentido progressivo que confere às oito faixas que aqui apresentam um *boost* de dinamismo e envolvência. De entre as várias referências que podíamos citar, será unânime referir aquela que nos parece mais óbvia, quer quando tornam a coisa mais intricada – «The Idolater» ou «Devotion (Blood For Ink)» –, quer quando exploram o lado mais primitivo do death metal – «Soothsayer» ou «Golgothan Tongues». Falamos obviamente do legado Death, quer bebendo inspiração a discos como «Scream Bloody Gore» ou «Leprosy», quer à abordagem mais progressiva de «Individual Thought Patterns» ou «Symbolic». E depois temos um monstro chamado «Obolus» que, ao longo dos seus quase nove minutos, dispara de forma tão inteligente quanto efectiva em várias direcções e encerra «Idol» da forma agonizante que se espera de um excelente disco de death metal. [8] R.A.

LIZZIES

«On Thin Ice»

[The Sign]

Já andam por aí há muito tempo, já tocaram em Portugal, e o seu disco de estreia de 2016 até entrou para o *top* de vendas do país vizinho, mas as madrilenas Lizzies dão a sensação de estar agora finalmente a chegar ao seu verdadeiro potencial com este segundo álbum. Afastando-se um pouco de influências mais específicas, não só a mais óbvia no nome da banda, mas todas aquelas que eram fáceis de apontar nas malhinhas (já de si bem construídas, diga-se) de «Good Luck», não deixaram de ser uma banda directamente descendente do hard rock mais clássico dos anos 70 e 80, mas dentro de um conjunto restrito de parâmetros, sabem melhor fazer a sua cena sem a coisa soar a banda de tributo. É nesse espírito que malhões como «No Law City» (cujo videoclip engloba bem a forte mensagem de respeito, *empowerment* e feminismo que transmitem pelo disco fora) ou «Talk Shit And Get Hit», de longe as melhores do disco, carregam o espírito do rock genuíno e fazem prever um crescimento de popularidade grande para o quarteto espanhol nos próximos tempos. De realçar a evolução da vocalista Elena, a confirmação de Patricia como uma grande guitarrista, e a forma tranquila como o novo baterista Dani foi incorporado no grupo. [7] J.C.S.



MORTE INCANDESCENTE

«Somos O Fogo Do Teu Inferno»

[War Arts]

A segunda década dos Morte Incandescente é um caso curioso, já que desde «... Relembrando Um Túmulo Esquecido», editado em 2010, o duo tem-se destacado sobretudo nos lançamentos curtos, casos dos dois *splits* e do EP «To Praise The One Of The Black Wings». A nova *demo*, «Somos O Fogo Do Teu Inferno», assente numa estética deliciosamente lo-fi, é porventura do mais minimalista que já soaram. As quatro malhas dividem-se em duas abordagens: «Abandonado» e «Canção Do Caixão» são directas, mais rápidas e dão primazia ao tipo de riffs mais familiares na carreira do duo, ao passo que os outros dois temas são mais longos, resvalam frequentemente em andamentos lentos e guitarradas cruas, cujo efeito remete para uma atmosfera de decadente irrealidade, campo em que temos de destacar a «Poema Em Branco». É que se se pode dizer que uma canção cheira a podre (um elogio, naturalmente), esta é sem dúvida uma delas, com decadentes andamentos e um peculiar equilíbrio entre melodias, dissonâncias e desesperantes uivos. [8] L.P.

OUTRE

«Hollow Earth»

[Debemur Morti]

Com este segundo longa-duração, os polacos Outre continuam um percurso que até agora se restringe à sombra dos Deathspell Omega. Os franceses, apesar de nome incontornável na vertente mais técnica e dissonante do black metal moderno, têm tido uma carreira algo inconsistente em termos de inspiração, nunca tendo atingido o génio de «Kênose» nos longa-duração, mas mesmo nos momentos de menor inspiração denotam uma capacidade notável para criar atmosferas tenebrosas e passagens desafiantes. O mesmo não se pode dizer da miríade de seguidores que têm aparecido, para quem parece que os malabarismos técnicos são um fim em si mesmo e não um meio conducente a expressão artística. «Hollow Earth» é capaz de satisfazer quem se encontrar sedento de uma descontextualizada torrente de riffs dentro deste paradigma, soando no entanto formatado e *gimmicky*, algo a que a temática meio pateta não ajuda – não que a habitual verborreia oculta do género seja a coisa mais interessante do mundo, mas há uma diferença entre esoterismo impenetrável e uma teoria da conspiração ao nível da terra plana. [5] L.P.

PLEDGE
«Resilience»
[Edição de Autor]

São quatro, Sofia, voz, Hugo Martins, guitarra, Vítor Vaz, baixo e Filipe Romariz na bateria. Definem-se como post hardcore/indie, e trazem tanta melodia na guitarra, ode onde desabrocha o gutural de Sofia. A ira da sua voz cavalga as ondas sonoras e traz uma dimensão mais extrema ao som do colectivo. Isso percebe-se claramente no videoclip deste EP, «The Peter, The Wolf» tema que encerra o disco. Apesar de serem uma novidade, todos os integrantes já possuem vasto cadastro musical, por isso aqui sabem bem que caminhos percorrem e onde querem ir. Talvez por isso não tenham receio de abrir o disco com a garganta escancarada de Sofia, só depois permitindo perceber o jogo do ritmo e a guitarra pululante que caracteriza «Profer Lumen Caecis», tema que podia melhorar, se mais curto. «The Great Inbetweeness» já lá tem o gancho de guitarra para nos prender entre narrativas e malabarismos de ritmo, a que se segue «Doom & Redemption», melhor tema de um disco que tem de ser tocado bem alto. [7.5] E.F.

PRIMAL FEAR
«Apocalypse»
[Frontiers]

Há vinte anos que os Primal Fear nos presenteiam com o seu característico power metal teutónico, sempre com uma qualidade acima da média. Com uma formação que reúne alguma da fina flor do metal germânico (Ralf Scheepers, Matt Sinner, Alex Beyrodt e Tom Naumann), o toque nórdico do guitarrista sueco Magnus Karlsson e a batida do italiano Francesco Jovino, este «Apocalypse» não foge a essa regra. É difícil não nos encantarmos com malhas como «Blood, Sweat & Fear», «King Of Madness», «Hounds Of Justice», «Cannonball» ou o longo «Eye Of The Storm». Os Primal Fear têm sido capazes de ir além da sonoridade monolítica em que facilmente poderiam cair, introduzindo pinceladas musicais que trazem diferentes cores à sua tela, baseada no power metal ao estilo germânico. [8] C.G.

STREET SECTS
«The Kicking Mule»
[The Flenser]

Serão um dos segredos mais bem guardados do lado mais mutante da música industrial, em particular naquela vertente capaz de cruzar texturas, ritmos e ambientes de géneros tão abrasivos como o power electronics ou o noise, com a atitude confrontacional do punk e de todo o lixo suburbano que anda ali à volta. Throbbing Gristle, Ministry, Death Grips, David Bowie, qualquer coisa assim mas ainda mais miserável e desesperada. Suja. Uma imagem interior: um ataque de pânico atravessado com a memória do pior dia da nossa vida, repetido para sempre, todos os dias, num atropelo soluçante e furioso, pejado de ódio e aversão. O segundo longa-duração do duo oriundo de Austin, Texas é um disco tremendo: música escura e obsessiva, com temas sobre a vida na sarjeta – se no anterior «End Position» a voz de Leo Ashline berrava sobre as suas experiências da vida no fim da linha, aqui o cenário tem a mesma ligeireza que uma consciência pesada. Há uma ligação mais assumida com o formato canção, com os sintetizadores e restante arsenal de Shaun Ringsmuth a comporem uma paisagem sonora absolutamente condizente com o universo lírico daquele que é um dos álbuns mais desgraçados (e difíceis) do ano. [8.5] J.R.

SOULFLY

«Ritual»

[Nuclear Blast]

Foi num ápice que os Soulfy chegaram a este 11.º álbum, sinal da proficiência de Max Cavalera, com o que isso acarreta de bom e de mau. «Ritual» revisita um pouco de tudo o que fizeram nos últimos vinte anos, mas também revela uma mão cheia de surpresas. Variedade não falta, pese embora as recorrentes sensações de *déjà vu*, com alguns riffs muito Cavalera-*style*, claramente reciclados de discos e bandas anteriores do músico brasileiro. A verdade é que funciona. O tema-título evoca o registo mais tribal do início de carreira, registo que surge a espaços noutras canções, porém este é um disco que tende a seguir direções mais extremas, como acontece em «Dead Behind The Eyes», com Randy Blythe dos Lamb of God a ajudar na berraria, ou na excelente «Under Rapture», onde o improvável Ross Dolan, dos Immolation, encaixa que nem uma luva. «The Summoning» é um dos tais casos em que o óbvio se mistura com o inesperado: refrão forte, riffs que tanto fazem lembram os actuais Sepultura, como remetem para um «Chaos A.D.» e um inesperado *twist* eletrónico/industrial na parte final. Já «Feedback» só pode ser um declarado tributo aos Motörhead. Num disco transversal e que toca extremos, tanto nas ambiências como na cadência, Max e companhia vão do *groove* adolescente dos primórdios da banda ao thrash/death metal, passando pelo punk, e ainda têm tempo para inovar, como se ouve em «Demonized», onde Marc Rizzo parece encarnar Tom Morello. O acréscimo de harmonias é notório, tal como a melhoria significativa do baterista Zyon Cavalera, em relação aos dois discos anteriores. Tudo somado, este «Ritual» fica no pódio dos melhores discos da carreira dos Soulfly. [8] J.A.R.

SUMAC
«Love In Shadow»
[Thrill Jockey]

Tirando os Old Man Gloom, que são um mundo um bocado à parte, esta barulheira toda que o Aaron Turner tem andado a fazer pós-Isis com os SUMAC e os Split Cranium e outros que tais é interessante, sempre com gente talentosa envolvida, já produziu discos de que gostámos na altura, mas… parece sempre que falta qualquer coisa. Não tem nada a ver com comparações com os Isis nem nenhuma parvoíce desse género, porque sinceramente, *apples and oranges*, mas olhando para a globalidade das obras, sem lhes retirar o mérito, fica um bocadinho a sensação de ser tudo um bocado forçado, brutidade ruidosa porque sim. Ora, e sem esquecer que aqui se faz acompanhar de dois músicos de absoluta excepção como são Brian Cook (Russian Circles) e Nick Yacyshyn (Baptists), «Love In Shadow» é de longe a melhor coisa que o Turner já fez desde que os Isis terminaram, e tirando os Greymachine e os melhores momentos dos Old Man Gloom, o disco mais bem conseguido de toda a sua carreira extra-Isis. Menos metódicos, menos formatados do que nos trabalhos anteriores dos SUMAC, é como se a colaboração com o Keiji Haino editada no início do ano lhes tivesse soltado alguma coisa na cabeça. «Love In Shadow» tem "só" quatro temas, de 21, 15, 12 e 16 minutos respectivamente, e em cada um há ideias delirantemente criativas suficientes para bandas menores fazerem dois ou três discos. Sem nunca parecer um exercício masturbatório, são ideias que mantêm sempre a dinâmica dos temas, seja em momentos de destruição sonora abrasiva e metálica, seja em passagens ambientais desconfortáveis ou, incrivelmente, em secções de pura improvisação freejazz-*gone wrong*, que demonstram bem o nível alucinante dos músicos envolvidos. Isto tudo sem, repetimos, a coisa descambar para o "olha como eu toco bem", bem pelo contrário, sempre no registo do "olha como eu rebento bem com os teus neurónios". Notável. [9] J.C.S.

SVARTKONST
«Devil's Blood»
[TNO Recordings]

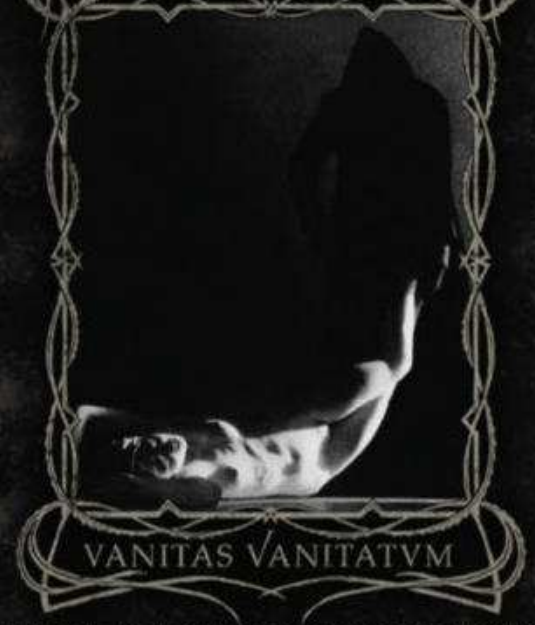
À semelhança dos lançamentos anteriores, ainda sob o nome de Warg, Rickard Törngvist mantém-se sozi-

FARSOT
—
COLDWORLD
toteninsel

Two of Germany's most distinctive black metal acts join forces for a conceptual EP on Böcklin's eponymous painting!

Available as Digisleeve MCD and MLP (black and ltd. gold).

helrunar



AVAILABLE AS DIGIPAK CD, GATEFOLD 2LP (180G, BLACK AND LTD. WHITE VINYL), 2CD BOX SET (INCL. 3-TRACK BONUS CD, POSTER FLAG, PATCH AND MORE).

ALSO AVAILABLE:
"MM.I - MM.XI
VIER WEGE EINES WINTERS"
9LP BOX SET FEAT. ALL ALBUM UP TO AND INCLUDING "SOL" ON VINYL FOR THE FIRST TIME, PLUS EMBOSSMENTS, 60-PAGE HARDCOVER-BOOK AND 4 ART PRINTS!

A FOREST of STARS

Grave Mounds
— and —
Grave Mistakes

Available as Digisleeve CD, gatefold 2LP (180g, black and ltd. clear vinyl, incl. etching and poster), 2CD box set (handcrafted by A Forest Of Stars! Incl. 2-track bonus CD and more).

Also available: ltd. LP reissues of "A Shadowplay For Yesterdays" (yellow vinyl) and "Beware The Sword You Cannot See" (red vinyl)!

EMPYRIUM – *"Songs Of Moors And Misty Fields"* (2CD BOOK EDITION; LTD. 700)
Deluxe reissue of Empyrium's classic album with enhanced artwork and bonus CD with audio commentary by Schwadorf. Also available: ltd. Gatefold LP (gold vinyl)!

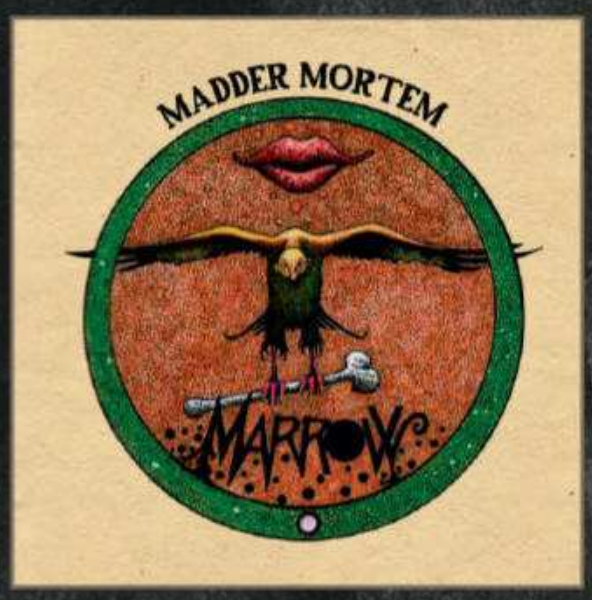
NOEKK – *"Carol Stones And Elder Rock"* (7" SINGLE)
Four new and exclusive tracks of pastoral prog from the duo behind Empyrium! Limited edition of 500 copies.

prophecy
www.prophecy.de

SHOP AT
US.PROPHECY.DE

/PROPHECYPRODUCTIONS /PROPHECYPRO

Lupus Lounge



MADDER MORTEM
Marrow

The seventh album from Madder Mortem - one of Norway's most unique metal bands. Their most doomy album to date, "Marrow" is a perfect album for those thunderous autumn storms.

Out 21.09! - CD / LP

KRAKOW
minus

The 4th release from Krakow is an album that defies any attempts at genre definition and covers the heavy, the subtle, the melodic, the atonal, the groovy, the sluggish, the dense, the airy, the naked, and always, always, that wall of sound where no light can escape. For fans of Motorpsycho, Enslaved, Ulver, Hawkwind.

Out 31.08! - CD / LP

AETERNUS
Heathen

Legendary dark metal band Aeternus are celebrating their 25th anniversary with their 8th album, "Heathen". Now their back as a trio, and sound darker than ever!

Out 12.10! - CD / LP

dark ESSENCE
WWW.DARKESSENCERECORDS.NO

iTunes Spotify

DISTRIBUTED BY:
MASTERTRAX

nho em todo o processo de composição, gravação e masterização do álbum. Fortemente influenciado pelo death metal sueco, tanto na bateria (forte referência aos Entombed, em especial nos *fills*) como entre melodias, mas é na voz que encontramos o pináculo do álbum, destacando-se esta particularmente do instrumental. Profunda e extenuante, disfarça a melodia servindo como um ponto de equilíbrio, mantendo a atmosfera obscura, e surge como um elo entre tradicionalismos e modernices, um pouco como muitas das bandas mais contemporâneas têm procurado fazer. Mesmo estando perante um álbum de black metal, ainda que numa aproximação claramente mais contemporânea, a composição mantém-se simples, poucos riffs, poucas variações, alternando sempre numa espécie de "vai-e-vem": por exemplo, em «I Am Nothing» temos uma estrutura quase à Black Sabbath, praticamente todo o tema a girar à volta do mesmo riff, mantendo, lá está, o destaque para a voz. [6.5] M.L.

TERROR
«Total Retaliation»
[Nuclear Blast]

Se calhar alguns dos nossos leitores ainda se recordam de quando os Terror eram uma banda nova, que entrou de rompante na cena hardcore no início do milénio e deixou um rasto de devastação por onde passou. O seu primeiro longa-duração, «One With The Underdogs» tornou-se num clássico do género e, entretanto, já vão no sétimo álbum e mais de uma dezena de outros lançamentos. Se há diferenças substanciais entre álbuns, a resposta é claramente não. As mudanças e variações são subtis e passam despercebidas ao ouvido menos familiarizado com o género, mas dentro do reduzido leque de recursos, os Terror continuam a escrever grandes canções. «Total Retaliation», e o título não será inocente, traz mais bílis e nota-se maior foco e variedade rítmica. A abertura com «This World Never Wanted Me» é bem reveladora disso, e a toada negra de temas como «Resistant To The Changes», que encerra o disco, sintetiza bem o manifesto que é «Total Retaliation». [7.5] R.S.A.

UNIFORM
«The Long Walk»
[Sacred Bones]

Se o facto de, no ano passado, os Uniform se terem unido aos The Body para criarem «Mental Wounds Not Healing» não fosse, por si só, uma sobeja indicação que a banda submerge num lodo de desespero, não se preocupem, têm agora a prova cabal com «The Long Walk» em como estamos perante um disco que é do mais corrosivo que vão ouvir este ano. Basta ouvir a primeira «The Walk», um assalto fustigador tão orelhudo quanto é possível para uma sonoridade que chafurda no noise rock bem lo-fi, para perceber que este até então duo – Michael Berdan na voz e Ben Greenberg nos instrumentos – agora tornado trio, com a inclusão do baterista Greg Fox, navega num mundo que tem tanto de post industrial barulhento, que colide e perfura incisivo e repetitivamente ao jeito dum martelo pneumático, como de cyber punk viciante, com uma voz radiofónica e estridente a gritar-nos narrativas distópicas que não queremos assimilar somente para não cairmos no desconforto da eventual realidade, sobre riffs que quase roçam o limiar do despertar de alguma esperança de tão pujantes que são. É realmente uma longa caminhada, dura tanto física como psicologicamente, como o dita a obra «The Long Walk» (1979) de Stephen King (pelo pseudónimo Richard Bachman), mas quem não precisa de um pouco de desolação pelas melhores razões? [8] P.C.S.

URIAH HEEP
«Living The Dream»
[Frontiers]

O termo dinossauro aplica-se correctamente ao grupo de Mick Box que completa 50 anos de existência no próximo ano. «Living The Dream» é o 25.º disco de estúdio dos autores de «Easy Livin'», e segue aquela fórmula já habitual em grupos do estilo, com dois ou três temas fortes, os restantes dentro da linha que os estabeleceu, e nada de mexer muito, a ***tour*** vem aí e não se quer afastar fãs. Como noutras bandas, o ideal para principiantes é sempre abordar discos mais antigos, mas no caso deste «Living The Dream», ir pelo mais recente até pode ser uma boa forma de começar a conhecer a obra de Uriah Heep. Basta escutar o solo de «Rocks In The Road» e percebe-se a qualidade técnica de Mick Box, um ***guitar hero*** algo esquecido. «Living The Dream» revela-se um perfeito catálogo de fórmulas gastas mas ainda eficazes, algo como *comfort food* para o espírito, e um disco bem melhor do que o esperado. [7] E.F.

WINDHAND
«Eternal Return»
[Relapse]

Menos pode mesmo ser mais, e os Windhand comprovam essa teoria com este «Eternal Return», um disco em que cada canção é composta em torno de dois ou três riffs quase sempre simples, mas de uma eficácia tremenda. Junte-se a isto a voz sublime de Dorthia Cottrell, que além de boa cantora é também uma excelente compositora de melodias vocais, e guitarras cheias de efeitos, capazes de criar uma vertigem psicadélica hipnotizante, e está encontrada a receita para o sucesso. A primeira metade deste terceiro longa-duração da banda de Richmond é do mais orelhudo que se fez no doom metal nos últimos anos, uma espécie de versão mais arrastada e pantanosa dos Alice In Chains, com refrães igualmente fortes. O tema de abertura, «Halcyon», condensa em oito minutos todas as suas virtudes e demonstra que, embora mais acessíveis, os Windhand continuam a ser tão densos e pesadões como sempre foram. Já a soturnidade serena de «Pilgrim's Rest» revela o lado mais melódico e delicado da banda norte-americana, faceta que ganha ainda mais relevo em «Feather», tema final, onde colidem ambos os universos. Mais disto, por favor. [8.5] J.A.R.

VOIVOD

«The Wake»

[Century Media]

Há uns anos os Voivod lançaram um disco chamado «Katorz»... mas este é que é o 14.º longa-duração dos "cosmonautas" canadianos. «The Wake» expõe a banda numa fase nitidamente progressiva, não tanto *thrashy*, *noisy* ou experimental, se bem que todos esses elementos sejam intrínsecos ao que Away e Snake fazem neste singular grupo. O baterista e o vocalista são agora os únicos resistentes da formação original, uma vez que o fundador Blacky saiu após o anterior trabalho, «Target Earth». Dominic "Rocky" Laroche é o novo baixista dos Voivod, acompanhado nas cordas por Daniel "Chewy" Mongrain, guitarrista que parece estar cada vez mais ao comando da composição do quarteto, a seguir as pegadas de Piggy. A maioria destes oito temas são guiados pela guitarra, seja pelo *picking* cavalgante ou pelas harmonias, sendo que essa componente melódica também se acentua pela forma como Snake canta. E não só. Há um quarteto de cordas a ressoar com belo efeito em «Always Moving», um dos melhores temas do disco, e em «Iconspiracy» também sentimos esse sinistro aroma atmosférico, embora em compasso acelerado, música complementada por um hipnotizante solo de guitarra. «Obsolete Beings» foi, desde logo, um belo cartão de apresentação, lançado em *single*, em Julho, e esse nível é mantido em grande parte do disco (sinceramente, «Event Horizon» soa a *filler* e o fecho de doze minutos com «Sonic Mycelium» é, basicamente, um *medley* dos temas anteriores). Musicalmente abrangente, no que respeita ao conceito temos também a profundidade a que os Voivod já nos habituaram, desta vez com uma espécie de distopia (espelhada na capa, através de mais um *artwork* de Away) se os terráqueos não perceberem que não estão sozinhos. A salvação está no despertar para essa consciência – «The Wake». [7] N.S.

Tesourinho PERTINENTE

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES STEBBA ÓSK

ORDER FROM CHAOS

«Stillbirth Machine»

[Wild Rags Records, 1992]

Antes dos Angelcorpse, dos Revenge, dos Abhomine, dos Kerasphorus, dos Terror Organ e de todas as outras bandas e projectos em que o Pete Helmkamp se foi envolvendo ao longo das últimas duas décadas, havia Order From Chaos. A banda, cuja formação ficava completa com Chuck Keller na guitarra e Mike Miller na bateria, nasceu no final de 1987 e, entre 1988 e 1989, gravou três maquetas. A última, «Crushed Infamy», de Julho de 1989, vendeu 1.000 cópias e captou a atenção da Putrefaction Records, que editou o 7" EP «Will To Power» no ano seguinte. O primeiro álbum do trio seria lançado, seria lançado em 1993, à revelia, por divergências entre a bandas e as respectivas editoras, pela Wild Rags em CD e pela Decapitated Records em LP. Tricas à parte, a verdade é que os Order From Chaos e o «Stillbirth Machine» deviam ser nomes análogos ao death metal. Só que não. Percursor de muitas das propostas mais extremas que fazem actualmente furor na internet, o disco de estreia do trio de Kansas City nunca recebeu o reconhecimento que realmente merecia.

Numa altura em que o thrash se transformava em death e o black metal começava então a fervilhar, Pete Helmkamp e companhia apropriaram-se da brutalidade primitiva dos dois primeiros géneros e apimentaram-na com as atmosferas obscuras do terceiro, num híbrido de sujidade acutilante que não fazia prisioneiros. Apesar de podre e caótico – o crepitar das colunas reflecte claramente o trabalho de um daqueles engenheiros de som que ainda não estavam habituados a lidar com este tipo de "barulho" – o disco de estreia dos Order From Chaos permite decifrar tudo o que se passa, com cada pista vocal e instrumental a resultar como proverbiais pregos nas mãos de Cristo.

Pese alguma ideologia questionável, o baixista e vocalista mostra-se igual a si próprio. A quem já o ouviu em estúdio ou ao vivo, digamos que foi aqui que o músico – hoje com 48 anos, mas a mesma garra grotesca – encontrou a sua personalidade criativa, alavancada pelas quatro cordas mordazes e dominada por descargas de bílis irada que o fazem soar como se tivesse acabado de gargarejar com ácido de bateria. Aí o têm, igual a si próprio. Chuck Keller, por seu lado, apoia-se numa distorção com tom inspirado pelos Blasphemy, pioneiro de grande parte do que se faz hoje em termos de sujeira satânico-nuclear adornada por bodes e máscaras de gás a gosto. Com o ocasional solo estridente invocador dos espíritos King, Hanneman e Azagthoth a apimentar os temas, o guitarrista assina uma prestação alucinante. O baterista Mike Miller não se fica atrás, atacando o seu *kit* como um elefante numa loja de cristais que recria na perfeição a sensação de urgência caótica que caracterizou muitos dos discos do proto-black europeu.

Reza a lenda que, ao vivo, o trio protagonizava descargas de puro caos e desordem consentâneas com tudo o que representava. A sua carreira foi, no entanto, demasiado curta – gravaram o segundo álbum, «Dawn Bringer», em 1995 e separam-se, três anos depois, após o lançamento do terceiro longa-duração, «An Ending In Fire». Em 2010 reuniram-se para um concerto no festival Nuclear War Now! e o «Stillbirth Machine» continua, ainda hoje, a ser o pináculo do que foi o intenso, mas fugaz, percurso dos Order From Chaos. Não há nada a apontar a este álbum – muito pelo contrário, aliás. Os oito temas são memoráveis e foram muito bem escritos, detêm uma das atmosferas mais horripilantes alguma vez gravadas no death metal e uma musicalidade que, apesar de avançada para a época, nunca chega a ser demasiado *flashy*. Unindo a música e o conceito de uma forma letal, o «Stillbirth Machine» é daqueles discos que qualquer fã de música extrema devia ouvir nem que fosse só uma vez na vida. Uma dica: tentem encontrar a reedição de 1998, via Osmose e, aparentemente, a primeira sancionada pela própria banda. Inclui o EP de 1990 acoplado como bónus e, meus caros, amplifica em muito a dose de javardice.

DICO

«Emigrantes, Imigrantes – Experiências De Vida No Universo Metálico Português (1989 - 2018)» é o novo livro de DICO, ou Eduardo José Almeida, escritor que tem vindo a fazer um retrato do heavy metal nacional. O antigo baterista falou com a LOUD! para contar o seu percurso e o porquê desta obra.

EMANUEL FERREIRA

Já vais no terceiro livro sobre música. Onde se deu o ponto de viragem, fazendo-te largar a carreira de músico e abraçares a de escritor?
Foi engraçado, porque acaba por reflectir um pouco a junção de duas paixões que sempre tive, o metal e a escrita. Percebi muito tardiamente que gostava de escrever e podia produzir algo que interessasse às pessoas. Já na primária, a professora elogiava muito as minhas composições; mais tarde, andava sempre em casa com uma máquina de escrever e papel, bem como um dicionário, para escrever letras em inglês. Creio que a génese esteve aí, depois, já no início dos anos 90, ainda estava nos Dinosaur, e convidaram-me para escrever um texto sobre os Iron Maiden, a minha banda favorita, para uma fanzine, e foi a minha primeira experiência a esse nível. Até 1995 fui baterista, deixei de tocar nessa altura, porque era difícil conciliar a vida pessoal com a de músico, algo que hoje em dia é mais fácil, pois as pessoas entendem que é necessário ser mais profissional para concretizar um projecto mais sério. Fartei-me de remar contra a maré e ser o único a tentar impulsionar as coisas, na banda que tinha à época, os Powersource. Nessa altura já estava na faculdade, ainda recebi um convite do Zé Costa para substituir o Jorge na bateria dos Sacred Sin, que já me tinha substituído no próprio grupo. Na faculdade comecei a escrever artigos de opinião sobre a internet e comecei a interessar-me pela área do jornalismo. A partir daí, em tudo que era possível, tentei meter o heavy metal, fundei o blogue Metal Incandescente, que teve bastante impacto na cena nacional. Comecei a ter várias colaborações em *sites*, revistas e blogues a nível do metal. Alguns desses textos deram origem ao meu primeiro livro, «Breve História Do Metal Português». Depois uma coisa leva à outra e acabaram por vir os outros livros.

Algo que não referiste é o tema do *coaching* de bandas.
Foi algo que não me deu grande resultado. Isto acabou por tornar-se uma moda por cá, e é difícil distinguir o que efectivamente resulta. Comecei por fazer *coaching* musical, nessa altura não havia nada, e continua a ser uma área em que há muito por fazer e ainda bastante desconhecida. Também por isso, as pessoas sem a informação não têm a possibilidade de conhecer os benefícios que podem advir daí.
Isso deveria ser uma função de *managers* e produtores, algo que eles não fazem, ou fazem muito pouco, resultando posteriormente em más opções dos grupos.
Exactamente, é muito por aí que o *coaching* podia ajudar. Um bom produtor puxa pela banda e deve saber como o fazer, assim como o *manager*. O *coaching* musical tem muita adesão lá fora, em particular nos Estados Unidos e Brasil, onde muitos músicos reconhecidos possuem um *coach*. Saindo um pouco da área, mas um caso que colocou o *coaching* na ordem do dia, foi o exemplo do Éder, no futebol. Na altura em que tentei iniciar isso, os músicos nacionais não estavam muito virados para essa área e não percebiam as potencialidades que o *coaching* pode ter. Foi uma experiência que não durou muito.

O teu primeiro livro obrigou-te a mergulhar no passado, foi fácil?
Foi uma coisa progressiva. Naquela época em que colaborei com diversas publica-

"Portugal é tradicionalmente um país de emigrantes e imigrantes, e pensei que usar o metal como fio condutor era algo original."

ções, escrevi artigos sobre o passado do metal nacional e recuei até aos anos 70 e ao que se fazia por cá de psicadelismo. Publiquei isso na SounD(/)ZonE do Nuno Costa, que na época era de referência e que deixou saudades. Fiz alguma pesquisa para publicar e quando encontrava nova informação, acrescentava ao já publicado, criando uma dinâmica à volta do texto. A uma dada altura, apercebi-me que aquilo que eu tinha já dava um livro, pois já tinha cento e tal páginas de informação. Desde 2000 que o meu sonho era compor uma enciclopédia, e cheguei a criar um blogue intitulado «A a Z do Metal Português». Lá tentava inserir todos os dados que conseguia descobrir, desde a banda mais escondida até aos Moonspell. Inicialmente fiz uma edição para *download* gratuito e mais tarde pude fazer uma edição em papel que cobria tudo entre 1966 e 99. Muita gente pediu-me uma segunda edição, em que incluísse dados de 99 para a frente. Penso que a partir de 99 há uma desproporção muito grande, pois num período abarco 33 anos e noutro dezasseis, isto na época.

Por outro lado, nesse período mais recente tiveste mais edições e grupos activos.
Sim, há um doutoramento a ser realizado no Porto em que se identificaram mais de 1.700 bandas formadas em Portugal.

De metal só?
Acabas por misturar com o rock, ao falares do rock psicadélico dos anos 60 e 70, nomes como Xaranga, que ainda não era hard rock, mas um rock menos convencional para a época. Rock que já não se limitava a copiar nomes como Beatles ou Rolling Stones, como muitos dos grupos da época que ganhavam dinheiro a fazer versões dessas bandas. Esses nomes representam o proto metal do panorama nacional.

Algures nesta pesquisa, aparece o segundo livro.
«A Portuguese Rock And Metal Route – The Underground Guide» era para ser o terceiro livro, mas acaba por ser o segundo. Editei a segunda edição do «Breve História Do Metal Português» em Março de 2016 e três meses depois já estava a fazer a primeira entrevista para este presente livro. Estava a ouvir notícias sobre a questão dos migrantes e a pensar que Portugal é tradicionalmente um país de emigrantes e imigrantes, sendo mais portugueses a sair que outros a entrar. Pensei que usar o metal como fio condutor era algo original, podendo falar não só de músicos como jornalistas ou produtores e perceber como era a sua integração nessas comunidades e perceber se tinham projectos ou não. Por outro lado queria comparar as cenas locais com a nacional, deixando o leitor tirar as suas próprias conclusões.

Já que chegamos a este novo livro, que critério tiveste na escolha? Há nomes óbvios como Sérgio Crestana ou Mike Gaspar, Vasco Ramos, mas como surgem as escolhas?
Inicialmente o objectivo era ir mais atrás, até ao início dos anos 80, mas não foi fácil, até porque falas de músicos sem presença nas redes sociais. Ou então pessoal a que cheguei através do amigo de um amigo, e não responderam, ou disseram mesmo que era um assunto já sem interesse. E por isso acabei por definir um período temporal que começou em 1989, com o Orlando Matias dos STS Paranoid, a primeira pessoa que entrevisto, até ao momento presente. Aqui representei o lado profissional e o pessoal. No caso do Mike Gaspar ele fala da infância dele, do que fazia nos Estados Unidos antes de vir para cá, fazendo uma retrospectiva de como se integrou em Portugal, na escola e mais tarde nos Decayed. O Rodrigo Leal conta-me que as primeiras contracções da mãe foram num estúdio e foi dali para o hospital para o parto, nasceu envolto em música. Fui buscar tudo isso não só para entender a pessoa, mas também a sua carreira. Foram cerca de 30 entrevistas a tentar perceber a vida de outras tantas pessoas. Queria quinze portugueses e quinze estrangeiros, mas estes estiveram em menor quantidade porque alguns recusaram, ou pessoas em nome deles.

"O Rodrigo Leal conta-me que as primeiras contracções da mãe foram num estúdio e foi dali para o hospital para o parto, nasceu envolto em música."

JUDAS PRIEST
FOTOS: JORGE BOTAS

WATAIN

BLOODSTOCK OPEN AIR

18.08.09-12 – Catton Park, Walton-on-Trent, Inglaterra

Um misto de sol e chuva brindou mais uma edição do festival Bloodstock em Inglaterra. Felizmente, menos chuva do que seria expectável, mas o sol só se viu a espaços entre as nuvens que teimaram em não arredar pé durante todo o festival. No primeiro dia "a sério", sexta-feira, dia 10, os **Feed The Rhino** tiveram honras de abertura do palco principal e deixaram um rasto de destruição, principalmente com o *wall of death* quase a fechar a sua actuação, com o vocalista Lee Tobin lá metido no meio. No palco Sophie Lancaster, os **Deity's Muse**, que viajaram directamente da África do Sul, mostraram-se um pouco nervosos e intimidados, talvez pela responsabilidade de abrir a tenda. Seguiram-se os britânicos **Onslaught**, que apresentaram o novo guitarrista e baterista, e ainda um tema novo, «A Perfect Day To Die». Já os **Memoriam** foram brindados com chuva, mas também com um público que recusou arredar pé para ver estes músicos lendários da cena britânica. A primeira grande actuação estava reservada para **Wednesday 13**, com o músico norte-americano a entrar de machado em punho no palco e a conseguir, durante 40 minutos, centrar em si todas as atenções. Os **Bloodbath** deram um bom concerto, apesar da alguma inércia de Nick Holmes, o que obrigou o guitarrista Anders Nyström a ter que carregar a banda. Quem aproveitou e bem a oportunidade de actuar no palco principal foram as japonesas **Lovebites**, que substituíram naquele *slot* os Suicidal Tendencies, que estavam atrasados. O quarteto de power metal japonês conseguiu captivar e bem o público presente com alguns temas do mais recente EP, «Battle Against Damnation». Com os **Kamelot** não há muito que enganar. Vemos uma banda numa forma impressionante, muito graças à presença de Tommy Karevik, que consegue ter o público nas mãos com uma facilidade incrível. Incrível é também o adjectivo para descrever o atrasado concerto dos **Suicidal Tendencies** no palco secundário. Com a tenda completamente a abarrotar, a banda de Mike Muir e companhia deu *show* e foi de perder a conta ao número de pessoas que saltou a barreira de protecção. De volta ao palco principal, os **Emperor** tocaram na íntegra o disco «Anthems To The Welkin At Dusk», mas houve qualquer coisa na actuação que não clicou. A fechar o primeiro dia no palco principal e a jogar em casa, os **Judas Priest.** Um concerto um pouco mais longo do que tínhamos visto em Lisboa, mas sem grandes surpresas. Já **Doro** brindou os presentes com uma escolha maioritária de clássicos dos Warlock e ainda contou com a presença do guitarrista Tommy Bolin.

No dia 11, também conhecido como o dia das camisas havaianas, tivemos algumas surpresas. A começar pelos texanos **Power Trip**, que apesar de tocarem possivelmente à hora que estão habituados a ir para a cama, e que deram o primeiro grande concerto deste dia. O power metal *cowboy* dos **Orden Ogan** trouxe muita pirotecnia, mesmo sem baixista. Na tenda, os irlandeses **Dead Label** deram um excelente concerto e tentaram bater um recorde mundial para o maior *wall of chaos*. Os britânicos **Conjurer** foram outra das grandes surpresas, com uma actuação bastante intensa, a mostrar um futuro risonho para este quarteto. Já os nórdicos **Vola** exibiram toda a sua técnica num concerto subtil e que serviu para apreciar a qualidade dos músicos. De regresso ao palco Ronnie James Dio, os gregos **Septicflesh** ficaram um pouco aquém do que seria esperado, pouco à vontade num espaço demasiado grande para eles. Os **Venom Inc** apresentaram-se com o regressado Mantas, depois do susto de saúde que apanhou, e lá foram destilando clássicos dos Venom como se o tempo não tivesse passado. Com os **Combichrist** tivemos uma actuação de encher o palco e o olho. Os **Alestorm** proporcionam festa garantida e foi exactamente isso que os piratas escoceses trouxeram para Inglaterra. Já durante os **Cannibal Corpse**, muita gente vestida a rigor, ou seja, com as camisas havaianas que acabaram por dar cor a um concerto monótono dos norte-americanos. Já os **Exhorder** estiveram em boa forma na tenda com a interpretação de clássicos de «Slaughter In The Vatican» e «The Law». A noite fechou no palco principal com os **Gojira**, que apesar de todo o fogo e baleias insufláveis, mostraram que ainda não estão bem preparados para serem cabeças-de-cartaz de um festival desta dimensão. A boa disposição instalou-se no fim da noite com a actuação festiva dos israelitas **Orphaned Land**.

O dia 12 começou com a nossa chegada ao recinto perto do final da actuação dos **Monument,** uma banda claramente influenciada pelos Iron Maiden. Seguiram-se os suecos **Evergrey**, que apesar de ainda nem ser hora de almoço, deram um dos melhores concertos de todo o festival. Os **Amaranthe** tiveram problemas técnicos e viram o seu *slot* reduzido a metade. Já os **Fozzy** de Chris Jericho mostraram que a experiência do seu vocalista no mundo do entretenimento é crucial para se conquistar o público, algo que faz melhor que ninguém. **Jamey Jasta** trouxe alguns amigos consigo, como foi o caso de Howard Jones, Dino Cazares e Kirk Windstein, mas por muitos mais amigos que trouxesse, temos sérias dúvidas que a *performance* poderia ser melhor do que já foi. Bom, bom, foi o concerto dos **Mr Big**, que foram talvez a banda mais rock e menos metal do palco principal, mas quando se tem Billy Sheehan, Paul Gilbert e uma série de grandes canções, as coisas só podem correr bem! Com os **Devildriver** o peso voltou, mas neste momento parecem uma banda sem grandes ideias. Pelo mesmo diapasão estão afinados os **Act Of Defiance** que efetivamente têm bons músicos, mas boas ideias é que nem por isso. Surpreendente foi a actuação dos **At The Gates** que apresentaram um Tomas Lindberg muito bem disposto e um alinhamento quase perfeito. Quase a terminar o festival, os **Nightwish** mostraram viver um momento de graça onde todos os músicos parecem felizes por estar em palco. A vocalista Floor Jansen é um autêntico furacão e faz jus a todos os clássicos apresentados ao longo da noite que percorreu toda a carreira da banda. Mas o melhor mesmo estava guardado para a última actuação do festival: os **Watain**. Se o inferno existe, deve estar bem próximo daquilo que é um concerto dos suecos. Fogo, muito fogo, sangue e um autêntico arraso sónico, foi o que a banda de Erik Danielsson apresentou em palco, não deixando indiferente quem por lá passou, fechando assim com chave de ouro mais um Bloodstock. [J.B.]

ELECTRIC WIZARD
FOTO: EMANUEL FERREIRA

MILHÕES DE FESTA

18.09.18 – Barcelos

Esta foi uma edição do Milhões de Festa em que a data se alterou, mas permaneceu a salutar manta de retalhos musical, embora os nomes de peso, e praticamente os únicos LOUD!áveis, estivessem mais concentrados no Sábado. Ainda alguns falavam dos Cycles na noite anterior, e o final da tarde entrava em regime sludge e grind. De Braga chegaram os **Pé Roto**, que surpreenderam com a qualidade do seu som. A banda do Poço pode não ter estado muito activa, e o seu EP já remonta a 2016, mas os temas estão lá, e de que maneira. Seguiu-se essa locomotiva rítmica que dá pelo nome de **Greengo**. O duo mais uma vez conseguiu mexer com todos ao som das malhas do disco de estreia, «Dabstep», num concerto memorável. Para concluir a tarde, os **Nashgul**, da Corunha para Barcelos, com uma injecção de grind que levantou um redemoinho na frente do palco Taina. Com a noite, a programação diversificou-se e só voltou a estar mais pesada com um duo também vindo da Corunha, que se designa por **Bala** e que trouxe um rock bem esgalhado e repleto de energia. Sem serem muito diferentes dos duos guitarra/bateria que já circulam por aí há um par de anos, estas galegas mostraram ter garra. Finalmente, já no palco principal, veio o nome pelo qual todos esperavam, **Electric Wizard**. Actuando quase sempre em contra-luz, tão lentos quanto pesados, com Liz Buckingham a debitar riffs e Jus Oborn entre solos e vozes angustiadas, perguntando se todos estavam *high*, sempre que se dirigia ao público. Arrancando com «Witchcult Today» e terminando com «Funeralopolis», o quarteto britânico esteve quase sempre estático, enquanto atrás deles se iam exibindo *clips* que eram um misto de filmes de terror e de cenas de guerra. Uma actuação que conseguiu levar muitos ao transe mental, sem necessidade de aditivos. **[E.F.]**

OUT OF SIGHT FEST

18.09.14-15 – A.R.C.M., Faro

Outros bem se promovem como o "último grande festival de Verão", mas a primeira edição do Out Of Sight Fest, que teve lugar no recinto da Associação Recreativa e Cultural de Músicos em Faro, prova-nos não só que o tamanho não interessa, mas também que o festival tem argumentos para se tornar um festival underground de referência. Foram, ao todo, catorze as bandas que passaram pelas duas noites de festival (os Holocausto Canibal cancelaram devido a um imprevisto durante a viagem), com as sonoridades pesadas a marcar o ritmo. Entre bandas punk, metal e hardcore, não faltaram motivos para estar presente. A jogar em casa tivemos projectos como **Villain Outbreak** e **Shadowmare**, duas bandas metal com *grooves* diferentes, mas a mesma solidez em palco. Não faltaram também as estreias por terras lusas, como foi o caso dos alemães **Giver** e dos bascos **Meltdown**. Foram dois concertos enérgicos, com espectros diferentes de hardcore, mas bastante intensos. O punk esteve muito bem representado pelos nacionais **To All My Friends**, **Fitacola**, **Decreto 77** e **Albert Fish**. O registo sempre de festa e animação esteve presente, não esquecendo nunca a incisividade que caracteriza o género. Do hardcore mais tradicional dos **Grankapo** ao death metal brutal dos **Analepsy**, passando pelo som pesado dos "novatos" **Linchpin** ou o thrash metal dos **Primal Attack**, as bandas portuguesas marcaram grande parte do festival. Contudo, foram os alemães **Risk It!**, na primeira noite, e os No **Turning Back**, dos Países Baixos, quem mais meteu o público a dançar com o seu hardcore ritmado e potente. *Singalongs*, *stage dives*, *circle pits* e muito movimento, foram as imagens de marca das actuações destas duas bandas que nunca deixam de surpreender pela positiva. Em suma, não obstante um ou outro contratempo, o Out Of Sight Fest confirmou-se como um evento a ter em conta em futuras edições e mal podemos esperar pelo anúncio da próxima. **[Mário R. Cunha]**

ANALEPSY
FOTOS: ROBERTO RAPOSO

NO TURNING BACK

AGENDA

POWERED BY WONDERWORKER
DENIM LABORATORY
RESEARCH & DEVELOPMENT

OUTUBRO

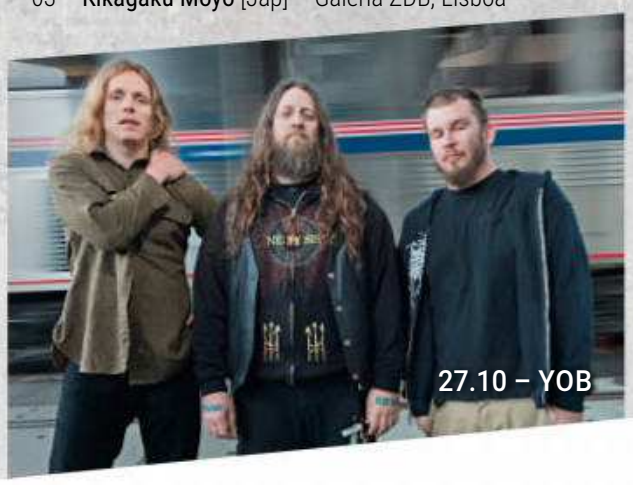
03 – **Acid Mothers Temple** [Jap] – Music Box, Lisboa
04 – **Necrot** [E.U.A.] / **Grindead** / **Biolence** / **Aischrolatry** – Metalpoint, *Porto Porto Deathfest IV*
04 – **Acid Mothers Temple** [Jap] / **The Nancy Spungen X** – gnration, Braga
04 – **S.D.I.** [Ale] / **Reaktion** [Esp] – Woodstock 69, Porto
05 – **The Parkinsons** / **Iberia** / **Dapunksportif** / **Revolution Within** / **Besta** / **Tales For The Unspoken** / **Since Today** / **The Year** / **Nowhere To Be Found** / **Decreto 77** – Pinhal Novo *Festival Bardoada & AJCOI*
05 – **Serrabulho** – A9 Bar, Santarém
06 – **Bizarra Locomotiva** / **Simbiose** / **Serrabulho** / **Grankapo** / **Reality Slap** / **Kandia** / **HoChiMinh** / **Pântano** / **Diabolical Mental State** / **Challenge** / **Cigarrette Vagina** – Pinhal Novo *Festival Bardoada & AJCOI*
06 – **Dr. Gore** [Ita] / **Grog** / **Dead Meat** / **RDB** / **Nasty Surgeons** [Esp] / **Undersave** / **Black Alley Lobotomy** / **Lvnae Lvmen** / **The Halfzeimers** – Quelha do Barrocal, Castelo Branco *Sublime Torture Fest XI*
06 – **Process Of Guilt** / **Löbo** – Side B Rocks, Alenquer
06 – **Equaleft** / **Blame Zeus** – Kraken Rock Pirate Club, Santo Tirso
10 – **Marky Ramone's Blitzkrieg** [E.U.A.] / **Greg Hetson** [E.U.A.] / **Decreto 77** – RCA Club, Lisboa
11 – **Marky Ramone's Blitzkrieg** [E.U.A.] / **Greg Hetson** [E.U.A.] / **Decreto 77** – Hard Club, Porto
12 – **Grog** / **Desire** / **Simbiose** / **Painted Black** – Club de Ancas, Anadia *Bairrada Metal Fest*
12 – **Neuropsy** / **Happy Farm** / **Emerging Chaos** – Estudantino Café, Viseu
13 – **Bizarra Locomotiva** / **GodVlad** / **Terror Empire** / **Diesel Humm!** – Club de Ancas, Anadia *Bairrada Metal Fest*
13 – **Desalmado** [Bra] / **Besta** / **Surra** [Bra] – Sabotage Club, Lisboa
13 – **Nine 0 Nine** / **Blame Zeus** / **Cold Steel Device** / **Inner Blast** / **Scar Mind** / (…) – Incrível Almadense, Almada *Soul Rising Fest*
13 – **Sotz'** / **Oppidum Mortuum** – Cabra Negra Bar, Marinha Grande
14 – **Desalmado** [Bra] / **Besta** / **Scúru Fitchádu** / **Monkey Cage** – Gasoline A.C.D., Barreiro
19 – **Irae** / **Black Howling** – RCA Club, Lisboa
20 – **Annihilation** / **Grog** / **Burn Damage** – Cave Avenida, Viana do Castelo
21 – **Annihilation** / **Grog** / **Burn Damage** – Metalpoint, Porto
24 – **Mão Morta** / **Author & Punisher** [E.U.A.] – Music Box, Lisboa
26 – **Sworn Enemy** [E.U.A.] / **Terror Empire** / **Challenge** – RCA Club, Lisboa
27 – **YOB** [E.U.A.] / **Wiegedood** [Bel] – Hard Club, Porto
27 – **Cruz de Ferro** / **Dead Meat** / **Undersave** – Centro Cultural, Cartaxo *CTX Metal Fest*
31 – **Stoned Jesus** [Ucr] / **Somali Yatch Club** [Ucr] – Hard Club, Porto
31 – **Serrabulho** / **Wicked** / **Voyance** / **Akorasis** – Hard Bar, Bustos, Oliveira do Bairro
31 – **Redemptus** – Woodstock 69 - Porto

NOVEMBRO

01 – **Stoned Jesus** [Ucr] / **Somali Yatch Club** [Ucr] – RCA Club, Lisboa
01 – **Serrabulho** / **Congruity** – Casal da Pombinha, Algarvias, Tomar *Baile dos Finados*
02 – **The Vintage Caravan** [Isl] / **Wucan** [Ale] / **Black Mirrors** [Bel] – Hard Club, Porto
02 – **Serrabulho** / **Mindtaker** – Sociedade Harmonia Eborense, Évora
03 – **The Vintage Caravan** [Isl] / **Wucan** [Ale] / **Black Mirrors** [Bel] / **Her Name Was Fire** – RCA Club, Lisboa *Sound Bay Fest*
03 – **Repulsive Vision** [Ing] / **Serrabulho** / **Analepsy** / **Rencor** [Esp] / **Warhammer** [Gre] / **Hourswill** / **Prayers Of Sanity** / **Undersave** / **Gaerea** / **Oppidum Mortumm** / **Fear The Lord** – Pavilhão Multiusos, Malveira *Oeste Underground III*
03 – **Bizarra Locomotiva** / **Destroyers Of All** / **Midnight Priest** / **Mordaça** / **Systemik Viølence** / **Toxikull** / **Pull The Trigger** / **All Against** / **F.P.M.** – Centro Social da Mimosa, Alvalade, Santiago do Cacém *Alvalade Arise*
03 – **Riverside** [Pol] / (…) – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
10 – **Sirenia** [Nor] / **Triosphere** [Nor] – RCA Club, Lisboa
10 – **WAKO** / **Purusha** – Ass. Música Velha, Pernes *Rock da Velha XV*
10 – **Mata-Ratos** / **Taberna** – Side B Rocks, Alenquer
10 – **Redemptus** – Vitoriana Pub, Barreiro
10 – **The Ransack** – Metalpoint, Porto
15 – **Beyond Creation** [Can] / **Gorod** [Fra] / **Entheos** [Can] – **Brought By Pain** [Can] – Hard Club, Porto
16 – **Bizarra Locomotiva** / **Prayers Of Sanity** / **Gaerea** / **Redemptus** / **Toxikull** – Massas Club, Coimbra *Mosher Fest VII*
17 – **Grog** / **Teethgrinder** [Hol] / **Midnight Priest** / **Web** / **Cruelist** – Massas Club, Coimbra *Mosher Fest VII*
17 – **The Ominous Circle** / **O A K** / **Aura** / (…) – Porto *Apostles Of The Eternal Fire III*
23 – **Vortex Core** / **Pântano** – Side B Rocks, Alenquer
23-25 – **Sheer Terror** [E.U.A.] / **Bizarra Locomotiva** / **V8 Wankers** [Ale] / **Hills Have Eyes** / (…) – Sala Tejo, Altice Arena, Lisboa *Lisbon Tattoo Rock Fest 2018*
24 – **Redemptus** – Bafo de Baco, Loulé
30 – **Mourning Sun** [Chi] / **Athrox** [Nor] / **Collapse Of Light** – Side B Rocks, Alenquer

DEZEMBRO

03 – **Kikagaku Moyo** [Jap] – Galeria ZDB, Lisboa



04 – **The Dead Daisies** [E.U.A.] – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
06 – **Helloween** [Ale] – Sala Tejo, Altice Arena, Lisboa *Pumpkins United World Tour 2018*
07 – **Arcturus** [Nor] / **Draconian** [Sue] / **While Heaven Wept** [E.U.A.] / **Desire** / **The Wounded** [Hol] / **Wyatt E.** [Bel] – Lisboa Ao Vivo, Lisboa *Under The Doom VI*
08 – **Sólstafir** [Isl] / **Shining** [Sue] / **Antimatter** [Ing] / **Sinistro** / **Collapse Of Light** / **Oceanwake** [Fin] – Lisboa Ao Vivo, Lisboa *Under The Doom VI*
09 – **Brujeria** [Ing/Mex] – RCA Club, Lisboa
09 – **Sólstafir** [Isl] – Hard Club, Porto
12 – **Revocation** [E.U.A.] / **Archspire** [Can] / **Soreption** [Sue] / **Rivers Of Nihil** [E.U.A.] – Hard Club, Porto
29 – **Sacred Sin** / **Serrabulho** / **Midnight Priest** / **Shutter Down** / **Daedlyforce** / **Divine Ruin** – Pavilhão dos Bombeiros, Pindelo dos Milagres, São Pedro do Sul *Assembleia do Metal*
29 – **Blame Zeus** / **Inner Blast** / **Dogma** – Side B Rocks, Alenquer

JANEIRO

18/19 – **Gut** [Ale] / **Prostitute Disfigurement** [Hol] / **Brodequin** [E.U.A.] / **Devangelic** [Ita] / **Cripple Bastards** [Ita] / **Inhume** [Hol] / **Meat Spreader** [E.U.A.] / **Epicardiectomy** [R.C.] / **Tu Carne** [Esp] / **Grog** / **Analepsy** / **Fleshless** [R.C.] / **Serrabulho** / **Crepitation** [Ing] / **Dehydrated** [Ale] / **Hymenoctomy** [Est] / **Rato Raro** [Esp] / **Annihilation** / **UXDXS** [Din] / **Pornthegore** [Rom] / **Satan's Revenge On Mankind** [Ale] / **Undersave** / **Monigo** [Esp] / (…) – RCA Club, Lisboa *XXXapada na Tromba – Freak N' Grind Fest*
12 – **Chris Holmes Mean Man** [Ing] / **Steve Grimmet's Grim Reaper** [Ing] / **Gama Bomb** [Irl] / **Agressor** [Fra] / **Night In Gales** [Ale] / **Balmog** [Esp] / **Ironsword** / **Analepsy** / **Dark Oath** / **Affäire** / **Basalto** – C.C. Santo André, Mangualde *25.º Mangualde Hardmetal Fest*

FEVEREIRO

01 – **Sardonic Witchery** [E.U.A.] / **Irae** / **Invoke** – Metalpoint, Porto
02 – **Sardonic Witchery** [E.U.A.] / **Irae** / **Invoke** – Lisboa
12 – **Obscura** [Ale] / **Fallujah** [E.U.A.] / **Allegaeon** [Can] / **First Fragment** [Can] – Hard Club, Porto

MARÇO

02 – **Korpiklaani** [Fin] / **Turisas** [Fin] / **Trollfest** [Nor] – Hard Club, Porto
03 – **Korpiklaani** [Fin] / **Turisas** [Fin] / **Trollfest** [Nor] – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
15 – **Slash & The Conspirators** [E.U.A.] – Campo Pequeno, Lisboa

PRÓXIMA LOUD! #212

SHINING BLOODBATH
UNCLE ACID & THE DEADBEATS THE OCEAN
TERRORIZER SUMAC

CHAOSPHERE RECORDINGS

PROUDLY PRESENTS

FILII NIGRANTIUM INFERNALIUM
"INMUNDITIA ODII PLENA"

KULTLP005

150 COPIES (DIE HARD EDITION)
12" SPLATTER VINYL GATEFOLD DELUXE w/ A4 BOOKLET + POSTER + LIVE TAPE
350 COPIES (REGULAR EDITION)
12" BLACK VINYL GATEFOLD DELUXE w/ A4 BOOKLET + POSTER

The return to The Kult Series with the long-awaited release of "Os Métodos Do Pentagrama" demo-tape from 1993, remastered for vinyl, with the Bactherion (pre-FNI) "The Miracle Of Death" demo-tape from 1991 as bonus!!!

DECAYED
"LIVE MMXVII"

CHAOSCP028

LIMITED EDITION CD - 333 NUMBERED COPIES

Celebrating the new line-up as a power trio, this unholy trinity delivers it's massive old school black metal with the intensity of the end of the world!!!

Glam-O-Rama ROCK SHOP
www.glam-o-rama.net

INFO / ORDER:
RUA VIRIATO Nº 12, 1050-235 LISBOA, PORTUGAL
GLAMORAMA.ROCKSHOP@GMAIL.COM / + 351 211 320 835

CHAOSPHERE RECORDINGS
www.chaosphererecordings.net

CHAOSPHERE RECORDINGS

HALLOWEEN EXTRAVAGANZA

DECAYED
"THE CONJURATION OF THE SOUTHERN CIRCLE"

CHAOSV025

333 COPIES
LTD. EDT. PICTURE DISC VINYL LP

Celebrating the 25th anniversary, the first Portuguese black metal album (1993) and probably the best one! A true worldwide classic album from the Portuguese scene. A must have for any underground collector!

GROG
"MACABRE REQUIEMS"

CHAOSV030

333 COPIES
LTD. EDT. PICTURE DISC VINYL LP

And gore created Grog! One of the seminal and most extreme bands in Portugal. This 1996 death grind opus is for sure a bloody mark in the Portuguese extreme metal scene. An essential chapter in brutality!

Glam-O-Rama ROCK SHOP
www.glam-o-rama.net

INFO / ORDER:
RUA VIRIATO Nº 12, 1050-235 LISBOA, PORTUGAL
GLAMORAMA.ROCKSHOP@GMAIL.COM / + 351 211 320 835

CHAOSPHERE RECORDINGS
www.chaosphererecordings.net